

esec

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA

Departamento de Artes e Tecnologias

Mestrado em: Ensino de Educação Musical no Ensino Básico

Em defesa do património tradicional do concelho de Soure

Maria de Fátima Marques Jorge Aires

2013

esec

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA

Departamento de Artes e Tecnologias

Mestrado em: Ensino de Educação Musical no Ensino Básico

Em defesa do património tradicional do concelho de Soure

Maria de Fátima Marques Jorge Aires

Júri:

Prof^a Doutora Maria de Fátima Fernandes das Neves (Presidente)

Prof^a Doutora Elisa Maria Maia da Silva Lessa (Arguente)

Prof^a Doutora Maria do Amparo Carvas Monteiro (Orientadora)

2013

Agradecimentos

À minha orientadora Professora Doutora Maria do Amparo Carvas Monteiro pela motivação, exigência, disponibilidade e acompanhamento em todas as etapas de trabalho, compreensão, interesse e amizade;

Ao Agrupamento de Escolas Martinho Árias – Soure (nas pessoas do seu diretor, docentes, alunos e famílias) pelo contributo na concretização do projeto;

A todos os grupos e artesãos presentes no *Encontro Pedagógico*;

À Câmara Municipal de Soure, na pessoa da vereadora do pelouro da cultura Dr^a Ana Treno, pela disponibilidade e cooperação;

À Biblioteca Municipal de Soure, pela disponibilização de fontes documentais e bibliografia, essenciais para o nosso estudo;

À minha família, pelo apoio e compreensão nas horas de maior angústia;

Às minhas colegas Ana Paula e Sónia pela partilha de ideias e pelo apoio nos momentos bons e menos bons;

O meu muito obrigada!

Resumo

Numa perspectiva correlacional entre a aquisição de conhecimento e as vivências naturais do dia-a-dia, este estudo foi desenvolvido com vista a estabelecer pontes entre a sala de aula e as práticas comunitárias. Impôs-se, por isso, em primeiro lugar, fazer uma pesquisa da prática musical, dos usos e costumes locais, tal é a nossa convicção de que a compreensão do passado leva a uma melhor compreensão de si próprio e da realidade.

O trabalho tem ainda por base a caracterização do contexto educativo, do ponto de vista histórico e social e procura compreender a relevância da função docente no ensino da Educação Musical, à luz das orientações curriculares e de conceituadas teorias pedagógicas.

A par da descrição teórica do tema, o trabalho apresenta um estudo de cariz empírico que pretende entender e, de certa forma, evidenciar que a salvaguarda do património tradicional local pode passar pela intervenção da Escola, através da estruturação do currículo e sua regionalização, de molde a transformar o currículo fechado em currículo aberto, podendo contemplar interesses e motivações dos diferentes atores da comunidade educativa.

Palavras-chave: Património tradicional, folclore, sistema educativo, Educação Musical.

Abstract

The present work was developed to build bridges between the classroom and the cultural practice of a community bearing in mind a correlation perspective between the acquisition of knowledge and everyday life. Firstly, a research of the local customs was needed, since it is our belief that understanding one's past leads to a better understanding of oneself and one's reality.

This work is also based on the historical and social characterization of the educational context and aims to understand the importance of the teacher's role in teaching music taking into consideration the curriculum guidelines and the major pedagogical theories.

Together with the theoretical theme description this work depicts an empirical study which intends to comprehend and, in a way, demonstrate that the preservation of the local traditional heritage might be carried out by the intervention of School. This can be achieved by structuralizing and regionalizing the curriculum changing it from a closed curriculum to an open one, a curriculum that might include the interests and motivations of the different players in the educational community.

Keywords: Traditional heritage, folklore, educational system, music education

ÍNDICE

Agradecimentos	I
Resumo	II
Abstract.....	III
Índice de figuras.....	VIII
Índice de tabelas e gráficos.....	IX
Abreviaturas e siglas	X
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO	5
PATRIMÓNIO TRADICIONAL.....	7
O conceito.....	7
O Folclore no concelho de Soure.....	11
Grupo Folclórico e Etnográfico de Alfarelos – contributo na recolha e salvaguarda dos usos e costumes da região.	13
O SISTEMA EDUCATIVO.....	28
A Educação em Portugal e as Reformas Curriculares.....	28
Projeto Educativo de Escola (PEE) no quadro da autonomia e gestão escolar	37
A Música no currículo do Ensino Básico: expressão e educação musical ...	40
O papel do professor/educador e a importância das TIC	48
CAPÍTULO II – INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA	53
Objetivos e Metodologia	55
Contexto geográfico e humano onde foi aplicado o estudo.....	57
Análise e discussão dos resultados dos inquéritos	64
Conclusões	69
CAPÍTULO III – DESCRIÇÃO DO «ENCONTRO PEDAGÓGICO»	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
Bibliografia	91

Webgrafia	96
Legislação.....	101
ANEXOS	103
Anexo 1 – As festas	105
Anexo 2 – Calendário festivo do concelho de Soure.....	107
Anexo 3 – Romarias.....	109
Anexo 4 – O casamento	110
Anexo 5 – A matança do porco	112
Anexo 6 – Ir à fonte	114
Anexo 7 – Pesca de rio.....	115
Anexo 8 – A Lavadeira	116
Anexo 9 – A monda	117
Anexo 10 – A lavoura	118
Anexo 11 – A cultura do milho	120
Anexo 12 – O moleiro e o forno da poia.....	122
Anexo 13 – A apanha da azeitona	123
Anexo 14 – A pastorícia.....	124
Anexo 15 – A olaria.....	125
Anexo 16 – Empalhador e esteireira	126
Anexo 17 – Listagem de artesãos do concelho de Soure	127
Anexo 18 – Gastronomia do concelho de Soure	128
Anexo 19 – Inquéritos aplicados aos alunos	129
Anexo 20 – Inquéritos aplicados às famílias.....	132
Anexo 21 – Trabalhos realizados pelos alunos	135
Anexo 22 – Lista de grupos de folclore do concelho de Soure.....	143
Anexo 23 – Resultados dos inquéritos aplicados aos alunos e famílias	144
Anexo 24 – Planificação do Encontro Pedagógico.....	148
Anexo 25 – Proposta de atividades para o Encontro Pedagógico	149
Anexo 26 – Ofício à Câmara Municipal de Soure.....	150

Anexo 27 – Convite à Santa Casa da Misericórdia de Soure	151
Anexo 28 – Convite à APPACDM de Soure.....	152
Anexo 29 – Convite aos artesãos	153
Anexo 30 – Programa do Encontro pedagógico	154
Anexo 31 – Convite aos pais e encarregados de educação.....	155
Anexo 32 – Cartaz do Encontro pedagógico	156
Anexo 33 – Jogos Musicados	157

Índice de figuras

Fig. 1 – Grupo Folclórico e Etnográfico de Alfarelos.....	16
Fig. 2- Freguesias do concelho de Soure.....	57
Fig. 3 - Danças de roda.....	74
Fig. 4 - Saltar à corda.....	75
Fig. 5 - Jogo da macaca.....	75
Fig. 6 - Exposição de trabalhos.....	76
Fig. 7 - Grupo de Cantares da S. Casa da Mis. Soure.....	77
Fig. 8 - G. Danças e Cantares da APPACDM - Soure.....	78
Fig. 9 - G. Gaitas Traditionalis de Soure.....	78
Fig. 10 - Lanche convívio.....	79
Fig. 11 - Rendas e bordados.....	80
Fig. 12 - Queijeira e tremoçeira.....	80
Fig. 13 - Costureira - D ^a Celeste Silva (Alfarelos).....	81
Fig. 14 - Mantas de fitas - D ^a Maria do Céu (Alfarelos).....	81
Fig. 15 - Bonecos de trapos - D ^a Licínia Egas (Alfarelos).....	81
Fig. 16 - Empalhador - Sr. Joaquim Egas (Alfarelos).....	82
Fig. 17- Pescador de rio - Sr. Joaquim Freitas (Alfarelos).....	82
Fig. 18 - Latoeiro - Sr. Aníbal Lebre (Soure).....	82
Fig. 19 - Monitora do ATL - EB 1,2 de Soure.....	83

Índice de tabelas e gráficos

Tabela 1 - Grupos de folclore federados, do concelho de Soure	12
Tabela 2 - Grupos de folclore não federados, do concelho de Soure.....	12
Tabela 3 - Outros grupos de folclore do concelho de Soure.....	12
Tabela 4 - Festivais de folclore realizados no concelho de Soure em 2012	13
Tabela 5 - Romarias habituais frequentadas pela população de Alfarelos	17
Gráfico 1 - "O que é Música Tradicional" para os alunos.....	64
Gráfico 2 - "O que é Música tradicional" para as famílias.....	65
Gráfico 3 - "Cantigas tradicionais" que os alunos conhecem.....	65
Gráfico 4 - "Cantigas tradicionais" que as famílias conhecem	65
Gráfico 5 - "Jogos tradicionais" que os alunos conhecem	66
Gráfico 6 - "Jogos tradicionais" que as famílias conhecem.....	66
Gráfico 7 - "Instrumentos tradicionais" que os alunos conhecem	66
Gráfico 8 - "Instrumentos tradicionais" que as famílias conhecem	67
Gráfico 9 - "Rezas e mezinhas tradicionais" que os alunos conhecem	67
Gráfico 10 - "Rezas e mezinhas tradicionais" que as famílias conhecem.....	67
Gráfico 11 - "Grupos tradicionais do concelho de Soure" que os alunos conhecem.....	68
Gráfico 12 - "Grupos tradicionais do concelho de Soure" que as famílias conhecem.....	68
Gráfico 13 - Modo como os alunos tomaram conhecimento das tradições do concelho.....	68
Gráfico 14 - Modo como as famílias tomaram conhecimento das tradições do concelho.....	69

Abreviaturas e siglas

AEC – Atividades de Enriquecimento Curricular

AEMA – Agrupamento de Escolas Martinho Árias

AFERM – Associação de Folclore e Etnografia da Região do Mondego

APPACDM – Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental

ATL – Atividades de Tempos Livres

CD – Compact Disc

CMS – Câmara Municipal de Soure

DLei – Decreto-Lei

DN – Despacho Normativo

EB – Ensino Básico

EM – Educação Musical

EMEB – Educação Musical do Ensino Básico

ESEC – Escola Superior de Educação de Coimbra

ESP – Ensino Superior Politécnico

GFEA – Grupo Folclórico e Etnográfico de Alfarelos

INATEL – Instituto para o Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores

LBSE – Lei de Bases do Sistema Educativo

MEC – Ministério da Educação e Ciência

NEE – Necessidades Educativas Especiais

ONU – Organização das Nações Unidas

PEA – Projeto Educativo de Agrupamento

PEE – Projeto Educativo de Escola

SASE – Serviço de Ação Social Escolar

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Ainda o chilrear da passarada não se tinha esfumado na névoa da manhã e já do empoeirado largo da aldeia outro chilrear inundava o ar em gritos de alegria incontida, que aqueciam a frescura da matina com a inebriante doçura dos rapazitos perseguindo o arco, meneando as cabecitas luzentes ao ritmo bamboleante do rolar do pião num “tem-te Maria não caias” de deliciosa incerteza ou descrevendo apertadas trajetórias em corridas, mais imaginadas que reais, ao volante de uma carreta de cana, a que uma rodela de roliço tronco de pinho emprestara a roda. Do outro canto do terreiro, ouviam-se vozes esganiçantes de rapariguitas que deixavam adivinhar vestidos coloridos na girândola entontecedora do lencinho, nas palmas ritmadas do “ah!ah! minha machadinha...” ou nos gestos cândidos mas sabedores das aprendizes de modista caprichando na boneca mais bem vestida.

António Simões Cardoso, *Cantigas e Jogos da Nossa Terra*

INTRODUÇÃO

O presente trabalho *Em defesa do património tradicional do concelho de Soure*, aparece como tema de uma investigação no âmbito do Mestrado em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico, ministrado na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra e propõe uma reflexão em torno das práticas pedagógicas, no âmbito da Educação Musical e sua importância na salvaguarda do património tradicional.

Cingindo-se o período do estudo ao ano letivo 2011/2012, pretendemos com ele, averiguar qual o conhecimento que os alunos de sexto ano detêm sobre os usos e costumes locais e a forma como foi adquirido, qual a importância das TIC na aquisição deste tipo de conhecimento e analisar um conjunto de dados essenciais a uma melhor compreensão acerca da possibilidade de implicar a comunidade escolar, e mais concretamente, os alunos no processo de recolha, salvaguarda e divulgação das tradições da região onde se integram.

O tema ganhou maior significado a partir da experiência que possuímos em docência da Educação Musical, vinte anos de exercício efetivo da docência no EB, tendo, ao longo deste tempo, diagnosticado alguma resistência por parte dos alunos em abordar questões relacionadas com o folclore e a etnografia. Pesou, ainda, o facto de, ao longo de dez anos a mestranda ter sido membro ativo do *Grupo Folclórico e Etnográfico de Alfarelos*, responsável por grande parte das recolhas aí efetuadas e por considerar relevante a atividade que os grupos folclóricos e etnográficos exercem no panorama social e cultural do concelho de Soure. Há também a salientar as orientações curriculares do MEC, e a importância que é dada ao tema no programa da Educação Musical, explicitada no

documento *Currículo do Ensino Básico – Competências Essenciais*, (2001, p.151) quando refere que as experiências de aprendizagem devem «promover a valorização do património artístico e cultural nacional, regional e local de uma forma ativa e interventiva».

Pois, sendo um dos objetivos traçados na Lei de Bases do Sistema Educativo Português, referente à área da Educação Musical, procedeu-se à preparação dos estudantes, no sentido de estes serem capazes de intervir, de forma crítica e responsável, na vida cultural das comunidades onde estão inseridos, foi natural e consequente a integração no projeto que ora apresentamos, do Encontro Pedagógico inserido na parte empírica daquele. Assim e porque a música popular e folclórica é de grande riqueza nesta região de Soure, foi feito um estudo deste género de música e dos grupos existentes, com a finalidade de descobrir «as características locais e especificidades [...]» (Formosinho et al. 2005: 20), contribuindo para “uma gestão do currículo”, enfatizando «como instrumento de produção de identidades pessoais, sociais e culturais» (Moreira e Pacheco, 2006, p. 8).

No entanto e como é do conhecimento geral da comunidade educativa, esta autonomia atribuída às escolas nas orientações curriculares emanadas pelo MEC, ainda não se tem concretizado em resultados positivos alargados. Maria do Céu Roldão (2005, p. 76), em estudo por si coordenado, procurou avaliar as novas práticas de gestão curricular das escolas, concluindo que a “gestão estratégica” local do currículo «não foi apropriada pelos professores [...], porque toda a estrutura normativa e todas as lógicas hierárquicas se mantiveram inalteradas», havendo apenas «pequenos campos pontuais de alteração e melhoria».

Por fim, mas não menos relevante, o facto da mestranda exercer a atividade docente no Agrupamento de Escolas Martinho Árias de Soure, nos últimos oito anos letivos.

Numa primeira parte e no âmbito da *contextualização teórica*, procedemos ao estudo da evolução histórica do sistema educativo e do ensino da Educação Musical em Portugal bem como das diversas reformas curriculares, que focámos em linhas muito gerais.

Na segunda parte apresentamos elementos da *investigação empírica*, para a qual pusemos em prática uma metodologia baseada na investigação-ação, com aplicação de inquéritos para recolha de dados. Com o mesmo propósito e conhecendo o trabalho desenvolvido pelo *Grupo Folclórico e Etnográfico de Alfarelos*, aprovado pela Federação do Folclore Português (um dos organismos mais credíveis nesta matéria), apresentamos uma síntese das suas recolhas/representações, complementada com o trabalho de pesquisa realizado por nós e pelos alunos implicados no estudo, junto das famílias e pessoas mais idosas do concelho.

Com o intuito de dar resposta às questões de partida, levámos a cabo a realização do evento *Encontro Pedagógico*, do qual aqui se apresenta uma descrição detalhada das atividades, diligências e contributos implicados na sua concretização e através do qual foi possível constatar que a Escola pode e deve articular o currículo, por forma a proporcionar situações diversificadas de aprendizagem, onde a observação direta e a participação ativa sejam possíveis, valorizando dessa forma, o encontro e a partilha de saberes, dando ao estudante o acesso (e não apenas apenas conhecimento sobre a possibilidade) de um currículo pluricultural, com vivências musicais diversificadas e com reflexos imediatos, através do

seu envolvimento no estudo e valorização do património musical local. Nas considerações finais, sistematizamos o que de mais relevante se conseguiu apurar ao longo da investigação, apresentando respostas aos objetivos inicialmente formulados e apontando propostas de atuação futura, relativamente ao tema estudado.

CAPÍTULO I

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

PATRIMÓNIO TRADICIONAL

O conceito

Estudar as questões do património pode ser uma tarefa complexa dada a diversidade de significados associados ao conceito. Tendo em conta os objetivos e a especificidade do estudo limitámos a pesquisa ao estritamente necessário por forma a contextualizar o nosso trabalho. Assim, considerámos importante averiguar a raiz etimológica da palavra *património* – raiz latina (*pater*), designa algo que possui valor e que é herdado ou comprado e *tradição* – raiz latina (*traditio, tradere*), transmissão oral de fatos, lendas, dogmas, etc; de geração em geração.

Vivian Mendonça – apoiando-se em Hannah Arendt (1906-1975),¹ e na obra intitulada *Entre o Passado e o Futuro* refere que:

Antes dos romanos, desconhecia-se algo que fosse comparável à tradição; com eles [os romanos] ela veio, e após eles permaneceu o fio condutor através do passado e a cadeia à qual cada nova geração, intencionalmente ou não, liga-se em sua compreensão do mundo e em sua própria experiência. (Mendonça, 2008, p.41)

No âmbito específico do nosso estudo, o conceito pode ainda identificar-se de *património cultural imaterial*, que se traduz por, herança de gerações anteriores que abrange «tradições orais, os costumes, a música, os bailes, os rituais, as festas, a medicina tradicional e farmacêutica, as artes culinárias e todas as habilidades especiais relacionadas com os aspetos materiais da cultura, tais como as ferramentas e o habitat»².

¹ Filósofa, política alemã, de origem judaica.

² Para maior esclarecimento, *vide Glossário de Termos*, in Portal do Folclore Português. Disponível em <http://www.folcloreonline.com/glossario/p.html#.Uh8LG9KsiSo>.

Pode, então, dizer-se que *Património tradicional* entronca em outros dois conceitos, «folclore» e «etnografia». Etimologicamente, a palavra «folk» significa povo, nação, família e «Lore» significa instrução, conhecimento, saber. É, pois, consensual que por *folclore* se entenda: conjunto de tradições e crenças expressas em provérbios, contos ou canções populares relativas a certa época ou região. *Etnografia*, cuja palavra deriva dos vocábulos gregos «etnos» que significa povo e «grápho» que significa descrever, tem como principal objetivo o estudo descrito de um povo, nos seus comportamentos sociológicos.

O termo «folk-lore» terá sido usado pela primeira vez como título de um artigo na revista *The Athenaeum*, de Londres, em 1846, escrito pelo antiquário inglês, William Jonh Thoms (1803 – 1885), cujo significado apontava para *a sabedoria do povo* associada às antiguidades populares.³ Não podemos tratar este tema sem deixar de referir algumas das mais importantes figuras na preservação do folclore e da etnografia do nosso país, começando por Teófilo Braga⁴ (1843 – 1924), responsável pelo *Cancioneiro Popular e Romanceiro Geral* (1867). César Augusto Pereira das Neves⁵ (1841 – 1920) que, em 1868, funda a primeira oficina tipográfica de música do país e se dedica à recolha de música dos cantos populares, os quais originaram em 1893 o *Cancioneiro de Músicas Populares* e onde se encontram registadas letra e música de canções, chulas, fados, hinos, cantilenas da tradição popular. Michel Giacometti⁶

³ BIASI, 2008, p. 31.

⁴ Político, professor e escritor português.

⁵ Professor, músico e tipógrafo. Para maior esclarecimento *vide Lembrança de César das Neves*, António Manuel Nunes. Disponível em <http://guitarradecoimbra.blogspot.pt/2007/02/lembranca-de-csar-das-neves-1841-1920.html>.

⁶ Etnomusicólogo corso, pioneiro no estudo e recolha do folclore nacional.

(1929 – 1990) que se instalou em Portugal, a meio do século XX, percorreu o país e, no terreno, gravou melodias tradicionais que o povo cantava no seu quotidiano até aos dias de hoje. Em 1960, fundou os *Arquivos Sonoros Portugueses*⁷ e, posteriormente, com a parceria de Fernando Lopes Graça⁸ (1906-1994), publicou em disco a “*Antologia da Música Regional Portuguesa*”. Em 1970 foi apresentador do programa de rádio “*Povo que canta*”⁹ e, em 1981, em colaboração com Fernando Lopes Graça e editada pelo Círculo de Leitores, lança a obra “*Cancioneiro Popular Português*”¹⁰, cuja finalidade foi, tal como o próprio refere (1981: p. 5), «restituir ao povo português, o que lhe pertence de uma herança legítima, nem sempre avaliada justamente como um dos mais preciosos bens do património comum». O vasto espólio que reuniu de alfaias e objetos do quotidiano encontram-se espalhados por diversos museus do país.

Fazemos, também aqui, referência à coleção *Portugal de Perto*¹¹ e à forma como apresenta os mais diversos aspetos da cultura tradicional bem como ao trabalho aí desenvolvido por diversos etnólogos, tais como, Teófilo Braga já aqui referido, Ernesto Veiga de Oliveira (1910 – 1990), Fernando Galhano (1904 –...), Benjamim Enes Pereira (1928 –...).

⁷ Registos sonoros que integram a gravação de músicas, canções, poesia, teatro popular e entrevistas.

⁸ Músico, compositor, foi pioneiro no estudo e recolha do folclore nacional.

⁹ “*Povo Que Canta*”, programa cultural nascido de uma parceria de dois anos, entre Alfredo Tropa e Michel Giacometti. Cf. <http://www.rtp.pt/programa/tv/p16746>.

¹⁰ Coletânea de documentos e material musical tradicional (1981).

¹¹ Coleção da Biblioteca de Etnografia e Antropologia, dirigida por Joaquim Pais de Brito do ISCTE, cujos títulos se reportam ao espaço português, estudando os mais diversos aspetos da sua cultura.

Salientamos aqui a atribuição do Óscar Mundial do Folclore¹² em dezembro de 2012 ao etnógrafo, historiador e professor José Travaços dos Santos pelo trabalho meritório no campo da etnografia, no país.

Atualmente, protegido pela UNESCO, o folclore é reconhecido como ramo das Ciências Sociais e Humanas, faz parte da educação nas escolas e tem direito a incentivos públicos e privados tal como as outras ciências.

Conscientes de que muitas referências ficam por fazer, dadas as limitações impostas a este tipo de trabalho, salientamos ainda a definição de folclore atribuída a Lopes Pires¹³ e citada por Lino Mendes¹⁴ por nos resumir tudo o que anteriormente foi exposto: - *ser popular* (do gosto do povo); - *ter autor desconhecido*; - *ser tradicional* (passar de geração em geração); - *ser universal* (pertencer a uma comunidade) e o que nos diz Fernando Azevedo Reis (2007, p. 47), na sua tese de doutoramento *A Música Popular e Folclórica, como Estratégia de Ensino/Aprendizagem na Disciplina de Educação Musical do Ensino Básico (Uma Abordagem Estética)*, ao definir o folclore como :

[...] o conjunto das tradições populares próprias de uma região ou país. O folclore é composto pelo conjunto de crenças, tradições populares, rituais, canções, lendas, poesias (...) práticas, mitos, superstições, próprias do passado de uma região ou comunidade (...).

¹² Cerimónia anual promovida pelo IGF (International Union of European and Extra-European Associations), que tem como objetivo galardoar um conjunto de personalidades, a nível mundial, pelo trabalho que fizeram ao nível da preservação e divulgação do folclore.

¹³ Etnógrafo, professor e Presidente da Assembleia Geral da Federação do Folclore Português.

¹⁴ Lino Mendes é colaborador no Portal do Folclore Português, na página «Textos, Opiniões e Comentários». Para mais esclarecimentos *vide* http://www.folcloreonline.com/textos/lino_mendes/conversasI.html#.Ud6VczSo.

O Folclore no concelho de Soure

Graças ao trabalho cuidadoso e persistente que vem sendo feito por etnólogos e folcloristas, a identidade nacional revê-se num vasto e riquíssimo número de tradições que se vão perdendo no tempo mas que os grupos folclóricos têm vindo a preservar através da recolha e da representação. Conhecer os usos e os costumes do passado ajuda-nos a compreender o presente e dessa forma perceber as mudanças geracionais. Um grupo de folclore enquanto promotor de conhecimento do património tradicional da região em que está inserido, é, acima de tudo, um vivo defensor de uma identidade e parceiro social ao serviço da cultura nacional.

[...] inserindo-se no domínio da etnografia eles cumprem a função de um museu vivo através do qual se procura preservar a memória e a identidade cultural do povo. Neste domínio, os grupos e ranchos folclóricos, não devem limitar-se a serem meros grupos de danças e cantares. (Gomes¹⁵, 2012).

Seguidamente apresentamos tabelas informativas e clarificadoras da existência no concelho de Soure de 6 grupos folclóricos federados,¹⁶ igual número de grupos que, apesar de não serem federados desenvolvem trabalho similar aos primeiros e ainda, outros grupos com características próprias, criados para abrilhantar quadras festivas ou datas comemorativas, como o Carnaval, o 1º de Maio, etc., mas que, todavia

¹⁵ Carlos Gomes é jornalista, licenciado em História. Para mais esclarecimentos *Vide* <http://bloguedominho.blogs.sapo.pt/360931.html>.

¹⁶ *Vide* anexo 22. *Grupos de Folclore do concelho de Soure*. A Federação de Folclore Português é uma instituição criada em 1977 que agrupa associações culturais ligadas ao folclore. Faz parte do IGF - International Union of European and Extra-European Associations e possui um grupo de conselheiros técnicos que trabalham conjuntamente com os grupos folclóricos, dando-lhes formação no sentido da fiel representação e da autenticidade.

apresentam elementos tradicionais, quer seja ao nível dos instrumentos musicais, das melodias, das danças e cantares ou do traje.

Grupos	Data de fundação
G. Folc. Etnog. de Alfarelos	1994
G. Etnog. de Samuel	1988
R. Folc. do Cercal	1983
G. de Folc. do Melriçal	1975
R. Folc. da Pouca Pena	1975
R. Típico de Paleão;	1954

Tabela 1 - Grupos de folclore federados, do concelho de Soure

Grupos	Data de fundação
G. Folcl. Etnog. da Granja do Ulmeiro	2006
R. Folc. da Sta.Casa da Misericórdia de Soure	1995
G. Folc. Etnog. do Cimeiro	1990
R. Folc. da Freguesia de Tapéus	1982
R. Folc. do Centro Social do Sobral	1972
R. Folc. da Ribeira da Mata	1971

Tabela 2 - Grupos de folclore não federados, do concelho de Soure

Grupos	Data de fundação
Ceifeirinhas da C. Povo de Vila Nova de Anços	Reativado em 2010
G. de Danças e Cantares da APPACDM de Soure	2002
R. Folc. Papoilas da Serra	?
G. de Pauliteiros de Vila Nova de Anços	1935

Tabela 3 - Outros grupos de folclore do concelho de Soure

Apresentamos ainda tabela informativa acerca dos festivais levados a cabo ao longo do ano 2012, pelos diversos grupos de folclore do concelho de Soure.

Dia / Mês	Grupos organizadores
02 / 06	G. Etnog. de Samuel
09 / 06	R. Folc. do Cercal
16 / 06	R. Folc. do Centro Social do Sobral
17 / 06	R. Folc. da Ribeira da Mata
06 / 07	G. de Danças e Cantares da APPACDM de Soure
21 / 07	R. Folc. da Sta. Casa da Misericórdia de Soure
21 / 07	R. Folc. da Ass. Social Rec. e Cult. da Pouca Pena
28 / 07	G. Folc. Etnog. de Alfarelos
28 / 07	R. das Ceifeirinhas da C. P. de Vila Nova de Anços
29 / 07	R. Folc. Papoilas da Serra – Degracias
04 / 08	G. Folc. do Melriçal
11 / 08	R. Típico de Paleão
18 / 08	R. Folc. da Freguesia de Tapéus
01 / 09	G. Folc. Etnog. do Cimeiro
01 / 09	G. de Pauliteiros de Vila Nova de Anços
08 / 09	G. Folc. Etnog. da Granja do Ulmeiro

Tabela 4 - Festivais de folclore realizados no concelho de Soure em 2012

Pela experiência que temos, podemos afirmar que os festivais e outros encontros de folclore e etnografia têm como principais objetivos: formar e sensibilizar os grupos de folclore para um trabalho estruturado e fundamentado; refletir sobre o trabalho desenvolvido nesta área; promover a realização de boas práticas na organização destes eventos, numa ótica de responsabilidade social, de preservação da cultura tradicional e da melhoria de qualidade e ainda, debater, trocar experiências e partilhar procedimentos.

Grupo Folclórico e Etnográfico de Alfarelos – contributo na recolha e salvaguarda dos usos e costumes da região.

Referindo-nos à música popular, Torres (1998, p. 22-23), identifica canção popular com canção tradicional quando diz que

As canções tradicionais são uma fonte informativa que reúne o cerne da individualidade de uma cultura e que faz a ligação entre o presente e o passado.

Elas falam da natureza, do amor e da morte, das relações familiares e sociais.

Parafraseando Lopes Graça, a mesma autora referindo-se ao género musical propriamente dito, afirma ser

Expressão e documento da vida, sentimentos, aspirações e afectos do nosso povo, a canção portuguesa faz parte do património espiritual da nação portuguesa. (...) Amá-la é conhecemo-nos no que em nós existe de mais fundo e enraizado no solo natal (p. 23).

Assim, e tendo em linha de conta as opiniões acima referidas, achamos que o conceito de música popular que melhor se adequa ao presente trabalho deverá obedecer aos requisitos seguintes: «a música profana para os recreios, a música laica (...) de sabor trovadoresco, pelos temas melódicos e pelos temas poéticos (...)» (Reis, 2007, p. 70).

Após um aturado trabalho de campo levado a cabo por alguns alfarelenses, no ano de 1994, entusiastas da cultura popular e tradicional, recolhendo elementos do folclore e da etnografia do Baixo Mondego¹⁷ junto das pessoas mais idosas da localidade e arredores, viu nascer um grupo cujo trabalho se tem pautado pelo respeito, preservação e divulgação dos usos e costumes das gentes do Baixo Mondego, no período compreendido entre meados do séc. XIX e a primeira década do século XX.

Da sua atividade, o grupo regista a participação de Norte a Sul de Portugal, França e Brasil, em festivais de folclore, romarias, feiras, festas, marcando também a sua presença em encontros, congressos e

¹⁷ Sub-região estatística portuguesa que engloba parte da região Centro [...]. Para mais esclarecimentos *vide Estatutos da Comunidade Intermunicipal do Baixo Mondego*. Disponível em <http://www.baixomondego.pt/quemSomos/EstatutosCIM-BM.pdf>, acedido em 02 /09/2012.

ações de formação sobre folclore e etnografia. A vida do grupo está a cargo de uma direção que simultaneamente integra o número de elementos que o compõem.

Sendo a tocata constituída por concertinas, acordeão, cavaquinhos, viola baixo, ferrinhos, reco-reco e tambor, os elementos que cantam e bailam trajam em representação das posições que os seus antepassados ocupavam, gente de teres e haveres, trajos de festa mas, essencialmente, gente de trabalho com adereços adequados aos seus ofícios.

O grupo fez a sua primeira gravação de CD em 1999. É filiado na AFERM, no INATEL e a partir de 2006 pertence à Federação do Folclore Português. O trabalho de recolher, reproduzir e divulgar o folclore e a etnografia tem sido desenvolvido de forma ininterrupta e desde a realização do seu 1º Festival Nacional de Folclore, em Maio de 1996, o grupo orgulha-se de ser um digno representante da cultura popular e tradicional da sua região.

Recentemente, o grupo confirmou a sua internacionalização com o intercâmbio realizado com o Brasil. Levou a cabo uma deslocação a terras de Vera Cruz no mês de setembro de 2011 e, por sua vez, recebeu em agosto de 2012 um grupo brasileiro, conforme comprova o nosso estudo *O Caminho Para o Brasil – Uma experiência em Terras de Vera Cruz*, no qual se descrevem todas as diligências levadas a cabo pelo grupo para que o intercâmbio fosse possível.

Fig. 1 – Grupo Folclórico e Etnográfico de Alfarelos



A partir do estudo das recolhas efetuadas pelo GFEA, da pesquisa bibliográfica e ainda a partir dos testemunhos de algumas pessoas e das respetivas vivências e/ou memórias foi possível conhecer alguns dos costumes e tradições do concelho de Soure, muitas vezes vivenciados através da recriação e cuja descrição remetemos para os anexos deste trabalho.

É de referir que, com base no que a seguir se descreve, orientámos o presente estudo, destacando um conjunto de tradições do concelho de Soure que de forma alguma aqui se delimitam.

Começamos por referir as «festas»,¹⁸ chamando a atenção para uma tabela informativa bastante completa do calendário festivo no concelho de Soure¹⁹, e que remetemos para anexo. O calendário festivo do concelho de Soure tem início no mês de janeiro, com a festa em Alfarelos

¹⁸ Vide anexo 1. *As Festas*.

¹⁹ Vide anexo 2 *Calendário festivo do concelho de Soure*. Para mais esclarecimentos vide <http://www.cm-soure.pt/freguesias-soure-turismo.html>.

em honra de S. Sebastião, orago da freguesia e prolonga-se até dezembro com as festas em honra de N^a Sra. da Conceição.

Também as «romarias»²⁰ juntavam as pessoas em determinados dias do ano. Na sua essência a romaria comporta um conjunto de costumes e tradições religiosas. Todavia, outras características lhe estão associadas, nomeadamente o carácter supersticioso, económico, psicológico e cultural.

Os habitantes da freguesia de Alfarelos deslocavam-se anualmente às seguintes romarias:

S. Jorge	Brunhós (Soure)
S. Tomé	Ferreira (Figueira da Foz)
Sra. dos Remédios	Vila Nova de Anços (Soure)
Sr. da Serra	Semide (Miranda do Corvo)
Sra. do Amparo	Santo Varão (Montemor-o-Velho)
S. Mateus	Soure
Sr. dos Aflitos	Alfarelos (Soure)
S. Bento	Santo Varão
Sra. do Círculo	Furadouro (Condeixa))
Sra. da Saúde	Belide (Condeixa)

Tabela 5 - Romarias habituais frequentadas pela população de Alfarelos

Associado à cerimónia religiosa levada a cabo com o fim de unir homem e mulher pelos laços do matrimónio, estava o ritual do «casamento»²¹ que, atualmente, ou já não se verifica ou nos casos em que ainda acontece, é feito tendo em conta as mudanças nas mentalidades e por conseguinte, na sociedade moderna.

Tudo começava duas ou três semanas antes da cerimónia com a distribuição do arroz-doce e o pão de trigo aos convidados. No dia do casamento tudo obedecia a uma organização, desde a ementa própria para

²⁰ Vide anexo 3. *Romarias*.

²¹ Vide anexo 4. *O Casamento*.

os vários momentos, a deslocação para a igreja, etc. até terminar o dia, com o regresso dos noivos ao novo lar, que muitas vezes era a casa dos pais da noiva.

Obedecendo igualmente a um ritual, ainda que de cariz rural, a «matança do porco»²² podia ser entendida como uma verdadeira festa. A morte do animal, a queima, a raspagem da pelagem, a lavagem do despojo e o desventrar do suíno tinham o seu início ao romper do dia da matança, prolongando-se o ritual até ao jantar da matança, oito dias depois.

Também o simples hábito de «ir à fonte» ao domingo, proporcionava oportunidades de convívio, propícias ao namorico ou ainda a grandes embaraços. A *Fonte dos Cães* e a *Fonte Nova*²³ são elementos arquitetónicos a ter em consideração, além do facto, de no passado terem sido pontos de abastecimento de água para toda a população de Alfarelos.

Já no que toca às atividades ligadas aos rios e aos campos, a nossa pesquisa permite concluir que em meados do séc. XIX, a agricultura era a principal atividade económica do concelho de Soure. A este propósito, refere Fernando Pimenta (2009, p.17):

As principais culturas agrícolas eram o trigo, o milho, a vinha e a oliveira [...] A cabra era o animal doméstico por excelência, conhecendo a ovelha um decréscimo dos seus efectivos. A silvicultura tinha uma certa importância, sendo a madeira do pinheiro e do sobreiro exportada pelo rio Arunca até à barra da Figueira da Foz, onde era utilizada na construção naval. [...].

Alfarelos tem o privilégio de ser circundado pelos Rios Arunca e Mondego, cujas margens constituídas por solos férteis permitiam ao

²² Vide anexo5. *A Matança do porco-descrição e álbum fotográfico.*

²³ Vide anexo 6. *A Fonte dos Cães e a Fonte Nova.*

povoado extrair bons rendimentos agrícolas, principal fonte de subsistência das suas gentes. Os terrenos irrigados por valas e canais eram aplicados na sua maior parte à cultura dos cereais, milho e trigo e desde meados do séc. XIX também ao arroz.

Arroz, azeite e vinho sobram para a exportação, sendo o concelho, ao nível do distrito, um dos principais produtores desses géneros. O arroz viceja nos aluviões das várzeas ribeirinhas do Mondego, Arunca, Anços e Pranto, alimentando em Granja do Ulmeiro, uma moderna fábrica de descasque e empacotamento. (Santos, 1979).

Considerado simultaneamente um Deus e um Demónio, o rio tanto fecundava as terras como as destruía devido às cheias frequentes que arrastavam consigo searas e colheitas, chegando mesmo a isolar povoações. Sendo um dos principais meios de subsistência, nos rios, valas e canais a «pesca» fazia-se quase todo o ano. A enguia e a lampreia eram os mais bem pagos mas não se escusava o sável, a tainha, o ruivaco, o barbo, o pimpão ou a carpa. Eram diversos os processos usados para apanhar o peixe à toca, à rede²⁴, à calcada e à linha. Conta-se que no tempo das cheias era vulgar apanharem-se peixes nas poças de água das ruas da Ereira²⁵ ou entre os seixos. As redes eram tecidas das mais variadas formas e com materiais diversos consoante o peixe a que se destinavam, nomeadamente a *massa*, o *massão*, a rede de *arrasto* ou *zôrro*, o *estromalho*, a *certelha*, o *roda fole*, o *esteiralho* e o *bicheiro*. Apesar de haver algum perigo nesta atividade, ela também proporcionava momentos de lazer e camaradagem aos peixoteiros, sendo o peixe que apanhavam, quase sempre vendido pelas suas mulheres porta a porta²⁶.

²⁴ Vide anexo 7. *A pesca de rio*.

²⁵ Povoação junto ao Rio Mondego, que dista cerca de 5km de Alfarelos.

²⁶ Vide anexo 7. *A pesca de rio*.

Os rios constituíam ainda um ótimo recurso para as tarefas domésticas. Era habitual, os senhores mais abastados terem por sua conta um número de criados que variava consoante a grandeza das suas propriedades e eram diversificadas as suas tarefas. A «lavadeira»²⁷ era imprescindível chegando mesmo a ser contratada em algumas casas, apenas para esse efeito. Normalmente viam-se grupos de raparigas lavando a roupa nas pedras dos rios por onde, não muito longe, atravessavam manadas de bois. Para que o trabalho se fizesse de forma mais agradável cantavam durante todo o tempo da respetiva tarefa, sendo esta, uma das quadras²⁸ do habitual repertório:

As águas do Rio Arunca
Passam correndo ligeiras:
Vão contar ao Rio Mondego, ó ai,
As mágoas das lavadeiras

A paisagem dos campos do concelho de Soure conta também com a beleza recortada pelos limites dos arrozais. Todos os anos, grandes ranchos de homens e mulheres, novos e velhos faziam a «monda»,²⁹ trabalho manual que consistia em arrancar as plantas nocivas ao arroz e limpar os limos que se formavam à superfície da água. Acerca da sua importância, lembramos Jaime Cortesão (2000, p.144):

Há mais de um século que os proprietários de terras alagadiças, tão comuns no baixo Mondego, lutavam com os sucessivos governos pela liberdade do cultivo do arroz, produto de maior valor que o milho [...] a cultura intensiva do arroz está provocando, como verificámos “in loco”, modificações sociais que alteram pela base o estilo de vida regional.

²⁷ Vide anexo 8. *A lavadeira*.

²⁸ Vide Repertório do GFEA. “*Lavadeiras do Mondego*”.

²⁹ Vide anexo 9. *A monda*.

Por todo o concelho se podem ainda observar dezenas de quintas, onde outrora centenas de trabalhadores, pagos à jorna garantiam o seu sustento. Como refere Fernando Pimenta (2009, p.19) «Para controlar a produção e comercialização dos produtos agrícolas – sobretudo o vinho – surgiu mesmo um Grémio da «lavoura»³⁰ que reunia os maiores proprietários rurais do concelho.[...].»

Se por um lado o arroz era a cultura de recurso nos baixios sempre alagados, os campos tinham como cultura por excelência, o «milho».³¹ Cultivava-se ainda a abóbora, a beterraba, o feijão, o milho painço, a batata, o trigo, a cevada e o azevém, estes últimos apanhados em verde para alimento dos animais. O alimento base era a broa, pelo que existiam na região inúmeras *azenhas* – moinhos de rodízio movidos a água, e moinhos de vento. As azenhas e os moinhos trabalhavam sempre no inverno e a maior parte dos «moleiros»³² eram homens do campo que complementavam esta atividade com o trabalho agrícola para melhor assegurar a subsistência da sua família. Em Alfarelos, a última moagem deixou de trabalhar nas últimas décadas do séc. XX mas o moleiro continua a distribuir os sacos de farinha que chegam da zona de Condeixa.

De meados de novembro em diante começava a «apanha da azeitona»³³ do chão. Toda a família ia para o olival de manhã à noite e se o olival fosse longe, levava-se o farnel que normalmente constava de sardinha assada regada com azeite e broa.

³⁰ Vide anexo 10. *A lavoura.*

³¹ Vide anexo 11. *A cultura do milho e álbum fotográfico.*

³² Vide anexo 12. *O moleiro.*

³³ Vide anexo 13. *A apanha da azeitona.*

A oliveira, que vegeta a custo na aridez dos terrenos mesozoicos dos montes de Quatro Lagoas e Degracias, e um pouco por toda a parte, justifica a laboração, na época própria, de algumas dezenas de lagares que fornecem ao consumo apreciáveis quantidades de bom azeite, muito disputado no mercado. (Santos, 1979).

Se a azeitona pertencia a um patrão que contratava um rancho de pessoal para o trabalho, no final de toda a apanha fazia-se uma festa – *a adiafa*. Era o momento de agradecer. Os trabalhadores agradeciam a oportunidade de terem sido contratados (alguns vinham de muito longe) e os patrões agradeciam o trabalho realizado, normalmente, com um belo almoço. Comia-se, cantava-se, dançava-se e pedia-se para que a situação se voltasse a repetir no ano ou colheita seguintes.

Ainda hoje se assiste à passagem e pastagem de rebanhos de ovelhas pelas bermas das estradas e caminhos dos campos do Mondego mas antigamente a «pastorícia»³⁴ era uma atividade considerável na região. Além de ovelhas e cabras, abundavam manadas de toiros bravos e cavalos que pastavam nas margens dos rios, das valas e barrocas. Os toiros negros metiam medo sobretudo quando algum se tresmalhava. Eram posse de lavradores abastados e deles provinha rendimento pela venda da carne e do estrume que os animais faziam. Já na zona serrana do concelho, o rebanho é ainda hoje, cenário frequente, razão da existência de algumas empresas de laticínios.

Centra-se a nascente do concelho, grande parte da zona produtora do famoso “Queijo do Rabaçal” que tem nos pequenos rebanhos que retouçam nas freguesias de Pombalinho e Degracias a sua fonte de alimentação. [...] Não existe aí, praticamente nenhuma família que não crie o seu pequeno rebanho de

³⁴ Vide anexo14. *A pastorícia*.

ovelhas, cujo leite, misturado com o de algumas cabras, é misturado por asseadas mãos de camponesas, em queijos cujo peso raramente ultrapassa o meio quilo. É por alturas de Abril, quando a aromática erva-santa (ou erva de Santa Maria) recobre de boas pastagens a aridez dos montes, que esse tipo de queijo resulta mais castiço e apetitoso. (Santos, 1979).

No decorrer do tempo de que dispunham, os pastores entretinham-se a construir flautas, *cucharras* – colheres grosseiras feitas em madeira, entre outras peças. No seu *alforge* – o saco que tradicionalmente o pastor costumava trazer consigo, andava também uma navalha que tanto cortava o naco de broa como torneava a madeira.

Há ainda a referir outra atividade que vai desaparecendo do concelho e da qual algumas famílias garantiam o seu sustento. O artesanato da «olaria»,³⁵ iniciado no lugar de Casal do Redinho no princípio do séc. XVIII por um indivíduo de Tondela que ali se estabeleceu. Tinham oficinas rudimentares onde fabricavam tachos, panelas, púcaras, picheiras, assadeiras, etc., que apresentavam no mercado pintadas de preto ou vermelho. Atualmente já nenhuma está em laboração e o último dos oleiros tradicionais, o Sr. Zeferino Canais já deixou de fazer algumas demonstrações da sua arte em exposições ou feiras de artesanato.

Em tempos não muito longínquos e já por nós vivenciados, era frequente passarem por esta região grupos de ciganos que se deslocavam em carroças puxadas por burros ou mulas e iam apanhando o vime com o que faziam cestas, canastras e cabanejos que iam vendendo pelo caminho. Abundavam nas margens dos rios e pelos campos, os salgueiros, os choupos e os amieiros. Atualmente, o vime ainda é trabalhado por um artesão de Alfarelos, que faz o «empalhamento de

³⁵ Vide anexo 15. *A olaria*.

garrafas e garrações»³⁶ e que com muito gosto acompanha o grupo folclórico por todo o país, exemplificando a sua arte.

Sendo uma parte da freguesia de Alfarelos formada por terrenos alagadiços, alguns deles inseridos na reserva natural do Paúl da Madriz³⁷ algumas famílias elaboravam «esteiras» com o bunho apanhado nestes terrenos, e que serviam como base onde se guardavam alguns frutos, batatas, etc. ou ainda como cobertura para os mais diversos fins.

Apagada pela concorrência de materiais mais modernos (alumínio e plástico) a «latoaria» teve, outrora, um papel preponderante na produção artesanal do concelho. A atual falta de aprendizes e a pouca procura dos produtos em lata levam a crer que esta será uma arte em vias de extinção. Todavia, encontramos ainda alguns latoeiros no concelho de Soure, conforme testemunha o *Encontro Pedagógico* que realizámos.

No âmbito das atividades artesanais que ainda se realizam no concelho, há a referir a «tanoaria», a «cestaria» e as «rendas e bordados», atividades divulgadas nas feiras gastronómicas que a CMS vem dinamizando³⁸.

Também as «feiras» e a respetiva transação dos produtos agrícolas remonta a épocas ancestrais. No concelho de Soure, a que sobressai é, sem dúvida, a feira e respetiva festa de S. Mateus que, na segunda metade do mês de setembro constituem a maior e mais tradicional manifestação coletiva da família sourense, atraindo populares de outros concelhos. A sua origem perde-se no tempo mas a romaria que lhe está

³⁶ Vide anexo 16. *O empalhamento de garrações e esteiras de bunho.*

³⁷ Reserva natural de fauna e flora, a sul da povoação do Casal do Redinho, na bacia do rio Arunca.

³⁸ Vide anexo 17. *Listagem de artesãos do concelho de Soure.* Cedida pela CMS.

associada pode ser considerada uma das mais importantes romarias do país entre os séculos XIII e XV, atraindo verdadeiras peregrinações. Acredita-se que o Santo extingue cravos e verrugas próprias da adolescência. As promessas são pagas com oferendas insólitas e irreverentes, como pulgas aprisionadas num canudo, espigas de milho roubadas no percurso para a capela, uma cambalhota no adro, entre outras. Ao longo do tempo foram-se extinguindo outras feiras realizadas no concelho como as feiras mensais de gado: Alfarelos, a “Feira dos Catorze – Feira dos Porcos”; Bom Sucesso (Soure), a quinze; Vila Nova de Anços, a trinta; Vinha da Rainha, a cinco.

Nos últimos anos, Soure tem realizado uma Feira Gastronómica, que conta com a participação de todas as freguesias e proporciona a degustação de vários «pratos típicos»³⁹ do baixo Mondego ou da zona serrana.

No estudo dos usos e costumes do concelho de Soure, foi com particular interesse que pesquisámos as danças e cantares tradicionais. Entendidos como momentos libertadores em relação às obrigações quotidianas, as danças de roda não são mais que jogos de roda onde até o próprio canto é jogo. Durante os trabalhos agrícolas e apesar da sua dureza, a alegria dos ranchos que na sua maioria eram constituídos por juventude, estava bem presente. Em dias de trabalho normal cantava-se o dia todo e como os jovens a tudo acham graça, tudo era pretexto para criar uma cantiga aos patrões, às raparigas casadoiras, aos namoricos, etc. Por outro lado, o convívio entre gente de diferentes regiões fazia com que se aprendessem danças e cantares de uns e de outros de tal modo, que a origem das

³⁹ Vide anexo 18. *Gastronomia do concelho de Soure*.

mesmas não pode ser determinada com exatidão. Os cânticos religiosos, modas de trabalho, de romaria ou de terreiro apresentam variantes, versões de temas comuns que se aprendiam nos caminhos dos campos ou das romarias e das quais registamos um exemplo.

São Mateus nos acompanhe	Ser da Baixa ou ser da Alta,
Por todo e qualquer lugar	Que importância é que isso tem
E nos dê muita saúde	O que interessa o que exalta
E graças p'ra cá voltar.	É que se diga em voz alta:
	- São de Soure e dançam bem! ⁴⁰

Com base na nossa pesquisa, apresentamos o vasto repertório de danças e cantares do GFEA.

Abaixa-te ó Laranjeira	Erva Cidreira	Ó Amendoeira Doce
A cuca	Eu Quero Entrar no Meio	O Caracol
Adeus ó Estrada Nova	Eu não Vou lá'cima à Sala	Olha o Balão
Alecrim Florido	Fado Mandado	Olivais da Fonte Nova
Amora Madura	Lavadeiras do Mondego	O Mestre Ferreiro
A Nossa Prima Aurora	Loureiro	Onze Horas Meia Noite
À Roda da Fogueira	Maneio	O Pai do Ladrão
Apanhei o Trevo	Meninas Vamos ao Vira	Por esta Rua corre Água
A Viuvinha	Meu Amor é Latoeiro	Salgueiro à Borda D'Água
Balancé	Moda a Dois Passos	Toutinegra
Ciranda	Namorei a Tecedeira	Verde Gaio
Divino Senhor da Serra	No Terreiro	Vira o Chapéu Para Cima
Enleio	Ó Amendoeira	Vou Dizer Adeus ó Rio

Outras modas cantadas e bailadas no concelho: Vira de Roda; Fado Mandado; Moda a 4 passos; O Caixoné; Vira de Quatro (Rancho Folclórico do Sobral⁴¹).

⁴⁰ Vide Programa Geral das Festas da Vila – Feira Anual, S. Mateus – Soure (1971).

⁴¹ Vide anexo 21. *Trabalhos dos alunos de sexto ano.*

Destaque ainda para as «cantigas da escola»: “Machadinha”; “Jardim da Celeste”; “O Lencinho”; “Que Linda Falúa”; “A Caminho de Viseu” etc.

Os «jogos populares» são outra das mais espontâneas formas de expressão da alma de um povo. Neles se exprime a necessidade do lazer, a alegria do trabalho transfigurado em festa e a imaginação enriquecida por uma experiência secular. No concelho de Soure, os mais populares eram os seguintes: “anelzinho”, “anelzinho com corda”, “arronda, arronda, quem quiser que se esconda”, “berlinde”, “barra do lenço”, “cantarinha”, “caracol”, “cunca”, “cabra-cega”, “carica”, “chinquilha”, “corrida de sacos”, “eixo”, “jogos da corda”, “macaca”, “malha”, “mata”, “nicha”, “pela”, “um, dois, três, macaquinho do chinês”, “roda do lenço”, “tração com corda em linha”, “ó vizinha dá-me lume”, “raminho entrouxado”, ...

Concluimos esta resenha fazendo uma pequena referência aos «contos e lendas» que ainda hoje permanecem na memória coletiva do concelho de Soure. De entre as mais populares e por fazerem referência a aspetos do passado histórico, económico e social do concelho destacamos a *Lenda das Sete Irmãs* – Senhora da Estrela (freguesia de Degraças), a *Lenda da Capela* (freguesia de Soure) e a *Lenda do Campo da Velha*⁴² – (freguesia de Alfarelos).

Muito fica por referir no âmbito dos usos e costumes do concelho de Soure contudo, pensamos ser esta uma boa razão para futuros trabalhos.

⁴² NUNES, 1989, p.243.

O SISTEMA EDUCATIVO

A Educação em Portugal e as Reformas Curriculares

Com origem nos verbos “educere” (conduzir, extrair...) e “educare” (criar, alimentar...), educação reside, essencialmente, no ato de orientar, colaborar na construção de uma identidade. Sendo um processo dinâmico, em constante evolução e/ou modificação que se prolonga no tempo, é fortemente condicionado pela ação dos educadores e ainda pelos contextos em que ocorre.

Considerada um direito humano básico, contemplada no artº 26 da Declaração Universal dos Direitos Humanos⁴³, assim como, no artº 13 do Estatuto do Aluno do Ensino Não Superior, regulamentado pela Lei n.º 30/2002, de 20 de dezembro, do governo português, a Educação assume-se de uma forma explícita (transmite conhecimentos, técnicas e procedimentos) e também de uma forma implícita (transmite valores sociais e ideologias dominantes).

Em Portugal, inicialmente, a educação esteve limitada a alguns mosteiros, como o de Santa Cruz em Coimbra, ou a escolas modestas onde apenas se aprendia a ler, a escrever e a contar. Entre os séc. XVI e XVII, por ação dos Jesuítas, a educação é alargada a inúmeros colégios de ensino gratuito, criados por todo o país. Com a expulsão desta Ordem de Portugal e as reformas levadas a cabo pelo Marquês de Pombal no séc. XVIII, «assiste-se a uma concorrência entre os poderes da Igreja e do Estado, começando este último a controlar progressivamente a educação

⁴³ Documento criado e aprovado pela ONU em 10 de dezembro de 1948.

formal, lançando as bases de um sistema educativo por ele dirigido, financiado e controlado.»⁴⁴

A propósito da atribuição de responsabilidades em matéria de educação, podemos considerar o seu caráter holístico. Se por um lado, Maria Eduarda Santos (2005, p.15) nos diz que a educação «é obra nossa, da mulher e do homem, uma obra que exige saber, amor, coerência e continuidade. É um processo complexo, multideterminado e multidimensional de aperfeiçoamento do ser humano que o prepara para a renovação de um mundo comum.», Preciosa Fernandes (2011, p.19) é de opinião que a educação escolar «está relacionada com o ideal do direito de todos à educação, o que pressupõe a assunção por parte do Estado de responsabilidades no campo educacional, de modo a garantir a todos o acesso à educação.»

Relativamente ao método aplicado na ação educativa e no discurso pedagógico, ao longo do séc. XX assumiram-se três grandes tendências: – dogmático-transmissivo, (educação limitada à instrução enquanto depósito de saber dogmático, não questionável; – não diretividade (tentativa de recuperar a dimensão afetiva da educação e centralização na criança); – construtivista (práticas inseridas no quadro da racionalidade contemporânea, promotoras de processos educativos interativos). A este propósito, as organizações internacionais e os governos nacionais são tentados a produzir múltiplos estudos e relatórios sobre o que deve ser a escola tendo em conta o considerável aumento de públicos escolares oriundos das mais diversas partes do globo. Como refere Fernandes,

⁴⁴ Para maior esclarecimento *vide Breve Evolução Histórica do Sistema Educativo-OEI*, Ministério de Educação de Portugal, disponível em <http://www.oei.es/quipu/portugal/historia.pdf>.

(2011, p.30) «a par destas questões, situam-se também as que resultam da presença de diferentes culturas nas instituições escolares e que impulsionam os sistemas educativos para a adoção de políticas favorecedoras do conhecimento e reconhecimento dessa diversidade cultural [...]».

Não temos dúvidas de que a atual conjuntura económica e social impõe mudanças radicais na dinâmica da educação. Há que gerir e diversificar localmente o currículo, abandonando o carácter uniforme, transmissivo e expositivo, a favor da diferenciação e da interatividade que as novas TIC exigem. A “Estratégia de Lisboa”⁴⁵ ou “Agenda de Lisboa”, apontava como objetivo estratégico para a ação política o recuperar, no espaço de uma geração, os principais atrasos face aos nossos parceiros da União Europeia, a par de uma nova cultura de ação e de responsabilidade coletivas. São necessários novos conceitos de saber e de produzir, em que a formação científica, pedagógica e profissional tenha em conta os mundos da educação, da escola e do trabalho. Também na Conferência – *As escolas face a novos desafios*, organizada por Portugal em 2007, no âmbito da Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia, os desafios enunciados concentraram-se, essencialmente, em questões organizacionais, evidentemente com a intenção de melhorar a qualidade da educação escolar e das aprendizagens que nela devem ocorrer. Foram então debatidos os seguintes assuntos: – avaliação externa das escolas, onde se apuram dificuldades e constrangimentos, pontos fortes e potencialidades; – planos de ação para a melhoria e contratos de

⁴⁵ Documento elaborado pela Presidência da União Europeia, em que o governo então presidido por António Guterres aprovava um Plano Nacional de Desenvolvimento Económico e Social para o período de 2000 a 2006, intitulado “Portugal, uma visão estratégica para vencer o séc. XXI”.

autonomia e desenvolvimento onde direção, agentes de ensino e restante comunidade escolar reúnam esforços para uma educação de qualidade; – papel da escola nas sociedades contemporâneas cuja missão é cada vez mais abrangente, complexa e interativa.

A propósito dos desafios que se colocam à escola, Carlinda Leite⁴⁶ (2006, p.67) refere que «devem ser analisadas as políticas curriculares que têm ocorrido em Portugal nestes últimos anos, no sentido de conhecer as condições que oferecem para que as escolas mobilizem o seu potencial de inteligência na identificação dos problemas que as afectam e, a partir deles, organizem processos para sobre eles intervir».

As grandes transformações socioculturais do mundo contemporâneo e as mudanças operadas na sociedade portuguesa nas últimas décadas com a consolidação do regime democrático fizeram emergir novos interesses, novas solicitações e novas exigências no sistema educativo. O Estado tem sido assim, obrigado a rever e a redimensionar o seu papel em matéria de Educação, no sentido de ultrapassar problemas inerentes a modelos uniformizados que não respeitavam as diferenças e não eram capazes de responder às solicitações de um novo sistema educativo em expansão e cada vez mais complexo.

A partir da década de 70 do século XX tiveram lugar diversas reformas onde o Estado, reconhecendo a sua incapacidade de gestão central da educação, foi adotando políticas descentralizadoras definindo os princípios normativos de um novo sistema a partir de um documento designado por LBSE – (Lei N° 46/86 de 14 de Outubro).

⁴⁶ Professora auxiliar da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação (Universidade do Porto), consultora do Ministério da Educação para o projeto a "Gestão Flexível do Currículo".

No sentido de produzir legislação adequada, o ME lança em 1997 a todos os professores uma proposta de reflexão sobre o sistema de ensino, programas (conteúdos e sua extensão, articulação vertical e horizontal), condições de trabalho entre outros assuntos sobre a educação em Portugal, através do documento intitulado *Reflexão Curricular Participada*. O relatório do projeto que foi dado a conhecer a todas as escolas referiu, entre outros problemas, as lacunas e desarticulações dos programas e as graves insuficiências de aprendizagens significativas. O ME vê assim imprescindível a atribuição de competências próprias à escola, no sentido de valorizar os contextos locais e regionais e alargar os seus poderes por forma a gerir os currículos de forma flexível. O *Projeto de Gestão Flexível do Currículo* iniciou-se em 1996 e marcou o início da questão sobre o insucesso da reforma curricular, enquadrada em 1986 com a LBSE e orientada pelo DLei n.º 286/89 de 29 de agosto. O seu desenvolvimento progressivo numa rede de escolas do EB proporcionou, efetivamente, uma reorganização curricular, consagrada no DLei n.º 6/2001 de 18 de janeiro o qual veio a ser alterado pelo DLei n.º 209/2002 de 17 de outubro. Posteriormente, o DLei n.º 74/2004, de 26 de março estabelece ainda os princípios orientadores da organização e da gestão curricular, bem como da avaliação das aprendizagens, no nível secundário de educação.

Considera-se pertinente a clarificação do significado do termo *currículo*, dada a sua importância crescente no vocabulário pedagógico e no contexto educacional, para além da notória divergência na associação deste a outras designações. José Carlos Morgado (2000, p.15) refere que «etimologicamente, a palavra “currículo” encontra a sua raiz no latim, derivando do verbo *currere* que significa caminho ou percurso a seguir».

Quanto à pertinência do currículo, o autor parece-nos ser bastante claro quando refere (2000, p.19) que «Foi sobretudo para dar resposta à sociedade do maquinismo [...] e à pressão que a sociedade industrial exerceu sobre a escola para cumprir finalidades bem explícitas que o campo curricular emergiu como área de conhecimento educativo. A escolarização, ao organizar-se em função de interesses culturais, sociais, económicos e políticos, vê o vocábulo currículo integrar-se no vocabulário educacional. [...]». O autor (2000, p.24) salienta ainda as perspetivas de outros investigadores e cita a de D'Hainaut (1980, p.19-23) «[...] um currículo é um plano de acção pedagógica muito mais largo que um programa de ensino [...]; compreende, em geral, não somente programas, para as diferentes matérias, mas também uma definição das finalidades da educação pretendida, uma especificação das actividades de ensino e de aprendizagem, o que implica os conteúdos do programa e, finalmente, indicações precisas sobre as maneiras como o ensino ou o aluno serão avaliados». Morgado (2000, p.27) diz ainda que o currículo é «um processo negociado, partilhado, é uma prática que procura estabelecer a ligação entre a intenção e a realidade, num processo de “(des)construção do conhecimento, condição essencial para [...] preparar os alunos para serem cidadãos activos e críticos, membros solidários e interventivos numa sociedade que se quer livre e democrática». A este propósito, Preciosa Fernandes (2001, p.46) defende:

[...] teorias e concepções que perspetivam o currículo enquanto projeto global que articula, numa relação dialética, elementos de nível macro (políticos, culturais, sociais) com elementos das situações reais e dos contextos educativos concretos e, que, portanto, prevê um espaço de autonomia para os atores que constituem o coletivo das escolas (professores, pais, alunos, encarregados de educação, outros agentes locais, etc.) para a configuração de processos curriculares flexíveis e adequados a esses contextos e situações [...]

A notória importância que o currículo detém no domínio educacional remonta ao início do século XX. Como salienta José Pacheco (2005, p.14) a este propósito surgem os trabalhos de «Dewey (1900 – *The school and society*, 1902 – *The child and the curriculum*); Bobbitt (1918 – *The curriculum*, 1924 – *How to make a curriculum*); Charters (1923 – *Curriculum construction*); Herrick Tyler (1947 – *Toward improved curriculum theory*); Tyler (1949 – *Basic principles of curriculum and instruction*)».

São, certamente, de considerar as transformações operadas com a Segunda Guerra Mundial e a conseqüente necessidade de recuperar do estado caótico económico e social. As concepções tradicionalistas da educação são postas em causa e redefinidas as aprendizagens que o currículo deve ter em conta e que consubstanciam as componentes fundamentais que envolvem a problemática do ensino – finalidades da educação, objetivos, alunos, estratégias e avaliação. A organização destes elementos está em íntima relação com a influência que exercem mutuamente.

Podemos assim concluir que o conceito de currículo foi sendo o reflexo das alterações sociais, políticas ideológicas e culturais que se têm verificado na sociedade, ao longo dos tempos. Nas sucessivas adaptações, introduzem-se novas ciências/disciplinas curriculares para melhor conhecimento do mundo e generaliza-se a ideia de que todos os cidadãos devem saber ler, escrever e contar. Pacheco (2005, p. 8-13) diz-nos ainda que:

[...] o currículo é associado a uma generalizada confusão quanto aos seus sentidos em uso escolar e não escolar [...] problemático [...] é um projecto ideológico que ocorre no contexto de uma dada organização.[...] Se o currículo

fosse de fácil consenso, não teríamos as mudanças/reformas educativas, cada vez que há a substituição de Governo e de ministros da Educação, quase sempre discutidas em torno do conhecimento ou das questões curriculares ligadas a cargas horárias e disciplinas.

A discussão em torno do conceito parece não ser pacífica, referindo Pacheco (2005, p.37) que «devido à sua natureza e dimensão pouco consensual, qualquer tentativa de definir currículo converte-se numa tarefa árdua, problemática e conflitual».

Muito haveria a expor acerca de um assunto tão complexo como é a questão do currículo. Contudo, e tendo em conta as diversas referências quanto às teorias curriculares, todos os autores parecem concordar no sentido de que o conceito engloba princípios de participação ativa, reflexividade, autoridade, liberdade, autonomia e responsabilidade.

Em 2001, são apresentados o Perfil Geral de Desempenho dos Educadores de Infância e Professores dos Ensino Básico e Secundário através do DLei nº 240/2001, de 30 de agosto e o Estatuto do Aluno do Ensino Não Superior com a Lei nº 30/2002, de 20 de dezembro, alterado recentemente pelo DLei nº 51/2012 de 5 de setembro. O DN nº 50/2005, de 9 de novembro e o DN nº 1/2005 de 5 de janeiro vêm definir o âmbito da avaliação sumativa interna, os princípios de atuação e normas orientadoras para a implementação, acompanhamento e avaliação dos planos de recuperação, de acompanhamento e de desenvolvimento bem como a avaliação das aprendizagens dos alunos agora alterados pelo atual DN nº 24-A/2012 de 6 de dezembro.

Após consulta pública, o MEC apresenta a versão final da Revisão da Estrutura Curricular em 26 de março de 2012⁴⁷ com entrada em vigor no ano letivo de 2012-13 onde é referido que: «As medidas agora tomadas visam três aspetos fundamentais: 1 – a atualização do currículo, nomeadamente através da redução da dispersão curricular; 2 – a melhoria do acompanhamento dos alunos, com uma melhor avaliação e a deteção precoce de dificuldades; 3 – o aumento decisivo da autonomia das escolas na gestão do currículo e numa maior liberdade de escolha das ofertas formativas». Recentemente, foram publicados novos documentos de revisão da estrutura curricular. O DL n° 91/2013 de 10 de julho cuja matriz anexa descreve as componentes do currículo bem como a carga semanal para ajustamento do DL n° 139/2012 de 5 de julho recomendando que, no âmbito da autonomia da escola, possa haver «otimização dos recursos no sentido de adequar as atividades aos perfis dos docentes»; DN n° 7-A/2013 de 10 de julho «que introduz as normas à distribuição de serviço aos docentes de quadro, para o ano letivo de 2013-2014, de acordo com as regras estabelecidas no DN n° 7/2013 de 11 de junho».

Em suma, compete à Escola e tendo em conta os princípios gerais estabelecidos, aplicar o currículo gerindo autonomamente os seus recursos, criando condições e projetos próprios para que todos os alunos possam colmatar dificuldades de aprendizagem e desenvolver as suas capacidades. A maioria dos professores é profissionalizada, e há instituições de ensino superior espalhadas por todo o país. Contudo, continuamos a apresentar resultados muito inferiores à média europeia,

⁴⁷ Para maior esclarecimento *vide Revisão da Estrutura Curricular*, 2012, p.1
Disponível em
http://www.portugal.gov.pt/media/550035/20120326__revisao_estrutura_curricular.pdf.

no que concerne ao estudo da matemática e das ciências, as habilitações obtidas não se ajustam às necessidades do mercado de trabalho, e a exagerada burocratização dificulta que se atinjam as metas de aprendizagem e a tão desejada qualidade do ensino.

Projeto Educativo de Escola (PEE) no quadro da autonomia e gestão escolar

Considerando a necessidade atual de um melhor desempenho por parte da Escola, com papéis que excedam largamente a mera transmissão de conhecimentos, é essencial a consciencialização da dimensão social inerente à educação. Segundo Paulo Freire (1997, p.15) «formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas». O papel da Escola deverá assim ultrapassar a instrução ampliando-se na formação geradora de uma educação abrangente e integradora na sociedade. Impõe-se assim, uma relação com o contexto e com a comunidade e a necessidade de uma autonomia potenciadora da atuação dos professores como agentes ativos na conceção do currículo. Como refere Preciosa Fernandes (2001, p.72) «as orientações curriculares devem ser compreendidas, como referenciais de suporte da acção educativa de todos os educadores e da configuração da sua intencionalidade formativa».

O PEE representa, efetivamente, um instrumento gestor da autonomia implicando concertação de perspectivas dos vários agentes educativos (professores, alunos, pais, agentes da comunidade e outros educadores), reveladoras do diálogo dentro da instituição escolar e desta com a comunidade em que se insere. Os saberes escolares são, deste modo, enriquecidos com uma dimensão social fundamental à formação integral

do indivíduo, abrangendo ainda princípios de ordem cultural, política e profissional. De igual modo, o PEE prevê a nível da gestão escolar diferentes dimensões, nomeadamente no que se refere à melhoria da organização e administração interna da instituição, articulação entre os vários estabelecimentos escolares que servem uma determinada população escolar e ainda a reflexão sobre os problemas educativos num contexto local.

Compreendem-se assim as mudanças operadas recentemente a nível educacional e legal, no que concerne às formas e modos de organização da Escola e do currículo. De facto os anos 90 do séc. XX abriram novas portas ao ato de educar, concebendo-se pela primeira vez as ideias de PEE, PCT (Projeto Curricular de Escola e de Turma), rejeitando-se a noção tradicional da transmissão de valores universais e saberes definidos de forma homogénea, numa cultura padrão, enveredando-se por uma perspetiva de singularidade da Escola como reflexo da identidade desta. O PEE representa, deste modo, uma rutura da normalização proporcionando uma vivência e uma aprendizagem das culturas e da democracia, impulsionadora do sucesso educativo, expressando intenções e clarificando modos de operacionalização.

Podem surgir, no entanto, diferentes posições sobre a construção e adaptação de um PEE ao seu contexto. Fernando Vasconcelos (1999, p.42) refere duas definições de PEE a partir da legislação da época. A que consta nos seguintes documentos: DLei 43/89 de 3 de fevereiro – artº 2º; n.º 2 que estabelece o regime jurídico de autonomia das escolas – «O PE traduz-se, designadamente, na formulação de prioridades de desenvolvimento pedagógico, em planos anuais de actividades educativas e na elaboração de regulamentos internos para os principais sectores e

serviços escolares. [...]»; e no DN nº 113/ME/93 de 23 de junho – Sistema de Incentivos à Qualidade da Educação – Medida 5 – «O PEE é um instrumento aglutinador e orientador da acção educativa que esclarece as finalidades e funções da escola, inventaria os problemas e os modos possíveis da sua resolução, pensa os recursos disponíveis e aqueles que podem ser mobilizados. Resultante de uma dinâmica participativa e integrativa, o projecto educativo pensa a educação enquanto processo nacional e local e procura mobilizar todos os elementos da comunidade educativa, assumindo-se como o rosto visível da especificidade e a autonomia da organização escolar [...]». Estas definições, segundo o mesmo autor implicam conceitos como autonomia, democraticidade, gestão participada, eficiência e responsabilização que são apreendidos de forma diferente por parte da administração e dos pedagogos. Na opinião de Natércia Cardeano, (1993, p.30), o PEE «exprime o modo como a comunidade educativa toma consciência da sua própria identidade, afirma a sua autonomia e define o sentido da sua acção colectiva».

O DLei nº 43/89 de 3 de fevereiro estabeleceu pela primeira vez o regime jurídico de autonomia das escolas dos 2º e 3º ciclos do ensino básico e do ensino secundário o qual mobiliza poderes de decisão para os planos regional e local quanto a: estrutura curricular do ensino básico e secundário; planos curriculares; objetivos educacionais; adoção e vigência de manuais escolares; programas; regimes de avaliação; modelos de apoio pedagógico; currículos alternativos; metodologias diversificadas. O DLei nº 115/A/98, de 4 de maio, iniciou um período de mudanças, consubstanciado na organização, experimentação e consolidação do processo de autonomia das escolas. Também o DN nº

9590/99 de 14 de maio permite a inovação de novas estratégias e políticas pedagógicas facilitadoras de nova abordagem na organização e gestão do currículo. Através do DLei n.º 75/2008 de 22 de abril, constata-se já uma evolução e um aperfeiçoamento, determinando exatamente, o que é esse Projeto, para que serve, e quais os objetivos que pretende atingir, no quadro das necessidades e interesses educativos da população escolar. O DLei n.º 137/2012 de 2 de julho é o documento mais recente que aprova o regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos da educação pré-escolar e dos ensino básico e secundário, com ajustamentos aprovados pelo atualíssimo DLei n.º 91/2013 de 10 de julho, já aqui referido.

Em suma, a autonomia da Escola concretiza-se na elaboração de um PEE próprio, constituído e executado de forma participada, dentro de princípios de responsabilização dos vários intervenientes na vida escolar. Cabe à Escola gerir os recursos educativos de forma consistente com o seu projeto, orientá-lo no sentido de respeitar a especificidade de cada estabelecimento e de cada território educativo, mobilizar e envolver toda a comunidade com vista ao sucesso das aprendizagens e por conseguinte ao desenvolvimento local.

A Música no currículo do Ensino Básico: expressão e educação musical

Dadas as limitações do nosso estudo não nos é possível apresentar uma resenha histórica muito elaborada acerca deste assunto. Procuraremos abordar os aspetos que consideramos mais relevantes para a necessária contextualização teórica.

Até meados do século XX, o ensino da música no nosso país foi apenas ministrado em algumas escolas particulares e Conservatórios. O primeiro Conservatório Nacional de Música de Lisboa ligado à Casa Pia, foi criado por Decreto de 5 de maio de 1835, iniciando as suas atividades sob a direção de Domingos Bontempo⁴⁸ (1775-1842) e substituindo a principal escola de música existente do Seminário da Patriarcal. O Conservatório do Porto surge em 1917 e posteriormente foram surgindo outros conservatórios regionais bem como academias particulares de música.

Nas escolas de ensino oficial obrigatório a área da música é introduzida pela primeira vez nas reformas de Passos Manuel e Costa Cabral, com a progressiva institucionalização dos liceus entre 1836 e 1850, funcionando apenas como Canto Coral. Citando Iria (2011, p.23) «O Canto Coral tinha como função inculcar nas crianças os sentimentos patriótico, nacionalista e colonialista, a ruralidade, em suma, o respeito pelo lema o respeito por “Deus, Pátria e Família”».

A primeira grande reforma do ensino da música nas escolas oficiais surge em 1968 onde a disciplina passou a ser obrigatória no quinto e sexto anos, com um programa regulamentado, alterando-se o seu nome para Educação Musical. A disciplina de Canto Coral continuou no nono ano, como disciplina de opção.

Como metodologia proposta para iniciar esta disciplina, surgem os métodos de Edgar Willems e de Carl Orff. Consequentemente, as escolas são equipadas com *Instrumentos Orff* – instrumentos de percussão de altura determinada e indeterminada e ainda por flauta de bisel. Sendo

⁴⁸ Pianista, compositor e pedagogo.

instrumentos de fácil manuseamento e execução, permitem ao aluno encontrar uma aplicação prática e imediata para a interpretação musical. Começam a surgir no mercado vários manuais escolares para alunos e professores do segundo ciclo do ensino básico, que refletem, a experiência pessoal do autor e de grandes pedagogos, que se tornaram conhecidos através de cursos intensivos e conferências realizadas em várias localidades, destacando-se, Justine Ward (1879-1975), Edgar Willems (1890-1978), Carl Orff (1895-1982), Jos Wuytack (n.1935), Pierre van Hauwe (n. 1920), Jacques Dalcroze (1855-1950) e Zoltán Kodály (1882-1967).

A Fundação Calouste Gulbenkian, fundada em 1956, foi um dos fatores de grande mudança na música portuguesa a partir dos anos sessenta com o incremento no campo da música de Maria Madalena Perdigão, Diretora do Serviço de Música, sobretudo nos campos: Formação de Professores; Iniciação musical para as crianças dos 5 aos 10 anos; Esclarecimento do público em geral.

Só em 1986 aparece na LBSE n.º 46/86 de 14 de outubro a EA (Educação Artística), desta vez com carácter oficial, conferindo-lhe importância no desenvolvimento e equilíbrio estruturante do indivíduo. Deste modo, em todos os currículos, desde o Pré-escolar, Ensino Básico, Superior e Ensino Especial integram áreas disciplinares com a competência de «[...] desenvolver capacidades de expressão e comunicação, [...] desenvolver a criatividade, [...] desenvolver a expressão estética, [...] promover a educação artística de modo a sensibilizar para a actividade lúdica».⁴⁹

⁴⁹ Vide LSBE, artigos 5 e 7.

Em 2001, é publicado pelo ME, o documento *Currículo Nacional do Ensino Básico* que define o conjunto de competências consideradas essenciais e estruturantes no âmbito do desenvolvimento do currículo nacional, para cada um dos ciclos do ensino básico, o perfil de competências de saída deste nível de ensino e, ainda, os tipos de experiências educativas que devem ser proporcionadas a todos os alunos. O referido documento salienta o papel da EA no currículo do EB, assumido como elemento indispensável no desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do aluno, através de quatro grandes áreas, presentes ao longo dos três ciclos: *Expressão Plástica e Educação Visual*; *Expressão e Educação Musical*; *Expressão Dramática/Teatro*; *Expressão Físico-Motora/Dança*. Conforme estipulado no artº 47º da Lei supracitada, «a organização curricular da educação escolar terá em conta a promoção de uma equilibrada harmonia, nos planos horizontal e vertical, entre os níveis de desenvolvimento físico e motor, cognitivo, afectivo, estético, social e moral dos alunos».

Sabemos hoje que a música nem sempre foi ao longo dos tempos reconhecida, valorizada, no entanto, verificamos que esta manifestação acompanhou o homem, desde a sua origem. Todavia, esta falta de reconhecimento, contraria o princípio de que todos os alunos têm direito a uma educação de qualidade. A este propósito, Graça Mota (2008)⁵⁰ defende que «A Música faz parte da educação global e é tão importante como qualquer outra área». A autora refere ainda que, «[...] na escola a Música é uma área subvalorizada, sem dúvida. Até porque a meta, neste

⁵⁰ Para maior esclarecimento *vide* entrevista com Graça Mota, 2008. O Portal da Educação. Disponível em <http://www.educare.pt/educare/Atualidade.Noticia.aspx?contentid=5AC8D7A40D3102DBE0400A0AB8002FDD&opsel=1&channelid=0>.

momento, é que os alunos a uma determinada altura tenham sucesso no ler, escrever e no contar. O facto de a Música se ter constituído recentemente como uma área extracurricular contribui infelizmente para fazer passar para os alunos e para os pais uma mensagem de que a Música tem pouco valor como área curricular». Concordamos ainda com a autora quando refere que as ESE são fundamentais na Formação de Professores de EM, tendo esta área ganho maior visibilidade dentro do currículo.

Politicamente foram tomadas algumas medidas, nomeadamente a implementação das AEC, que os professores de 1º ciclo não estão preparados para desenvolver devido à formação generalista que possuem. Assim, no entender da autora, e para que o currículo seja amplamente cumprido, as referidas atividades deverão ser lecionadas por professores especialistas e não por voluntários, muitas vezes sem qualificação. Outra questão que Graça Mota levanta é o facto das AEC serem frequentadas também em regime de voluntariado. No ensino genérico, a educação musical é praticada em grupo e deverá ser acessível a todas as crianças, com maior ou menor aptidão para a música.

Os Cursos de Pedagogia Musical são uma referência a ter em conta quanto aos princípios orientadores da Expressão Musical. Salientamos aqui os cursos orientados por Jos Wuytack, que visam a adoção de um método o mais abrangente e eficaz quanto possível no desenvolvimento de competências musicais e do qual fazemos uma breve síntese.

Este pedagogo, salienta, essencialmente, a importância da *Atividade* – a criança deve ser ativa no processo e não se limitar a ouvir o professor falar sobre música. Além disso, é importante envolver as crianças em

experiências musicais significativas; *Adaptação* – é essencial adaptar os conteúdos, as atividades e as estratégias às situações concretas de ensino e aprendizagem, aos espaços e recursos disponíveis, e também à idade, aos interesses e ao nível de desenvolvimento musical das crianças. Por exemplo, se na sala não existem instrumentos, pode trabalhar-se com a voz e o corpo; se não há espaço suficiente para dançar, podem realizar-se canções com gestos, mímica, e percussão corporal. As canções, as peças instrumentais ou os exercícios rítmicos e melódicos, podem ser mais simples ou mais complexos, e o seu grau de dificuldade deve ser adaptado às características das crianças; *Comunidade* – é fundamental fazer música em conjunto, onde todas as crianças possam contribuir para o grupo, de acordo com as suas capacidades, podendo ajudar-se mutuamente, resolvendo alguns problemas de timidez e/ou insegurança. É importante que as crianças percebam que no grupo, todos têm responsabilidades (um triângulo, que toca uma vez, é tão importante como um xilofone, que toca sempre; o coro é tão importante como a criança solista). A comunidade é um meio privilegiado de experiências sociais e a atividade musical realizada em grupo (cantar, tocar, dançar, ouvir, criar) contribui também para o desenvolvimento de competências sociais; *Criatividade* – como forma de expressão a criança deve desenvolver a capacidade de comunicar os seus sentimentos e as suas ideias, através da música, do som, do corpo e dos instrumentos, explorando assim a sua imaginação, o improviso, a interpretação própria; *Totalidade* – a relação entre as partes e o todo é muito importante, quer nas diferentes formas de expressão musical (realização de peças em que haja uma unidade entre as expressões verbal, corporal, instrumental e corporal), quer na elaboração e lecionação de uma aula. Por exemplo, no ensino de uma peça, cada parte trabalhada com mais pormenor, deve

estar relacionada com a sua totalidade. No fim da aula, poderá realizar-se um concerto final e uma gravação com tudo o que foi aprendido. As crianças estarão concentradas, poderão ouvir e apreciar a música que fazem, e terão a grande satisfação de terem realizado um bom trabalho. Wuytack realça a importância da *composição* e da *improvisação* como elementos fundamentais para o conhecimento e compreensão musicais, levando a criança a explorar todo o seu potencial artístico. A *audição musical* é também uma das atividades a desenvolver com a criança. É importante saber cantar, tocar, dançar e criar música, mas também saber ouvir música. Por outro lado, a *execução de ritmos* em simultâneo com a audição de música gravada deve ser um exercício cuidado e a facilidade de execução não deve pôr em causa a complexidade e significado dos temas. Através da *interpretação*, o aluno desenvolve a musicalidade e o controlo técnico-artístico. Pondo em prática os princípios pedagógicos de atividade, criatividade, comunidade e totalidade, todas as crianças estarão ativas, cantando em conjunto a totalidade de uma canção, e podem ser criativas, improvisando novas estrofes ou acompanhamentos rítmicos para a canção. Na interpretação de canções, sobretudo com crianças, pode associar-se o movimento ao canto: os gestos, a mímica, a percussão corporal, as danças, o movimento livre, que as crianças fazem com prazer, são altamente motivadores e formativos. Finalmente, a *apresentação pública* do trabalho musical deve acontecer, sendo esse o sentido do trabalho coletivo anteriormente desenvolvido na aula. O processo de preparação tal como o ato do espetáculo têm efeitos importantes a diferentes níveis: as crianças podem melhorar a sua autoestima através da exposição em palco, frente aos familiares, professores, colegas e amigos num ambiente de convívio saudável e construtivo. Através da produção destes espetáculos, também o professor

de música mantém uma atividade artística, facto que se reveste de grande importância para o seu perfil de professor e artista.

De igual importância no campo da pedagogia musical, consideramos o trabalho de Keith Swanwick⁵¹ e a *Teoria Espiral do Desenvolvimento Musical*, inspirada na metodologia de Piaget, que defende que o conhecimento se constrói em etapas sucessivas intrínsecas ao desenvolvimento cognitivo e psicológico do indivíduo. Para Swanwick, até aos 4 anos de idade, a aprendizagem da música faz-se através da experiência direta de produção de sons do corpo ou dos objetos e das sensações que daí advêm. Dos 5 aos 9 anos, a criança é capaz de usar o pensamento para manipular os sons ou criar as suas próprias composições. Entre os 10 e os 15 anos as experiências musicais são mais variadas e inovadoras e a partir dos 15 anos, a música adquire importância e significação a partir da relação emocional que estabelece entre o indivíduo e o meio. Swanwick apresenta-nos a metodologia CLASP que se traduz em cinco elementos articulados fundamentais para a aprendizagem musical: Composição, Literacia Musical, Audição, Técnica (Skills) e Interpretação (Performance). Só com a experiência de todas as atividades acima referidas, permitindo desenvolver no indivíduo conhecimento teórico, estrutural e estético, se poderá considerar que se educa musicalmente. A partir das suas investigações, Swanick defende que o educador deve refletir sobre os objetivos das atividades que realiza, elemento essencial para que os alunos sintam que trabalham com um propósito e de forma progressiva. Poderá usar o CLASP sem atender a uma ordem ou intensidade específica mas acima de tudo para responder

⁵¹ Keith Swanwick, pesquisador e educador musical, de nacionalidade britânica (inspirado pela obra de Piaget).

às necessidades e motivações individuais, incentivando os alunos a experienciarem todo o género de música.

As atuais orientações curriculares, tendo como centro a pessoa do aluno, o pensamento, a sociedade, a cultura e a cidadania, recupera dos anteriores programas de EMEB três grandes domínios estruturadores da aprendizagem técnico-artístico-musical: o interpretar, o compor e o ouvir.

Está mais que comprovado que, a EA assumiu um papel de relevo no início do séc. XXI, ao abrir novas oportunidades de escolha às crianças e jovens, desencadeando uma inesgotável fonte de riqueza estético-cultural, aumentando consideravelmente os espaços e as ocasiões de manifestação da criatividade, da inovação e da tolerância; que a música enquanto arte enriquece a vida humana, devendo a expressividade e a musicalidade da criança ser estimuladas; que a relação entre a música e outras artes (teatro, drama, mímica, dança, pintura, literatura...) contribui também para desenvolver a sensibilidade artística e estética da criança.

Pelas razões aqui referidas, a música não poderá deixar de ser incluída no currículo escolar do EB.

O papel do professor/educador e a importância das TIC

A comunidade educativa é sistematicamente confrontada com mudanças importantes no campo curricular, as quais traduzem a urgência na articulação da escola com novas realidades sociais. Cada vez mais, a preparação dos professores impõe uma maior preocupação por parte das instituições de formação devendo o professor encarar a

docência/formação contínua como uma constante face às realidades sempre em mutação.

As instituições de formação e especialização de professores denominadas ESE, inseridas no ESP, representaram a vontade política de dar ao professor um estatuto diferente, tendo em vista a preparação destes profissionais da educação. Estes, podem e devem ainda, frequentar ações de formação em diversas áreas, nas quais se pode incluir a EM, de forma a adquirirem conhecimentos científicos e pedagógicos que complementem a sua formação inicial.

Cada vez mais, é necessário refletir sobre as responsabilidades e competências que a profissão docente é chamada a desempenhar. O acumular de funções burocráticas paralelamente às funções pedagógicas exigirá que se interrogue se o próprio modelo escolar, desenvolvido no contexto da construção do cidadão nacional e da afirmação do Estado-nação, se encontra esgotado e se é possível começar a delinear contornos de um outro modelo de Escola que corresponda a uma outra organização social que o projeto europeu, num contexto de globalização e localização, possivelmente está a fazer emergir. A este propósito, Paulo Freire (1997, p.107) refere:

Quanto mais penso sobre a prática educativa, reconhecendo a responsabilidade que ela exige de nós, tanto mais me convenço do dever nosso de lutar no sentido de que ela seja realmente respeitada. O respeito que devemos aos educandos dificilmente se cumpre, se não somos tratados com dignidade e decência pela administração privada ou pública da educação.

Às antigas funções de profissional do ensino-aprendizagem somaram-se todas as outras, de assistente social a psicólogo e sociólogo, de psicoterapeuta a vigilante e polícia, ou, numa imagem violenta mas muito

real, de criada ou criado para todo o serviço. É, por isso necessário que haja uma reposição da especificidade do papel do professor nas atividades de ensino e as escolas devem possuir nos seus quadros um corpo de profissionais que respondam às demais necessidades.

O professor deve ser um investigador de sala de aula, capaz de construir estratégias de diferenciação pedagógica, de trabalhar em equipa, de produzir quotidianamente inovação. Assim, os professores do EB devem orientar a sua ação no sentido de rentabilizar a formação para novas competências, em domínios como as TIC. Da mesma forma, também devem ser criadas condições para a profissão docente sair do comportamento defensivo face às mudanças que atravessam a Escola. O computador e, de forma geral as TIC, surgem como instrumento representativo dessa mudança. São, seguramente, a alavanca fundamental da inovação na sociedade atual e têm vindo a alterar todas as atividades existentes criando ambientes inovadores.

O Plano Tecnológico de Educação (PTE) aprovado pela Resolução do Conselho de Ministros nº137/2007 de 18 de setembro⁵², refere que: « É essencial valorizar e modernizar a escola, criar as condições físicas que favoreçam o sucesso escolar dos alunos e consolidar o papel das tecnologias da informação e da comunicação (TIC) enquanto ferramenta básica para aprender e ensinar nesta nova era.». O mesmo documento no seu Anexo I, refere ainda que «a Estratégia de Lisboa e o Programa de Educação e Formação 2010 definiram para a Europa um conjunto de linhas de orientação com vista à plena integração dos cidadãos europeus na sociedade do conhecimento. O desenvolvimento de competências em

⁵² Vide Diário da República, 1.ª série — N.º 180 — 18 de setembro de 2007 Disponível em http://www.umic.pt/images/stories/publicacoes200801/RCM_137_2007.pdf.

tecnologias da informação e da comunicação (TIC) e a sua integração transversal nos processos de ensino e de aprendizagem tornam-se objectivos incontornáveis dos sistemas de ensino.[...]». Assume-se então, como compromisso, a modernização tecnológica das escolas, visando a melhoria dos processos de ensino e de aprendizagem e o reforço das qualificações, articulando programas e projetos de modernização tecnológica das escolas.

A internet, permite a interação entre as pessoas de uma forma económica, rápida e não estruturada, potencia uma grande liberdade de comunicação, de publicação de conteúdos e de acesso aos mesmos. Num período da história em que cada vez mais se fala na aprendizagem em contexto e em autoformação, a utilização pedagógica das tecnologias vem transformando progressivamente a realidade nas escolas considerando-se que a sua utilização pode atualizar a forma de ensinar e aprender preparando melhor o aluno enquanto cidadão.

A escola deve pensar sobretudo nos alunos, dando-lhes a oportunidade de uma aprendizagem autodidacta extracurricular, dando-lhes possibilidades de aquisição de uma cultura por vezes de difícil obtenção no meio de vivência natural. Deve ser um lugar de agradável convivência, onde se faz aquisição de conhecimentos, entendendo as tecnologias como meios facilitadores e potenciadores de processos de ensino-aprendizagem. (Pais, 2007, p.6).

Naturalmente, no âmbito do ensino da música, as tecnologias marcam também um eixo de viragem no seu ensino/aprendizagem. A interatividade, a facilidade com que se pode registar, editar e distribuir os sons que ouvimos ou criamos e a facilidade com que podemos integrar o som com outras linguagens são possibilidades que não podemos desconsiderar.

Cabe ao professor utilizá-las para tornar a sua prática de ensino lúdica, motivadora e geradora de aprendizagens significativas.

Alguns tipos de softwares, categorizados em funções diferenciadas, são organizados em taxonomia específica, como, por exemplo: Softwares para acompanhamento, edição de partituras, gravação de áudio, instrução musical, sequenciamento musical e síntese sonora. Utilizando pelo menos um software que contemple cada uma destas funções, o aluno tem a possibilidade de criar suas próprias melodias e desenvolver sua habilidade de pesquisar novos sons. Ao criar um catálogo de novos sons ele poderá organizá-lo com base em técnicas de composição e princípios estéticos. (Pereira, 2005, p.663).

Alguns constrangimentos como a falta de competências no âmbito das TIC e a falta de recursos poderão limitar a implementação das tecnologias na sala de aula, no entanto, acreditamos que serão pequenos entraves para um professor que deseja atualizar-se, não estagnar e que compreende as possibilidades e a relevância que as tecnologias vão assumindo na sociedade da informação.

CAPÍTULO II

INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA

Objetivos e Metodologia

Sendo o projeto direcionado para o ensino, escolhemos como metodologia de investigação e pelas suas características a que melhor se enquadra, a investigação-ação, no sentido de desenvolver um trabalho interativo, permitindo a produção de saberes ao longo de todo o processo e a todo o grupo participativo. Como refere Arménio Fernandes (2006, p.70) apoiando-se em Arends, «a Investigação-acção é um excelente guia para orientar as práticas educativas, com o objectivo de melhorar o ensino e os ambientes de aprendizagem na sala de aula».

Esta metodologia apresenta um duplo objetivo: através da investigação procura-se alargar o conhecimento e compreensão relativamente ao público-alvo e à comunidade, e através da ação, conduzir à participação de todos os implicados no estudo. Assim, assiste-se a um processo que se desenvolve em espiral de ciclos de observação, ação, observação e reflexão.

Foi neste contexto que escolhemos o local para implementarmos o nosso estudo, o Agrupamento de Escolas Martinho Árias – Soure, mais concretamente, a EB 1, 2. A razão da escolha deveu-se ao facto de a mestranda desempenhar funções docentes no estabelecimento de ensino, poder trabalhar com os alunos e o público-alvo pretendido e, dessa forma, colher resultados fidedignos na experiência pedagógica, através da seleção de uma amostra que obedeceu a determinados critérios e procedimentos formais e informais como referiremos.

Para concretização dos objetivos do presente projeto foi necessário proceder em primeiro lugar, à *recolha de dados* o que careceu da autorização dos vários organismos implicados, tais como, Agrupamento

de Escolas Martinho Árias – Soure, Grupo Folclórico e Etnográfico de Alfarelos, com ofícios dirigidos às respetivas direções. Elaborámos e aplicámos 16 inquéritos⁵³ num universo de 89 alunos das várias turmas de 6º ano do Ensino Básico, divididos em igual proporção por rapazes e raparigas e com idades compreendidas entre os 11 e os 13 anos de idade. Aplicámos ainda 16 inquéritos às famílias⁵⁴ de alunos do 6º ano. Os inquéritos foram constituídos maioritariamente por questões de resposta mista. As de resposta fechada tiveram uma função orientadora, destinadas a complementar um conhecimento adquirido *à priori*. As de resposta aberta permitiram que a comunidade contribuísse com um novo conhecimento. Com a aprovação em Conselho de Diretores de Turma⁵⁵ os inquéritos aos alunos foram aplicados nas aulas de estudo acompanhado. Foram preenchidos, individualmente, e recolhidos pelas respetivas professoras, garantindo-se a máxima isenção de influências nas respostas. Quanto aos inquéritos às famílias, as diretoras das turmas selecionadas solicitaram aos alunos mais responsáveis e de localidades diferentes do concelho, que os fizessem chegar às respetivas famílias e os devolvessem no menor período de temporal.

Em articulação com as atividades curriculares vigentes, foi solicitado aos alunos que realizassem trabalhos de pesquisa no âmbito das tradições, usos e costumes das suas terras,⁵⁶ e que, posteriormente, foram alvo de reflexão, consolidando assim alguns conteúdos.

Procedemos, de seguida, à *análise dos documentos* que regem o funcionamento do agrupamento de Escolas Martinho Árias – Soure, a

⁵³ Vide anexo 19. *Inquéritos realizados aos alunos de sexto ano.*

⁵⁴ Vide anexo 20. *Inquéritos realizados às famílias dos alunos de sexto ano.*

⁵⁵ Vide Ata de Departamento, nº 5, março de 2012.

⁵⁶ Vide anexo 21. *Exposição de trabalhos elaborados pelos alunos de sexto ano.*

saber: *regulamento interno, projeto educativo, plano anual de atividades* bem como o documento *Estatuto do Aluno do Ensino Não Superior* elaborado pelo MEC.

Foi, igualmente, feito o estado de arte relativo ao património tradicional do concelho de Soure, bem como sobre o trabalho de recolhas e representação do GFEA. Por último, foram analisados e apurados os resultados dos inquéritos aplicados aos alunos e às famílias, que apresentámos em gráficos, no capítulo específico.

Após a realização do *Encontro Pedagógico* e no âmbito da avaliação do projeto foram analisados todos os elementos de registo escrito, fotográfico e vídeo e feitas as considerações finais.

Contexto geográfico e humano onde foi aplicado o estudo

Breve caracterização do concelho de Soure

Fig. 2- Freguesias do concelho de Soure



Inserido no distrito de Coimbra, o concelho de Soure encontra-se delimitado, a norte, pelo concelho de Montemor-o-Velho; a nascente, pelos concelhos de Condeixa-a-Nova e Penela; a sul, pelos concelhos de Pombal e Ansião; e a oeste pelo concelho da Figueira da Foz. É parte integrante do agrupamento de concelhos da sub-região denominada de Baixo Mondego.

O documento escrito mais antigo que se conhece referindo-se a Soure data do ano de 1043. O foral foi-lhe atribuído em Junho de 1111, pelo Conde D. Henrique e pela rainha D. Teresa. No período da reconquista cristã o seu castelo fazia parte de um conjunto de fortalezas, para defesa de Coimbra e terá sido doado, à Ordem dos Templários, em 1128. Ao longo dos séculos, houve algumas alterações administrativas, mas desde finais do séc. XIX que o concelho mantém a mesma estrutura, agrupando doze freguesias. Situadas na zona serrana «sub-região de Sicó» as freguesias de Tapéus, Degracias e Pombalinho e numa zona mais plana e irrigada pelos rios Anços, Arunca e Pranto, as freguesias de Soure, Vinha da Rainha, Gesteira, Samuel, Brunhós, Vila Nova de Anços, Figueiró do Campo, Alfarelos e Granja do Ulmeiro.

Sede de concelho, Soure tem uma área de 265,1 km² e 21.000 habitantes. É atravessado por duas das mais importantes vias de comunicação, a EN nº 1 e a linha ferroviária do Norte, ambos fazendo a ligação entre Porto e Lisboa. No termo do concelho encontra-se localizado o importante entroncamento ferroviário de Alfarelos, onde aquela linha férrea principal se encontra com a de Oeste e ramal da Figueira da Foz. (Pinto, 1969, p.8).

Dadas as diferentes características geográficas, são também distintas as atividades económicas que se desenvolvem no concelho. Na zona serrana, reina a produção do queijo, havendo ainda uma exploração de calcário e uma fábrica de torrefação de frutos secos. No resto do concelho, predominam as explorações agrícolas de arroz, milho, batata, etc. mais adequadas aos solos irrigados. O setor empresarial concentra-se em maior parte na Zona Industrial de Soure, havendo ainda algumas indústrias espalhadas por todo o concelho. Todavia, é o setor comercial que predomina como meio de subsistência da população.

O concelho conta ainda com áreas protegidas – reservas naturais: Paúl da Madriz⁵⁷ e Vale do Poio⁵⁸ alguns sítios de potencial arqueológico, nomeadamente: Costa de Arnes (Alfarelos); Toca da Moura (Brunhós); Buracas da Sr^a da Estrela e Vale do Poio (Degracias); Ponte dos Mouros (Figueiró do Campo); Dordias, Fonte Velha, Choisa Nova, Choisa do Cabo (Pombalinho); Bica da Pedra, Caldas da Amieira (Samuel); Crasto, Castelo, Igreja de St^a Maria de Finisterra e cemitério, Quinta da Madalena, Quinta das Nogueiras, Quinta de S. Tomé (Soure); Horta do Paço – Quinta de S. Bento, Murêdo, Toca do Ladrão (Tapéus); Igreja Matriz de Sta. Maria de Finisterra (Vila Nova de Anços); Forno da Cal (Casal de Almeida – Vinha da Rainha). Como refere Nunes (1989. p.242), as «Quintas ao redor da Vila e algumas casas apalaçadas contribuem para engrandecer os bens culturais de Soure, a que acresce o

⁵⁷ Nas freguesias de Vila Nova de Anços e Alfarelos, a ZPE Paul da Madriz, situada na margem direita do rio Arunca, tem uma grande diversidade de habitats e possui grande valor como santuário para as aves aquáticas no Baixo Mondego.

⁵⁸ Nas freguesias de Degracias e Pombalinho, o Vale do Poio é um dos maiores canhões fluvio-cársicos portugueses, formado por grandiosas vertentes escarpadas, que outrora a água escavou e modelou. Para mais esclarecimentos, vide <http://www.terrasdesico.pt/desporto-rotas-gq-p7.php>, *Rotas, guia Quercus*.

bonito edifício dos Paços do Concelho, de 1904 e em estilo manuelino». Em todas as freguesias existem capelas e igrejas de especial interesse, cujas construções ou primeiros restauros se situam entre os séculos XV e XVIII. Alguns pelourinhos e cruzeiros são também alvo de destaque. Estão ainda identificadas algumas aldeias como sendo as mais típicas do concelho: Casal Cimeiro (Tapéus); Cabeça da Corte, Malavenda, Ramalheira e Quatro Lagoas (Pombalinho).

Muito rico em associativismo, existem no concelho 16 grupos folclóricos, já referidos na parte I deste trabalho, 5 bandas filarmónicas: Banda de Soure (fundada em 1 de dezembro de 1928), Banda Fil. 15 de Agosto Alfarelense (fundada em 15 de agosto de 1896); Banda Fil. do Cercal (fundada em 25 de dezembro de 1903); Grupo Musical Gesteirense (fundada em 3 de junho de 1944); Sociedade Fil. R. B. Vilanovense (fundada em 10 de março de 1878). Funcionam, ainda, dezenas de escolas de música, grupos corais, gaiteiros, bandas de pop-rock, grupos de fado, teatro, entre outros, cujo trabalho não se confina apenas à população do concelho. Nas últimas décadas, grande parte dos grupos folclóricos e bandas têm feito representações por todo o país e também no estrangeiro.

É neste contexto que se integra o AEMA, e mais concretamente a EB 1º, 2º ciclos de Soure, local escolhido para a implementação do nosso projeto.

Criado pela Portaria nº127-A/2007, de 25 janeiro, integra, desde o ano 2006/2007, todos os estabelecimentos de educação e ensino públicos do concelho: 12 Jardins de Infância, 10 Escolas do 1.º Ciclo de EB, 2 Centros Escolares, 1 Escola 1º/2º Ciclos do EB e 1 Escola 3º ciclo /

Secundário. Sendo uma das maiores unidades orgânicas de educação do país, passou a integrar a Escola Secundária Martinho Árias, como Escola Sede. A escolha da designação da instituição advém da proposta feita pelo Conselho Diretivo, em 1993 e aprovada pelo DN nº 12422, de 11 de novembro de 1997.

Martinho Árias, ou S. Martinho de Soure, como é conhecido pelo povo, veio para esta vila, incumbido de restaurar a Igreja e prestar assistência religiosa, depois da investida muçulmana. Após a ocupação de Soure, esta personalidade foi conduzida a Córdova, onde acabou por morrer. S. Martinho é assim o símbolo da afirmação e vontade de autonomia de um povo. (Henriques, 2003, p. 31-32).

O Agrupamento conta com quase 2000 alunos, com 14 nacionalidades como se discriminam: portuguesa, brasileira, luxemburguesa, romena, bielorrussa, ucraniana, japonesa, chinesa, suíça, francesa, venezuelana, lituana, holandesa, guineense.

A EB 1, 2 de Soure é um edifício único com dois pisos. Tem três blocos com ligação interna. Possui uma biblioteca própria, salas específicas, refeitório e bar e em anexo possui um balneário (campo de jogos exteriores), um jardim infantil e um pavilhão gimnodesportivo, propriedade do ME, com usufruto atribuído à CMS.

No ano letivo de 2011-2012, durante o qual foi realizado o nosso estudo, frequentaram a EB 1, 2 de Soure, 32 alunos de 1º ano, 44 alunos de 2º ano, 43 alunos de 3º ano, 37 alunos de 4º ano, num total de 156 alunos distribuídos por 10 turmas de 1º ciclo. Quanto ao 2º ciclo, frequentaram esta escola 188 alunos distribuídos por 5 turmas de 5º ano e 5 turmas de 6º ano de escolaridade.

Os recursos humanos são maioritariamente pertencentes aos quadros do Agrupamento, a saber: 294 docentes – serviço letivo; 1 técnico – Serviço de Psicologia e Orientação (SPO); 4 docentes – Centro Novas Oportunidades (CNO); 7 docentes – Núcleo de apoios educativos; 4 assistentes técnicos – Apoios socioeducativos; 17 assistentes técnicos; 60 assistentes operacionais.

Com um corpo docente estável, predominantemente feminino e com mais de vinte anos de experiência letiva, detentor de habilitação superior e profissionalização nas diversas áreas da docência, coadjuvado por professores de educação especial, professores bibliotecários, e por um conjunto de técnicos superiores em áreas diversas, o Agrupamento sente-se preparado para continuar a desenvolver as variadas ofertas educativas e formativas a que se propôs. Relativamente, ao pessoal não docente, maioritariamente do género feminino, são em maioria contratados e, no caso, dos assistentes operacionais, só duas pessoas possuem habilitações académicas de nível superior. Ao contrário do corpo docente, os dados apontam para uma maior juventude uma vez que ninguém tem mais de dezassete anos de serviço.

Atento às necessidades da população que serve, o Agrupamento tem procurado dar respostas educativas/formativas adequadas e diversificadas. Procura garantir a escolaridade pré-escolar e obrigatória, preocupa-se em diminuir as taxas de insucesso escolar bem como trazer à escola uma população adulta com baixos níveis académicos. Nesse contexto, foi criado em 2006, o Centro Novas Oportunidades, em 2008, cursos de formação e educação de adultos (EFA) e em colaboração com o Instituto Politécnico de Leiria, cursos de especialização tecnológica (CET) de nível 4. Mais recentemente, foi criada a Universidade Sénior

Cultur'Árias, um espaço lúdico, de ocupação de tempos livres, de troca de saberes e de cultura, dirigido a um público adulto sem ambições académicas do ponto de vista formal, mas apostado em valorizar-se social, cultural e cientificamente. No sentido de evitar que a escola se transforme num palco de conflitos, onde a violência, a falta de civismo, a indisciplina, o tédio pela vida escolar, levam muitas vezes a gerar um clima de insegurança e mal-estar, foi criado um Gabinete de Mediação.

Para além do trabalho letivo, uma grande parte dos docentes envolve-se ainda em **projetos** que visam aprendizagens significativas de carácter mais lúdico: “Com...tacto”, “Espaço J”, “Desporto Escolar”, “Jornal Escolar”, “Baguinho de Uva”, “Jornal Escolar *Escolinhas*”, “Jornal Jovem”, “A Rota Terra Clube”, “Universidade Sénior *Cultur'Árias*” ou **clubes**: “Ateliê do Património Histórico”, “Clube de Alemão”, “Clube Art´ e Vícios”, “Clube de Francês”, “Clube Experimenta Ciência”, “Clube de Inglês”, “Clube Europeu”, “Clube RecriArte”.

Há, ainda, a referir que os alunos do 1º ciclo beneficiam de atividades de enriquecimento curricular nas áreas da expressão musical, da expressão física/motora e inglês, dinamizadas por técnicos, contratados pela CMS.

Em suma, as áreas de intervenção do Agrupamento definidas no seu PE visam atingir as seguintes metas: – *Promover o sucesso educativo; Melhorar os resultados escolares na disciplina de matemática; Estimular a participação dos pais e encarregados de educação na vida escolar dos seus filhos/educandos; Melhorar a organização do Agrupamento; Promover uma maior interação entre a escola e a comunidade e vice-versa; Promover a educação para a saúde; Promover a educação para a cidadania.*

Análise e discussão dos resultados dos inquéritos

Ao inquérito responderam 8 alunos do sexo masculino e 8 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 11 e os 13 anos e ainda 16 famílias de outros alunos de sexto ano⁵⁹. Os inquéritos contemplaram as seguintes localidades: Freguesia de Brunhós; freguesia de Degraças; Cercal, Santo Isidro (freguesia de Gesteira); Carvalhal de Azóia, Figueira de Azóia, Serroventoso (freguesia de Samuel); Alencarce de Baixo, Alencarce de Cima, Camparca, Carvalheira, Carrascal, Casal das Camarinhas, Casal da Venda, Casal do Barril, Casalinhos, Encosta do Sol, Malhadas, Matas, Oureça, Pouca Pena, Pinheiro, Quinta de S. Bento, Soure, Torre do Sobral (freguesia de Soure); freguesia de Tapéus, freguesia de Vinha da Rainha.

Apresentamos os resultados das respostas dadas pelos inquiridos, traduzidos em gráfico.

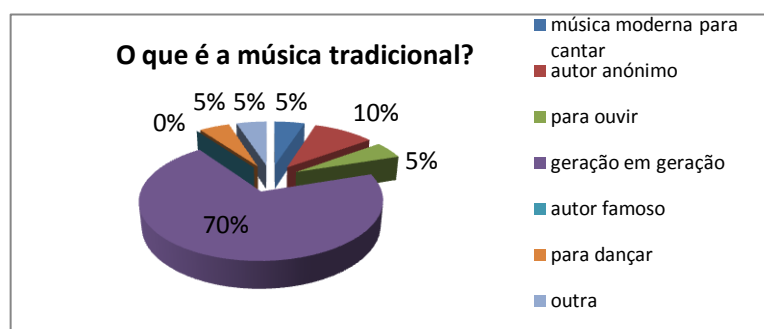


Gráfico 1 - "O que é Música Tradicional" para os alunos

⁵⁹ Para mais esclarecimentos, vide anexo 23. *Resultados dos inquéritos aplicados aos alunos e famílias de alunos de sexto ano, na EB 1,2 de Soure.*

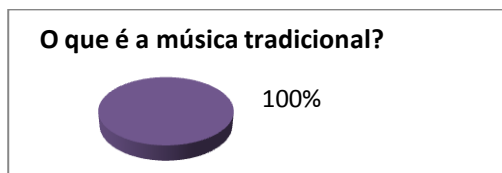


Gráfico 2 - "O que é Música tradicional" para as famílias

Síntese: Quase todos os alunos sabem que a música tradicional passa de geração em geração. Contudo, apenas 2 a identificaram como música de autor anónimo. A totalidade das famílias apenas a associou à música que passa de geração em geração.

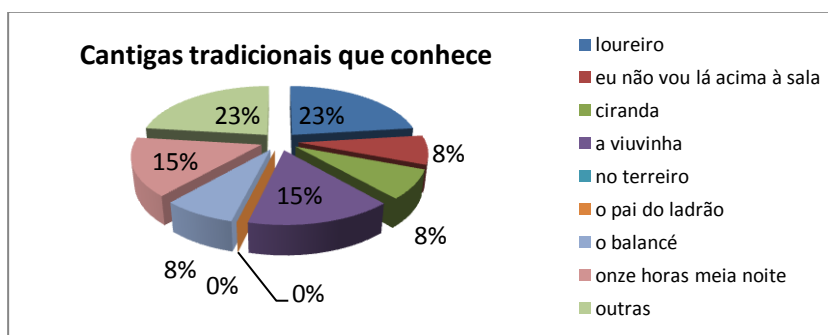


Gráfico 3 - "Cantigas tradicionais" que os alunos conhecem

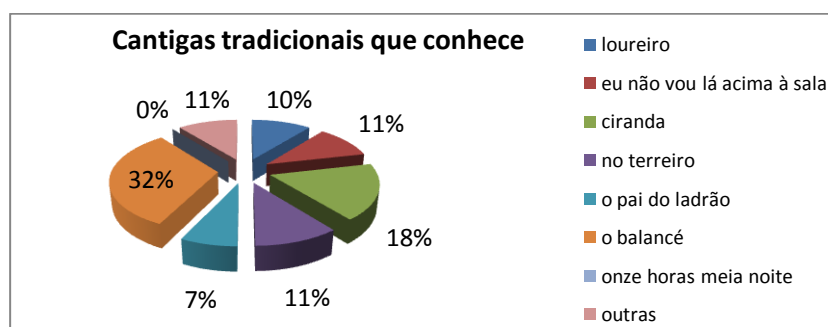


Gráfico 4 - "Cantigas tradicionais" que as famílias conhecem

Síntese: As canções tradicionais do concelho são pouco ou nada conhecidas pelos alunos. Quanto às famílias, apenas se destaca «O Balancé» sendo a mais conhecida.

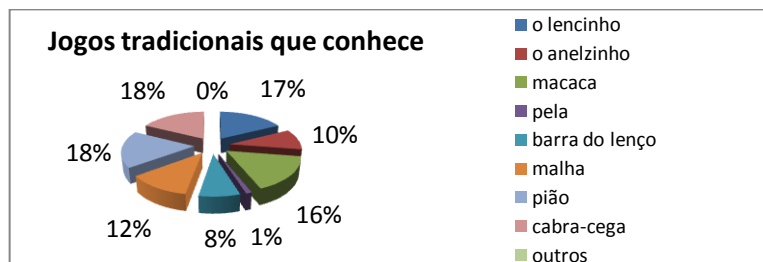


Gráfico 5 - "Jogos tradicionais" que os alunos conhecem

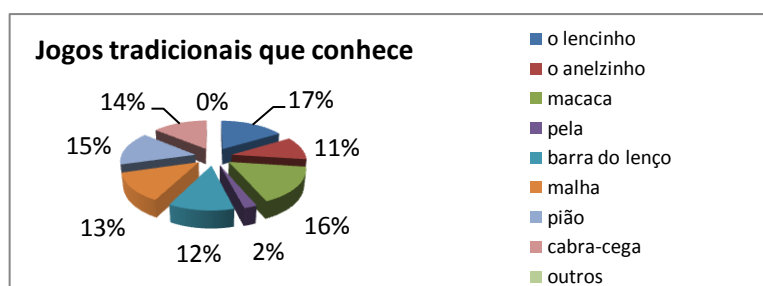


Gráfico 6 - "Jogos tradicionais" que as famílias conhecem

Síntese: Os jogos mais conhecidos pelos alunos são «O Lencinho», a «Cabra-cega» e o «Pião». Alguns conhecem os jogos restantes e a «Pela» é do conhecimento de apenas 1 aluno. Também as famílias apresentam resultados idênticos, embora 2 não conheçam «O Lencinho» e só 2 conhecem a «Pela».

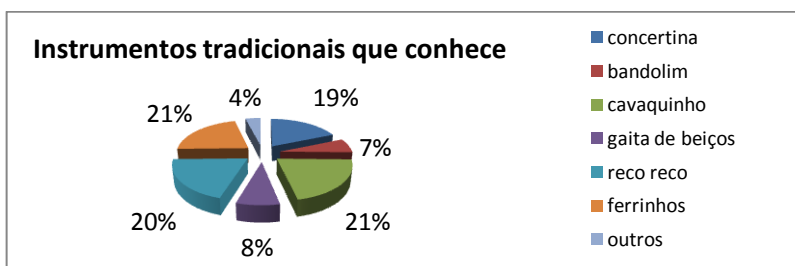


Gráfico 7 - "Instrumentos tradicionais" que os alunos conhecem



Gráfico 8 - "Instrumentos tradicionais" que as famílias conhecem

Síntese: Cavaquinho, ferrinhos, reco-reco e concertina são os instrumentos tradicionais do concelho que mais alunos e famílias conhecem. O bandolim e a gaita-de-beijos não são tão conhecidos. Há ainda quem conheça a gaita-de-foles e as castanholas.

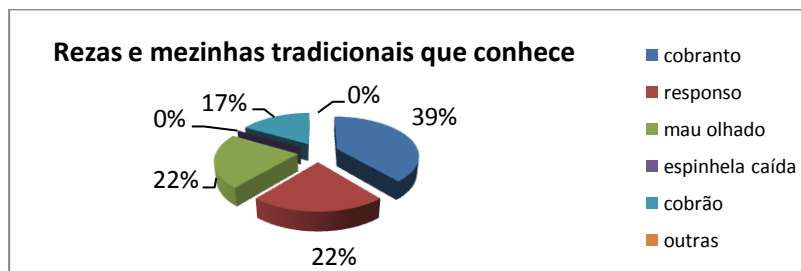


Gráfico 9 - "Rezas e mezinhas tradicionais" que os alunos conhecem

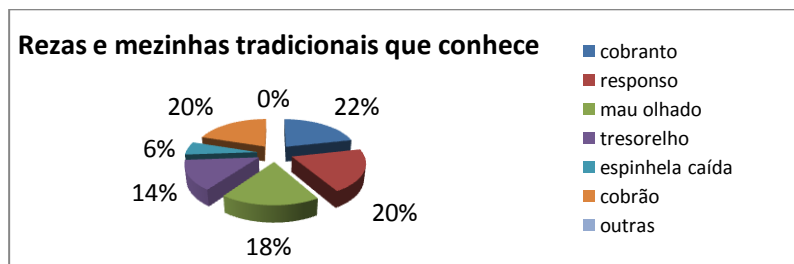


Gráfico 10 - "Rezas e mezinhas tradicionais" que as famílias conhecem

Síntese: O “coibranto” é a maleita que mais alunos conhecem ou já ouviram falar. Em geral, as famílias conhecem ou já ouviram falar de todas as maleitas. 5 famílias referiram que conhecem rezas para a cura das maleitas acima mencionadas – mau-olhado, coibranto, coibrão. 5

alunos e 9 famílias referiram conhecer quem sabe aplicar rezas e mezinhas para as maleitas acima mencionadas.

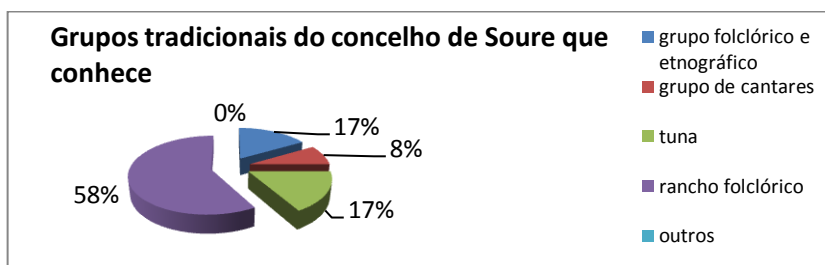


Gráfico 11 - "Grupos tradicionais do concelho de Soure" que os alunos conhecem

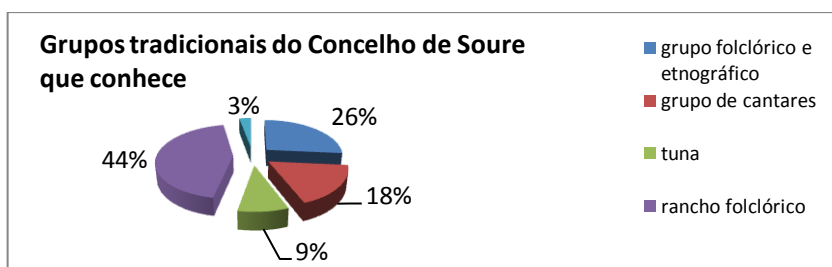


Gráfico 12 - "Grupos tradicionais do concelho de Soure" que as famílias conhecem

Síntese: Em geral alunos e famílias conhecem ou já ouviram falar de grupos tradicionais do concelho, contudo nem todos os conseguem identificar. 3 alunos e 11 famílias referem existir na localidade onde residem, um dos grupos acima mencionados. 3 famílias referem haver no seu agregado familiar quem faça parte de um dos grupos mencionados.

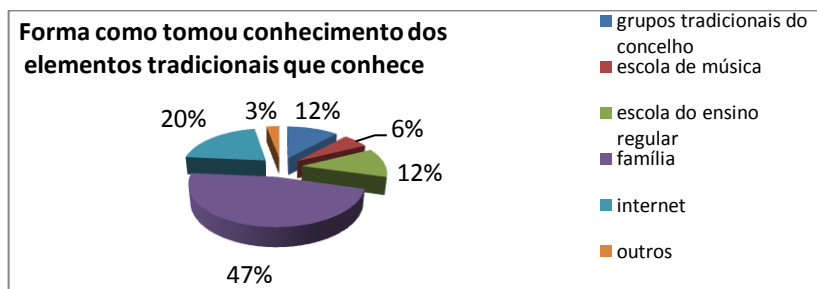


Gráfico 13 - Modo como os alunos tomaram conhecimento das tradições do concelho

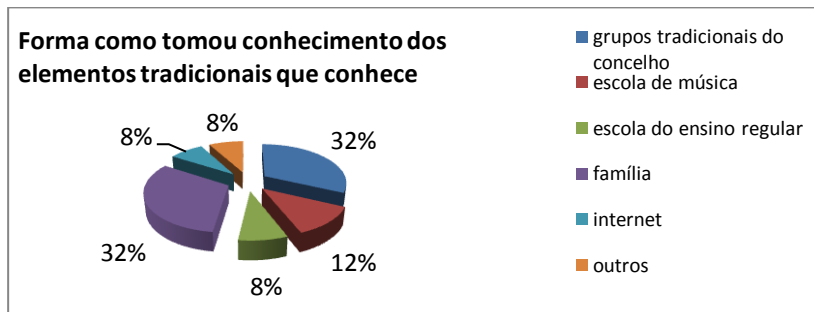


Gráfico 14 - Modo como as famílias tomaram conhecimento das tradições do concelho

Síntese: É através da família, que a maioria dos alunos e famílias conheceram ou ouviram falar de grupos tradicionais, 7 alunos através da Internet e 8 famílias através dos próprios grupos tradicionais do concelho.

Por último, foi colocada uma questão apenas às famílias no sentido de averiguar da existência de artesãos nas respetivas freguesias. 4 famílias referiram conhecer tecedeiras, 2 famílias, latoeiros e cesteiros.

Conclusões

Através da análise dos Projetos Educativos e Planos Anuais de Atividades, constata-se que, de uma forma geral, a escola preocupa-se em educar e sensibilizar os seus alunos para as questões do património. Contudo, e a avaliar pelos resultados dos inquéritos aplicados a um grupo de alunos de 6º ano da Escola EB 1,2 de Soure, o conhecimento que os alunos possuem acerca das tradições do seu concelho, é muito reduzido. Apenas se destacam os jogos e os instrumentos tradicionais, que, na maioria, são identificados. Quanto às cantigas tradicionais, salvo raras exceções, não foram reconhecidas pelos alunos, o mesmo acontecendo com as lendas, rezas e mezinhas.

Também com base nos inquéritos aplicados às famílias se conclui que, à exceção das que integram Grupos Folclóricos e Etnográficos, as famílias do concelho de Soure desconhecem as cantigas tradicionais. Conhecem melhor os instrumentos musicais tradicionais, jogos, lendas e mezinhas. Verificámos que poucos alunos e famílias conhecem os artesãos do concelho.

CAPÍTULO III

DESCRIÇÃO DO «ENCONTRO PEDAGÓGICO»

Conforme a planificação inicial, elaborámos um plano de atividades⁶⁰ com vista à realização de um evento que designámos de *Encontro Pedagógico* a ter lugar na instituição onde se aplicou o estudo, no último dia de aulas dos alunos de 6º ano. As diligências iniciaram-se após a aprovação da proposta pela direção do Agrupamento.

Para além da colaboração dada pelos alunos e seus familiares bem como dos artesãos e grupos convidados, o projeto desenvolveu-se graças à colaboração de todos os agentes educativos, que, de forma pormenorizada, aqui referimos.

Diretores de Turma – em reuniões de concelhos de diretores de turma⁶¹ foi solicitado o apoio e sensibilização à comunidade docente a partir dos diversos concelhos de turma;

Professores titulares das turmas de 1º ciclo – contactámos pessoalmente todos os docentes em questão, entregando-lhes um exemplar do *Plano de Atividades* e ainda um documento com propostas de atividades a desenvolver pelas suas turmas⁶²;

Técnicos de AEC – solicitámos o apoio das técnicas de Expressão Musical propondo que ensinassem aos alunos do 1º ciclo alguns jogos musicais tradicionais mais habituais na região. A proposta foi bem acolhida, as crianças aprenderam em contexto de sala de aula alguns jogos/melodias tradicionais, que apresentaram no dia oito de junho à comunidade escolar: «Eu fui ao Jardim Celeste»; «Os Olhos da Marianita»; «Que Linda Falua»; «Machadinha»; «O lencinho»; «A

⁶⁰ Vide anexo 24. *Plano de atividades do Encontro Pedagógico*.

⁶¹ Vide ata nº 6, Conselho de Diretores de Turma, de 30 de maio de 2012.

⁶² Vide anexo 25. *Proposta de atividades para o Encontro Pedagógico*.

Caminho de Viseu». É de referir que os materiais pedagógicos foram todos reunidos/elaborados pela mestranda tendo em conta o que era, habitualmente, usado na região pelas anteriores gerações⁶³.

Fig. 3 - Danças de roda



Alunos da turma E do 11º ano do curso de Animação Sociocultural – enquanto docente da turma e no âmbito da Expressão Musical, foi solicitado aos alunos que preparassem um conjunto de jogos tradicionais para dinamizarem com os alunos de 1º e 2º ciclos. A estes alunos foi pedido que ensinassem outro tipo de jogos lúdicos tradicionais. Assim, foram selecionados os seguintes: «O lencinho»; «O anelzinho»; «A Barra do lenço»; «Corrida de sacos»; «Cabra-cega»; «Saltar à corda»; «Macaca»; «Caracol»; «Jogo da carga»; «Lançar o pião»; «Malha». Numa das aulas de *Expressão Musical* foi feito o estudo do espaço mais adequado para a implementação de cada um dos jogos. A estes alunos, foi ainda pedido que elaborassem flores de papel para decorar o espaço da festa. Dois alunos da turma referida tiveram a seu cargo a apresentação das atividades e no final todos participaram na dinamização dos jogos tradicionais.

⁶³ Vide anexo 33. *Jogos musicados*.

Fig. 4 - Saltar à corda



Alunos da turma D do 12º ano do curso de Animação Sociocultural a realizar estágio na Escola EB 1,2 de Soure – a estes alunos solicitámos colaboração para que desenhassem no chão do recinto escolar e em local apropriado, os jogos da macaca, do caracol e da carica. Colaboraram ainda na elaboração das flores de papel e cartazes para identificar os artesãos que estiveram presentes no *Encontro Pedagógico*.

É de referir que a dinamização de jogos tradicionais foi uma das atividades que mais entusiasmou os alunos do curso profissional, tendo estes, providenciado todos os materiais necessários. Os jogos desenhados no recinto escolar irão servir para as brincadeiras dos próximos anos letivos.

Fig. 5 - Jogo da macaca



Docente de EM da Escola EB 1,2 de Soure – em reunião de grupo disciplinar, à data de vinte de janeiro, solicitámos o apoio da colega para

a sensibilização dos seus alunos no sentido de elaborarem trabalhos de pesquisa acerca dos usos e costumes tradicionais das suas terras.

Os trabalhos apresentados foram expostos no átrio principal da escola e posteriormente tratados no âmbito do projeto em estudo.

Fig. 6 - Exposição de trabalhos



Reunião com a vereadora do pelouro da cultura da CMS – marcada previamente, a reunião teve lugar no gabinete da vereadora no dia 12 de março pelas dez horas e trinta minutos. Começámos por apresentar sumariamente o projeto “Em defesa do património tradicional do concelho de Soure”, objetivos e ainda algumas propostas de atividades a dinamizar no âmbito do *Encontro Pedagógico*. Foi-nos de imediato disponibilizada uma lista de contactos de todos os grupos folclóricos e de alguns artesãos do concelho. Também, no seguimento de um ofício à CMS⁶⁴ nos foi disponibilizado um palco para o *Encontro Pedagógico* bem como a respetiva montagem e desmontagem.

É de referir que todos os pedidos foram bem acolhidos, sendo inclusivamente montada uma cobertura para o palco. No dia oito de

⁶⁴ Vide anexo 26. *Ofício dirigido à CMS.*

junho e no seguimento do convite enviado à CMS, a vereadora compareceu e assistiu às atividades realizadas ao longo da tarde.

Sta. Casa da Misericórdia de Soure – aproveitando os recursos existentes na sede de concelho e no sentido de promover o convívio intergeracional, convidámos⁶⁵ o *Grupo de Cantares* daquela instituição para abrilhantar o evento. Entretanto, todas as diligências inerentes foram tratadas com a Animadora Sociocultural da instituição, quer por contacto presencial, quer telefónico. Assim, no *Encontro Pedagógico*, durante cerca de vinte minutos, o grupo apresentou alguns temas do repertório musical tradicional. Não apresentaram quaisquer despesas e as deslocações foram asseguradas pela instituição.

Fig. 7 - Grupo de Cantares da Sta. Casa da Misericórdia de Soure



APPACDM de Soure – aproveitando os recursos existentes na sede de concelho e promovendo o espírito inclusivo convidámos o Grupo de Danças e Cantares da Instituição para abrilhantar o evento. O convite⁶⁶ foi aceite e também sem qualquer custo, vinte e um elementos compareceram e fizeram as delícias das crianças, com quem interagiram,

⁶⁵ Vide anexo 27. *Convite ao Grupo de Cantares da Sta Casa da Misericórdia de Soure.*

⁶⁶ Vide anexo 28. *Convite ao Grupo de Danças e Cantares da APPACDM.*

dançando em conjunto, algumas danças tradicionais. Não usam trajos tradicionais pois não pretendem assumir-se como grupo etnográfico mas antes como rancho folclórico inspirado nos grupos criados em meados do séc. XX para abrihantar arraiais populares. Contudo, a maior parte do seu repertório é baseado no cancionero tradicional português.

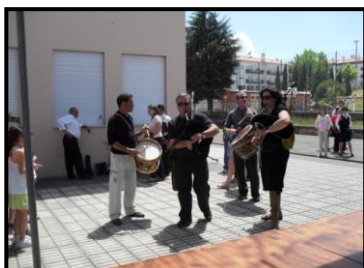
É de referir o manifesto agrado deste grupo em participar neste evento a partir dos comentários que na ocasião do lanche fizeram à mestranda. Desejavam voltar para dançar com as crianças e agradeceram inúmeras vezes o convite. Por outro lado, a atitude das crianças que assistiam foi magnífica, que, respeitosa, observavam as danças e manifestaram igualmente grande satisfação por partilharem alguns momentos no palco.

Fig. 8 - G. Danças e Cantares da APPACDM - Soure



Gaitas Tradicionais de Soure – o *Encontro Pedagógico* contou ainda com a colaboração deste grupo, composto por gaitas de foles e tambores, cuja *performance* abriu e fechou o evento.

Fig. 9 - G. Gaitas Traditionalis de Soure



Tratou-se de um momento diferente, criado pelo timbre das gaitas de foles e que pretendeu realçar o uso deste instrumento e dos *Gaiteiros* na abertura

dos momentos festivos das várias localidades do concelho.

Curso Profissional de Restauração e Bar – aproveitando os recursos humanos e materiais da escola e no sentido de promover a interdisciplinaridade e a articulação curricular, solicitámos junto do órgão de gestão e dos docentes responsáveis pelo curso, colaboração para a confeção e serviço de um lanche para todos os grupos e artesãos convidados. O pedido foi bem acolhido, servindo inclusivamente para avaliação dos alunos da turma profissional do curso de Restauração e Bar pelo que todas as despesas foram cobertas pelo organismo que financia o referido curso. Do lanche constavam salgados (croquetes, bolos de bacalhau, canapés), doces e bolos diversos, pãezinhos de leite guarnecidos, frutas diversas e bebidas (sumos naturais, refrigerantes e vinho). Todas as diligências foram tratadas entre a mestranda e os responsáveis pelo curso.

Fig. 10 - Lanche convívio



Artesãos do concelho de Soure – foram muitos os artesãos contactados. Porém, alguns não puderam estar presentes, uns devido a problemas de saúde, outros por razões de ordem profissional e/ou familiar. Os convites efetuados surgiram a partir da lista cedida pela vereadora do pelouro da

cultura da CMS, por indicação de alguns assistentes operacionais, ou por indicação de alunos, ou ainda, por conhecimento pessoal da mestranda.

Assim, e após entregar convites formais⁶⁷ foi possível reunir no *Encontro Pedagógico* os seguintes artesãos:

Queijeira/tremoceira – tia de uma aluna de 6º ano. Os queijos de cabra foram confeccionados no local e todos foram vendidos, bem como os tremoços.

Rendas e bordados – 3 bordadeiras do lugar de S. Pedro demonstraram algumas técnicas de bordar com destaque para a bainha aberta.

Fig. 12 - Queijeira e tremoceira



Fig. 11 - Rendas e bordados



Mantas de fitas – uma artesã mostrou como se rasgavam as peças de vestuário entre outros panos que se iam estragando com o uso e se enrolavam em forma de novelo (fitas), para, posteriormente, serem misturadas com outros fios num tear, dando origem a mantas para as camas.

⁶⁷ Vide anexo 29. *Ofício/convite* para participação no Encontro Pedagógico.

Costura – munida de agulha, linhas e dedal, a costureira de Alfarelos mostrava como se faziam as bolsas de retalhos, onde outrora se guardavam as sementes (feijão, grão, ervilhas) entre outros produtos.

Fig. 14 - Mantas de fitas - D^a Maria do Céu (Alfarelos)



Fig. 13 - Costureira - D^a Celeste Silva (Alfarelos)



Bonecas tradicionais – entre outros produtos do agrado das crianças, a artesã de Alfarelos mostrava como se trajavam as pessoas de gerações mais antigas, através dos seus bonecos.

Fig. 15 - Bonecos de trapos - D^a Licínia Egas (Alfarelos)



Empalhador de garrafas e garrafões – Joaquim Egas é certamente o artesão com mais idade do concelho de Soure. Integra o GFE de

Alfarelos e desloca-se por todo o país mostrando a sua arte. É pai da artesã referida anteriormente.

Redes de pesca de rio – Joaquim José de Freitas é compadre do artesão referido anteriormente, também vive em Alfarelos e tal como o primeiro, integra o GFE de Alfarelos. As redes eram, outrora, um artefacto muito usado naquela freguesia uma vez que as famílias procuravam nos rios circundantes (Mondego, Arunca e afluentes) parte do seu sustento.

Fig. 16 - Empalhador - Sr. Joaquim Egas (Alfarelos)

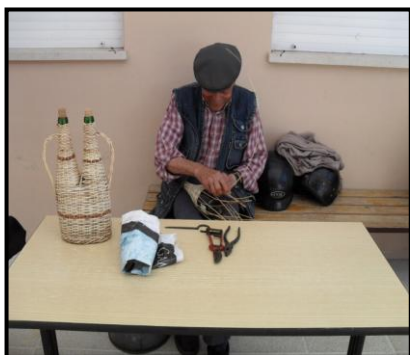


Fig. 17- Pescador de rio - Sr. Joaquim Freitas (Alfarelos)



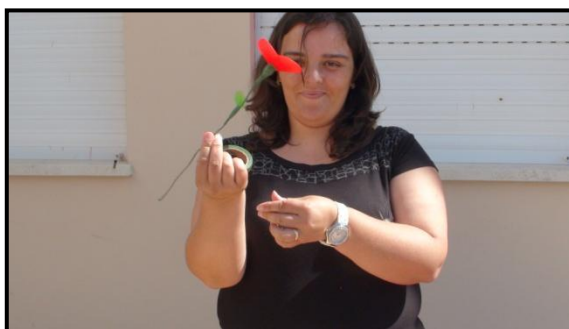
Latoeiro – residente em Soure, o latoeiro é também uma figura bastante importante nas artes e ofícios de antigamente já que era das suas mãos que provinham alguns dos utensílios mais usados no quotidiano, tais como, o regador, o púcaro, a almotolia, etc.

Fig. 18 - Latoeiro - Sr. Aníbal Lebre (Soure)



ATL – por ser um espaço inserido na escola, onde as crianças dão largas à imaginação e desenvolvem atividades criativas, a mestranda convidou a monitora do ATL a apresentar alguns dos trabalhos que ali se realizam com a ajuda dos alunos inscritos.

Fig. 19 - Monitora do ATL - EB 1,2 de Soure



É de referir que todos os artesãos se deslocaram à escola a título generoso e pelos seus próprios meios. Através da sua arte trouxeram ao *Encontro Pedagógico* um ambiente e um espaço diferente de aprendizagem muito apreciado pelos discentes, docentes, assistentes operacionais e pelos pais que estiveram presentes na atividade.

Registo vídeo – todo o evento foi registado em vídeo e fotografia. O apoio dado pela docente de Inglês, Sónia Antunes, acostumada a este tipo de trabalho, foi essencial para captar os diferentes momentos e fundamentar esta exposição.

Assistentes operacionais da EB 1, 2. – todo o apoio prestado pelos assistentes operacionais foi fundamental para que a logística correspondesse o melhor possível às necessidades do evento. Desde o apoio na ornamentação, acondicionamento e limpeza do espaço para o

evento, à montagem e supervisão do equipamento de som, todos deram o seu contributo assegurando o sucesso da atividade.

Elaboração de documentos informativos da atividade: Programas/convites/cartaz/fotos – Para informação detalhada da realização da atividade elaborámos um programa⁶⁸, em articulação com docentes de outros grupos disciplinares. É de referir que o *Encontro Pedagógico* fez parte de um conjunto de atividades de encerramento do ano letivo para os alunos de 6º ano, sendo realizado no período da tarde. Outros grupos disciplinares apresentaram também as suas propostas e tudo foi planificado com a devida antecedência para que os alunos pudessem partilhar o último dia na escola com um leque de atividades de forma participada e divertida. Neste contexto, foi ainda elaborado e enviado pelos alunos, convite⁶⁹ aos pais e encarregados de educação. Apesar das atividades serem realizadas no período de trabalho, alguns pais compareceram na escola.

Para maior divulgação solicitámos o apoio da Rádio/Jornal Popular de Soure. Divulgámos ainda a atividade na página web do Agrupamento de Escolas Martinho Árias – Soure através de um cartaz⁷⁰ da autoria do *designer* Bruno Aires.

Após a realização da atividade, enviámos agradecimento em particular às instituições colaborantes e em geral através da página web da escola publicando ainda uma sequência de fotos do evento⁷¹.

⁶⁸ Vide anexo 30. *Programa do Encontro Pedagógico*.

⁶⁹ Vide anexo 31. *Convite aos pais e encarregados de educação*.

⁷⁰ Vide anexo 32. *Cartaz do Encontro Pedagógico*.

⁷¹ Vide <http://www.escolasdesoure.pt/web/04/07/2012>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Relativamente à tese em estudo *Em defesa do património tradicional do concelho de Soure* desenvolvemos ao longo do ano letivo 2011-2012, no Agrupamento de Escolas de Soure um projeto que pretendeu averiguar o papel que a escola pode desempenhar na pesquisa, preservação e divulgação da cultura tradicional onde está inserida e que culminou com um *Encontro Pedagógico* realizado no dia 08 de junho na EB 1, 2 de Soure. Neste evento, partilharam momentos artísticos e lúdicos os alunos dos 1º, 2º ciclos, 11º e 12º anos do Curso Profissional de Animação Sociocultural, grupos de música da APPACDM, da Santa Casa da Misericórdia de Soure e artesãos do concelho.

Festas, danças, cantigas, contos e lendas, ofícios, etc., são elementos da cultura popular tradicional que formam o indivíduo enquanto ser cultural e social. Como refere Rosa Maria Torres (1998, p. 22) «as canções tradicionais são uma fonte informativa que reúne o cerne da individualidade de uma cultura e que faz a ligação entre o presente e o passado. Elas falam da natureza, do amor e da morte, das relações familiares e sociais».

No *Encontro Pedagógico*, foi notória a alegria transmitida pelas crianças de 1º ciclo ao apresentarem um repertório de canções infantis que fazem parte do património tradicional legado pelas anteriores gerações do concelho. O objetivo na escolha do repertório foi o de manter vivas as melodias e as danças e ou jogos associados às mesmas que, antigamente, faziam parte do quotidiano das pessoas desta região, quer em situações de diversão, quer em situações de trabalho.

O material recolhido foi utilizado pela autora deste trabalho de

investigação, nas aulas de Expressão Musical e de Educação Musical como ferramenta didática, para a aprendizagem dos conteúdos programáticos. Desta forma, seguimos as orientações do Departamento de Educação Básica do ME descritas no *Currículo Nacional do Ensino Básico* (2001) que aponta como experiências de aprendizagem, entre outras, as práticas de investigação, «[...] baseando a recolha e tratamento da informação num processo que visa a protecção do património artístico, num quadro de rigor ético» (p.150); o conhecimento do património artístico nacional, permite «[...] promover a valorização do património artístico e cultural nacional, regional e local de uma forma activa e interventiva» (p.151).

Ainda e tendo em conta o referido documento e no que respeita às culturas musicais nos contextos, o currículo de EM defende que no final do EB, o aluno deve ter desenvolvido competências que lhe permitam compreender a música como construção social e como cultura em diferentes períodos históricos e contextos diversificados; reconhecer os diferentes tipos de funções que a música desempenha nas comunidades; compreender e valorizar o fenómeno musical como património, fator identitário e de desenvolvimento social, económico e cultural. Desta forma, cabe também referir outros aspetos relevantes no presente projeto: a sua abrangência em termos sociais e uma “estratégia de ensino/aprendizagem”, mais acessível à grande maioria dos nossos alunos, porque a conhecem e se identificam com o património cultural.

O Encontro Pedagógico contemplou também os jogos tradicionais com ou sem dança associada, que, a avaliar pelos resultados dos inquéritos, são uma das exceções no que diz respeito ao conhecimento que os alunos têm das tradições do seu concelho.

De uma forma geral, os jogos trabalhados fazem parte do espólio nacional, apresentando algumas características próprias quer ao nível das regras, quer mesmo da designação. António Cabral (1991, p. 8) descreve estes mesmos jogos e acerca da sua importância refere representarem, «uma manifestação cultural das mais significativas [...] que não se circunscreve às actividades físicas, mas abrange todas aquelas actividades, de carácter mais ou menos mimético, em que o prazer específico de ser bem sucedido se associa a uma dificuldade a vencer[...]». Ainda acerca dos benefícios do jogo na escola, o autor refere que, «mais tarde ou mais cedo, o jogo, que anima profundamente a vida, instituir-se-á como tema necessário, se não dominante, do ensino-aprendizagem».

Associados à dança, os jogos assumem uma função ainda mais completa. Como refere Paul Rooyackers (1999, p.13), «a dança é possível a todas as pessoas, incluindo crianças – mais pequenas ou maiores – e adolescentes. A linguagem universal e supra-cultural da dança valoriza a educação pessoal, criativa, física e social dos jogadores, independentemente de onde vivem ou quem são.[...]».

Menos visível mas não menos importante, foi a atividade desenvolvida por alguns alunos do 2º ciclo que recolheram e compilaram em pequenos trabalhos escritos as diversas tradições do concelho. Descreveram manifestações religiosas, danças e cantares, lendas provérbios e mezinhas, gastronomia típica, ofícios e utensílios, jogos tradicionais. A partir da análise do conteúdo dos referidos trabalhos constata-se o interesse e empenho na sua concretização bem como o conhecimento que os alunos adquiriram.

O *Encontro Pedagógico* pretendeu ainda afirmar a necessidade de que a escola deve ser verdadeiramente um espaço promotor de inclusão, partilha e cooperação entre gerações.

A presença do *Grupo de Danças e Cantares da APPACDM* veio trazer algo diferente mas plenamente aceite e gratificante porquanto mostrou aos alunos o grande envolvimento de todos os seus elementos na representação da cultura tradicional do concelho de Soure. As pessoas com deficiência são muitas vezes ignoradas e esquecidas não podendo tomar parte ativa na sociedade. Contudo, a *Carta Europeia dos Direitos Fundamentais*, no seu art.º 26º defende a integração das pessoas com deficiência e a participação na vida da comunidade. Também a *Declaração de Madrid*, no seu preâmbulo refere que, as pessoas com deficiência, devem poder «desfrutar integralmente dos direitos humanos: civis, políticos, sociais, económicos e culturais reconhecidos nas diversas Convenções Internacionais, no Tratado da União Europeia e nas constituições nacionais».

A participação do grupo acima descrito mostrou que as limitações não são impedimento para realizar atividades culturais e que a alegria da partilha e do encontro aumentou no momento em que os seus elementos pisaram o palco.

Ainda tendo em consideração o art.º 25º da *Carta Europeia dos Direitos Fundamentais*, onde é referido o direito que as pessoas idosas têm à participação na vida social e cultural, o *Encontro Pedagógico* ficou muito enriquecido com a presença do *Grupo de Cantares da Santa Casa da Misericórdia*, de Soure. Este grupo integra no seu elenco, elementos com mais de 90 anos de idade que tão bem souberam cantar e/ou tocar temas

do repertório tradicional do concelho, conquistando uma plateia de alunos que realizaram danças de roda, embalados pela música tocada e cantada pelo grupo referido.

A presença de um conjunto de artesãos do concelho fez as delícias das crianças e jovens que, com grande interesse participaram na feitura do queijo, na forma como se molda a lata e o zinco, como se fazem as mantas de fitas e as bolsas de retalhos, etc., o que, certamente, veio enriquecer o seu conhecimento acerca das técnicas artesanais tradicionais da região que os acolhe, em especial.

Em síntese, o encontro caracterizado pela partilha intergeracional mostrou que há muito para viver e ensinar para além dos 60. Que a valorização das pessoas idosas e das pessoas com deficiência deve passar pela escola de uma forma cúmplice, ativa e participada e que, além de trazer ganhos para os indivíduos em particular, é igualmente enriquecedor para a sociedade em geral.

Algumas das atividades levadas a cabo foram planificadas, organizadas e desenvolvidas com a participação dos alunos do Curso de Animação Sociocultural estimulando o sentido da responsabilidade, o prazer e as angústias que um evento desta natureza proporciona.

Na nossa opinião, foram plenamente alcançados os objetivos que estiveram na base do presente projeto, provando-se que a Escola pode providenciar práticas musicais e artísticas diversificadas e adequadas aos diferentes contextos onde se exerce a prática educativa, organizadas de forma a potenciar a compreensão e as inter-relações entre a música na escola e na sala de aula, bem como as músicas presentes nos quotidianos dos alunos e das comunidades.

Tendo sido dada resposta às questões de partida, reunimos um conjunto de dados que nos permite refletir acerca de novas propostas de atuação futura, por forma a manter vivo o património tradicional, na maior parte das suas manifestações. Assim, fica desperta a vontade de dar continuidade ao projeto, uma vez que novas questões se podem colocar, tais como: até que ponto poderá a Escola reunir um espólio de ferramentas, utensílios e artefactos de outros tempos?; será do interesse dos alunos aprender a tocar instrumentos musicais tradicionais?; qual o interesse dos alunos na sua integração num grupo escolar de folclore? Estas e outras perguntas ficam em aberto, como foi dito, para propostas de trabalhos futuros.

Bibliografia

AIRES, Maria de Fátima (2011). *O Caminho para o Brasil – Uma experiência de intercâmbio folclórico em Terras de Vera Cruz*. Trabalho académico no âmbito da unidade curricular Ciências Sociais do Mestrado em EMEB, na ESEC, Coimbra. Trabalho não editado.

AIRES, Maria de Fátima (2005). *Proposta de Integração na Federação de Folclore Português*. Alfarelos: Grupo Folclórico e Etnográfico de Alfarelos. Trabalho não editado.

ARENDS, Richard (1995). *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill.

ARENDT, Hannah (2000). *Entre o passado e o Futuro*, 5ª Ed. S. Paulo: Perspectiva.

BRAGA, Teófilo (1994). *O Povo Português nos seus costumes, crenças e tradições – Vol.II-2ª Ed.*: col. «Portugal de Perto». Lisboa: Publicações Dom Quixote.

BRAGA, Teófilo (1982). *Romanceiro Geral Português*, 3 vol. Lisboa: Vega.

CABRAL, António (1991). *Jogos populares portuguesas de jovens e adultos*. Porto, Editorial Domingos Barreira.

CÂMARA MUNICIPAL DE SOURE (1996). *Filarmónica 15 de Agosto – A história possível de uma Associação Centenária*. Edição de Autor, Coimbra.

CÂMARA MUNICIPAL DE SOURE (1998). *Jornada Pedagógica*: Soure: Edição de Autor.

CARDEANO, Natércia (1993). *O Projecto Educativo na Mudança da Escola*, Instituto Politécnico da Guarda.

CARDOSO, António Simões (1998). “*Cantigas e Jogos da Nossa Terra*” – *Livrariades* 98, 91 p. Trabalho não editado.

CONCEIÇÃO, Augusto dos Santos (1942). *Soure – A Terra Abençoada da Pátria*. Edição de Autor, Coimbra.

CORTESÃO, Jaime (2000). *Portugal, a Terra e o Homem*. Imprensa Nacional – Casa da Moeda. Biblioteca de Autores Portugueses.

COSTA, Maria Manuela (2010). *O valor da música na educação na perspectiva de Keith Swanwick*. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Dissertação de mestrado em Educação.

CUNHA, Lúcio José Sobral da; ALARCÃO, Adília; PAIVA, Jorge, (1996). *O OPPIDUM de CONÍMBRIGA e as TERRAS de SICÓ*. Lisboa: Liga de Amigos de Conímbriga: Centro de Formação de Professores de Conímbriga, 145p. «Roteiro».

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO BÁSICA (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*. Lisboa: Ministério da Educação.

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO BÁSICA (2002). *Reorganização Curricular do Ensino Básico – Avaliação das Aprendizagens – Das concepções às práticas*. Lisboa. Ministério da Educação.

FERNANDES, Preciosa (2001). *Uma formação em círculo: um sentido no presente...um sentido no futuro*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

FERNANDES, Preciosa (2011). *O Currículo do Ensino Básico em Portugal: Políticas, perspetivas e desafios*. Porto: Porto Editora.

FREIRE, Paulo (1997). *Pedagogia da Autonomia – Saberes Necessários à Prática Educativa*. S. Paulo: Editora Paz e Terra.

FORMOSINHO, J.; FERNANDES, A. S.; MACHADO, J. e FERREIRA, F. I. (2005). *Administração da Educação: lógicas burocráticas e lógicas de mediação*. Porto: Edições ASA.

GARGATÉ, Carlos; BALEIRO, Odília. (2002). *Uma Prática Sustentada de Gestão Flexível do Currículo*. Lisboa: Texto Editora.

GIACOMETTI, Michel. (2004). *Caminho para um museu*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.

GIACOMETTI, Michel e LOPES-GRAÇA, Fernando (1981). *Cancioneiro Popular Português*. Lisboa: Círculo de Leitores.

HAINAUT, Louis D' (1980). *Educação – Dos Fins aos Objectivos*. Coimbra: Edições Almedina.

HENRIQUES, Ana Paula. (2003). *25 Anos Escola Secundária Martinho Árias – Soure. Soure: Biblioteca Escolar*.

LEÇA, Armando (1942). *Música popular portuguesa*. Porto: Editorial Domingos Barreira.

LOPES-GRAÇA, F. (1981). *Canções e rondas infantis*. Lisboa: Prelo-Barcarola.

LOUREIRO, Alícia Maria Almeida (2003). *O Ensino de Música na Escola Fundamental*. Campinas: Papyrus Editora.

MORGADO, José Carlos (2000). *A(des)construção da autonomia curricular*. Porto: Edições Asa.

MOREIRA, A. F. E PACHECO, J. A. (orgs.) (2006). *Globalização e Educação: desafios para políticas e práticas*. Porto: Porto Editora.

NUNES, Florbela (2002). *Soure – Retalhos de Lembranças e Saudades*. Soure: Câmara Municipal de Soure/Grafisoure.

NUNES, Mário (s.d.). *Introdução ao Tema “Folclore e Turismo”*. III Congresso da Federação do Folclore Português. Comunicação.

NUNES, Mário (1989). *Nos Caminhos do Património*. Coimbra: GAAC.

PACHECO, José A. (2005). *Estudos Curriculares – Para a compreensão crítica da educação – coleção, Currículo, Políticas e Práticas*. Porto: Porto Editora.

PIMENTA, Fernando Tavares. (2009) *Soure – Família, Matrimónio e Sociedade*. Coimbra: Areias do tempo – Associação Cultural e Editorial. Coimbra.

PIMENTA, Fernando Tavares. (2010) *Elites e Poder Municipal no Portugal Rural – Soure da Monarquia à República (1820-1926)*. Coimbra: Co-edição Areias do Tempo/ CMS.

PIMENTA, Fernando Tavares. (2011), *Soure – Das Origens Pré-Romanas ao Foral de 1111*. Coimbra: Co-edição Areias do Tempo/ CMS.

PINHEIRO, Américo Góis. (1990). *ALFARELOS – A Vila e a Freguesia, cadernos monográficos – 2*. Carapinheira: Liga dos Amigos dos Campos do Mondego.

PINTO, Ercília. (1969). *A Antiga e Nobre Vila de Soure – col. «Por um Portugal Desconhecido»*. Coimbra: Edição de autora.

QUIVY, Raymond. CAMPENHOUDT, Luc Van (1998). *Manual de investigação em ciências sociais*. 2ª Ed. Lisboa: Gradiva.

RODRIGUES, A. Coelho. (1971), *Festas da Vila – Feira Anual de S. Mateus*. Soure: CMS.

ROLDÃO, M. C. (coord.) (2005). *Formação e Práticas de Gestão Curricular: crenças e equívocos*. Porto: Edições ASA.

ROOYACKERS, Paul (1999). *101 Jogos musicais para crianças*. 2ª Ed.. Mem Martins: Lyon Multimédia Edições.

SANTOS, Maria Eduarda. (2005). *Que educação?*(Tomo I). Lisboa: Santos Edu.

SANTOS, Rodrigo. (1979). *Roteiro do Concelho – O Concelho e o seu valor económico*. Soure, nº1. Lousã: Tipografia Lousanense

SECO, Graça Maria dos Santos. (2002). *A Satisfação dos Professores – Teorias, modelos e evidências*. Porto: Edições Asa.

SILVA, Victor da Costa de Almeida e (1986). *Latoaria – Estudo e Análise da Actividade Artesanal (Monografia da latoaria de Manuel da Cunha)*. Soure e seu artesanato – Abordagens Etnográficas –1 Soure. Gabinete Técnico Local de Soure.

SILVA, Victor da Costa de Almeida e (1986). *Tanoaria – Estudo e Análise da Actividade Artesanal (Monografia da tanoaria de Mário Gomes Santos)*. Soure e seu artesanato – Abordagens Etnográficas – 2 Soure. Gabinete Técnico Local de Soure.

TORRES, Rosa Maria (2001). *As canções tradicionais portuguesas no ensino da música*. (2ª ed.). Lisboa: Editorial Caminho.

VASCONCELOS, Fernando (1999). *Projecto Educativo – Teoria e Práticas nas Escolas*. Lisboa: Texto Editora.

WUYTACK, Jos. (1974). *Audition Musicale Active. Livre du Professeur. Musicograms*. Lovaina: Ed. de Monte.

WUYTACK, Jos. (1998). *Canções Tradicionais Portuguesas*. Porto: Associação Wuytac de Pedagogia Musical.

WUYTACK, Jos. (2005). *Curso de Pedagogia Musical - 3º Grau*. Porto: Associação Wuytack de Pedagogia Musical.

Webgrafia

ALONSO, Luísa (2002). *Do Projecto de “Gestão Flexível do Currículo” à Reorganização Curricular*. Braga: Universidade do Minho. Centro de Formação Francisco de Holanda. Disponível em http://www.cf-francisco-holanda.rcts.pt/public/acta5/acta5_8.htm, acessado em 07/09/2012.

ASSEMBLEIA GERAL DA ONU (1948). *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Disponível em <http://dre.pt/util/pdfs/files/dudh.pdf>, acessado em 25/10/2012.

BIASI, Maria Loresi (2008) *Escola, Folclore e Cultura: Perspectivas Políticas e Pedagógicas*. Faculdade de Educação da Universidade de Passo Fundo. «Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação». Disponível em https://www.google.pt/?gws_rd=cr#q=ESCOLA%2C+FOLCLORE+E+CULTURA%3

A+PERSPECTIVAS+POL%C3%8DTICAS+E+PEDAG%C3%93GICAS, acedida em 19/09/2012.

CÂMARA MUNICIPAL DE SOURE (2007). *Informações e História do Concelho*. Disponível em <http://www.cm-soure.pt/concelho.html>, acedido em 28/09/2012.

CÂMARA MUNICIPAL DE SOURE (2012). *Feiras, Romarias e Festivais- Soure, freguesias*. Disponível em <http://www.cm-soure.pt/freguesias-soure-turismo.html>, acedido em 08/09/2012.

COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE (1995). *Carta do Folclore Brasileiro*. Disponível em <http://www.fundaj.gov.br/geral/folclore/carta.pdf>, acedido em 14/11/2012.

FERNANDES, António Martins (2006). *Capítulo3: A Investigação-acção como metodologia. Projecto SER MAIS – Educação para a Sexualidade online*. Porto: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Disponível em http://nautilus.fis.uc.pt/cec/teses/armenio/TESE_Armenio/TESE_Armenio/_vti_cnf/tese_completa.pdf, acedido em 17/12/2012.

GIACOMETTI, Michel; LOPES-GRAÇA, Fernando (1981). *Cancioneiro Popular Português*. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/15500064/Michel-Giacometti1981-Cancioneiro-Popular-Portugues>, acedido em 04/09/2012.

GIACOMETTI, Michel (1971). *Povo que Canta*. Disponível em <http://www.rtp.pt/programa/tv/p16746>, acedido em 04/09/2012.

GOMES, Carlos (2012). *O Teatro no Folclore*, Disponível em <http://bloguedominho.blogs.sapo.pt/360931.html>, acedido em 11/11/12.

IRIA, Alexei (2011). *O Ensino da Música em Portugal: desde 25 de Abril de 1974*. Universidade de Aveiro. «Dissertação de mestrado em Educação». Disponível em https://ria.ua.pt/bitstream/10773/5818/1/Tese_Alexei_Iria_29_11_2011_O%20Ensino%20da%20M%C3%BAsica%20em%20Portugal%20%E2%80%93%20desde%2025%20de%20Abril%20de%201974.pdf, acedido em 02/10/2012.

LEITE, Carlinda (2006). *Políticas de currículo em Portugal e (im)possibilidades da escola se assumir como uma instituição curricularmente inteligente – Currículo sem fronteiras*, v.6, n. 2, pp. 67-81, jul/dez 2006. Disponível em <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol6iss2articles/leite.pdf>, acedido em 03/10/2012.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Presidência Portuguesa da União Europeia (2007). *Conferência “As escolas face a novos desafios”*. Disponível em http://www.ige.min-edu.pt/upload/docs/Conf_NovDesaf_Programa_PT.pdf, acedido em 10/09/2012.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA (2012). *Revisão da Estrutura Curricular*. Lisboa: Governo de Portugal «Comunicado». Disponível em http://www.portugal.gov.pt/media/550035/20120326__revisao_estrutura_curricular.pdf, acedido em 20/09/2012.

MENDES, Lino, (s.d.). *Conversas para uma cultura das tradições*. Portal do Folclore Disponível em http://www.folcloreonline.com/textos/lino_mendes/conversasI.html#.Ud6VczSo, acedido em 06/09/2012.

MENDONÇA, V (2008). *O Folclore como instrumento de motivação para o ensino da Zoologia na escola*. Universidade de São Paulo: «Dissertação de Mestrado» Disponível em <https://www.google.pt/webhp#output=search&scient=psy-ab&q=O+Folclore+como+instrumento+de+motiva%C3%A7%C3%A3o+para+o+ensino+da+Zoologia>, acedido em 04/09/2012.

MOTA, Graça (2008). *A música é subvalorizada nas escolas*. Portal da Educação. «Entrevistas». Disponível em <http://www.educare.pt/educare/Atualidade.Noticia.aspx?contentid=5AC8D7A40D3102DBE0400A0AB8002FDD&opsel=1&channelid=0>, acedido em 03/11/2012.

NATÉRCIO, Afonso; ROLDÃO, Maria do Céu; MARQUES, Alexandra; GALVÃO, Cecília; PERALTA, Helena; SILVA, Isabel Lopes; LEITE, Teresa. (2010). *Projecto “Metas de Aprendizagem”*. Lisboa: Instituto de Educação. Disponível em <http://www.ie.ul.pt/pls/portal/docs/1/281817.PDF>, acedido em 11/11/2012.

NUNES, António Manuel. (2007). *Lembrança de César das Neves*. Guitarra de Coimbra – parte 1 Disponível em <http://guitarradecoimbra.blogspot.pt/2007/02/lembrana-de-csar-das-neves-1841-1920.html>, acedido em 03/02/2012.

OEI (Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura). (...) *Breve Evolução Histórica do Sistema Educativo*. ME de Portugal. 26p. Disponível em <http://www.oei.es/quipu/portugal/historia.pdf> acedido em 5/09/2012.

PAIS, Maria de Fátima (2007). *Impacto das Tecnologias de Informação no processo educativo do ensino secundário*. Universidade Fernando Pessoa. «Mestrado em Sistemas de Informação e Multimédia». Disponível em <http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/475/2/MariaPais.pdf>, acedido em 12/09/2012.

PARASKEVA, João M. (1998). *Projectos de reflexão curricular participada: uma abordagem deliberativa do currículo*. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia da Universidade do Minho, pp 135-156. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/507/1/JoaoMParaskeva.pdf>, acedido em 24/09/2012.

PEREIRA, Eliton, BORGES, Maria Helena. (2005). *Softwares na musicalização escolar: Caracterização Metodológica, Técnica e Pedagógica*. pp.659-668. Universidade Federal de Goiás. Disponível em http://www.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2005/sessao12/elitonpereira_mariahelenaborges.pdf, acedido em 05/12/2012.

PORTAL DO FOLCLORE PORTUGUÊS (2012). *Glossário de Termos*. Disponível em <http://www.folclore-online.com/glossario/p.html#Uh8LG9KsiSo>, acedido em 07/10/2012.

PORTUGAL, Ministério do Equipamento, do Planeamento e da Administração do Território, Secretaria de Estado do desenvolvimento Regional (1998). *Portugal – Uma visão estratégica para vencer o século XXI: Plano Nacional de Desenvolvimento Económico e Social 2000-2006* 164p. Lisboa: MEPAT «Monografia». Disponível em <https://infoeuropa.euroid.pt/registo/000005687/>, acessado em 10/09/2012.

ROLDÃO, Maria do Céu. (1999). *Gestão Curricular: fundamentos e práticas*. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica. Disponível em acessado em 12/09/2012.

VASCONCELOS, António Ângelo. (2006). *Orientações Programáticas do Ensino da Música no 1º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: APEM – Associação Portuguesa de Educação Musical. Disponível em <http://www2.cmevora.pt/aec/ATEMusical/Documentos/orienta%C3%A7%C3%B5es%20program%C3%A1ticas%20da%20m%C3%BAica.pdf>, acessado em 15/10/2012.

WUYTACK, Jos. (1993). *Actualizar as ideias educativas de Carl Orff*. *Boletim da Associação Portuguesa de Educação Musical*, 76, 4-9. Disponível em <http://www.awpm.pt/docs/Boletim76Apem.pdf>, acessado em 16/11/2012.

Legislação

Lei nº 46/1986, de 14 de Outubro

Lei n.º 30/2002, de 20 de dezembro

Decreto-Lei nº 43/89, de 3 de Fevereiro

Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto

Decreto-Lei nº 115/A/98, de 4 de Maio

Decreto-Lei n.º 6/2001, de 18 de Janeiro

Decreto-Lei nº 240/2001, de 30 de agosto

Decreto-Lei nº209/2002, de 17 de outubro

Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de março

Decreto - Lei n.º 75/2008, de 22 de Abril

Decreto-Lei nº 137/2012, de 2 de julho

Decreto-Lei nº 139/2012, de 5 de julho

Decreto-Lei nº 51/2012, de 5 de setembro

Decreto-Lei nº 91/2013, de 10 de julho

Despacho Normativo nº 113/ME/93, de 23 de Junho

Despacho Normativo nº 9590/99, de 14 de Maio

Despacho Normativo nº 1/2005, de 5 de Janeiro

Despacho Normativo nº 24-A/2012, de 6 de dezembro.

Despacho Normativo nº7-A/2013, de 10 de julho

Despacho Normativo nº7/2013, de 11 de junho

ANEXOS

Anexo 1 – As festas⁷²

De uma maneira geral o povo possui um espírito de grande apego às tradições, traduzido na sua especial apetência para celebrar determinadas datas. Além das festas anuais que são respeitadas por todo o país, como é o caso do Natal, do Carnaval e da Páscoa, outras datas estão marcadas na memória da gente deste concelho e implicam uma comemoração especial. Caraterizam-se sobretudo como sendo manifestações de cores e sons onde o sensorial e o espiritual se misturam, o religioso e o profano se confundem dando origem a uma curiosa amálgama de comportamentos e sentimentos.

O cuidado com que tudo é tratado, a abundância que as caracteriza faz com que as festas fiquem eternamente na memória de quem as vive.

Comunica-se, trocam-se ideias e experiências, diluem-se barreiras sociais, aproximam-se valores e modelos culturais diferentes. Festejam-se as estações do ano, os diversos ciclos agrários, o calendário religioso, as alegrias ou tristezas do quotidiano.

Fazem-se cortejos e procissões, há foguetes, arcos, trajes mais ricos e exuberantes, janelas engalanadas de vistosas colchas, ruas enfeitadas com flores de papel coloridas e perfumadas por alecrim e rosmaninho.

O calendário festivo do concelho tem início no mês de Janeiro, com a festa em Alfarelos em honra de São Sebastião, orago da freguesia. A festa é organizada pela Irmandade do Santíssimo Sacramento e consta de Missa festiva seguida de procissão sendo a imagem de São Sebastião transportada em ombros, tradicionalmente, pelos rapazes que estão a cumprir o serviço militar.

⁷² AIRES, 2005.

Nos três domingos seguintes, realizam-se leilões de oferendas para angariar fundos que revertem a favor da mesma festa.

Normalmente, o primeiro leilão é abrilhantado pela Banda Filarmónica de Alfarelos e nos últimos anos, o segundo leilão pelo Grupo Folclórico e Etnográfico de Alfarelos que recria assim a tradição de serem apregoadas e vendidas as oferendas ao Santo.

“Haja quem mais dei” é o pregão que antigamente os miúdos iam gritando pelas ruas no intuito de subir o valor das ofertas. Estas, constavam de batatas, ovos, galinhas, carne de porco, broa e enchidos, bolos, e as famílias com mais posses ofereciam uma merenda completa que incluía normalmente frango assado, broa e pão, laranjas, vinho, um bolo e um licor caseiro. Na maioria das vezes a merenda regressava a casa de onde saía, que a comprava para o jantar.

Recriação dos leilões pelo Grupo Folclórico e Etnográfico de Alfarelos



Anexo 2 – Calendário festivo do concelho de Soure⁷³

Meses do ano	localidades	descrição
Janeiro	Alfarelos	S. Sebastião
Janeiro	Gesteira	S. Sebastião
Fevereiro	Samuel	N ^a Sra. Candeias
Fevereiro	Carvalho	Sta. Bárbara
Abril	Brunhós	S. Jorge
Abril	Casais de São Jorge	S. Jorge
2 ^a feira de Páscoa	Carregosa - Gesteira	S. Bento.
2 ^a feira de Páscoa	Romaria à Quinta de S. Bento. Figueiró do Campo	
2 ^a feira de Páscoa	Romaria à Sra. dos Remédios. Vila Nova de Anços	
2 ^o domingo depois da Páscoa	Romaria à Sra. do Círculo – Tapéus.	
Maio	Malhadas	Festa anual
Maio	Espírito Santo	Divino Espírito Santo
Maio	Pedrogão do Pranto	Espírito Santo
Maio	Cercal	S. Jorge
Maio	Casal do Barril	S. Jorge
Maio	Santo Isidro	Sto. Isidro
Maio	N ^a Sra. Estrela	N ^a Sra. Estrela
Junho	Granja do Ulmeiro	N ^a Sra. Vida
Junho	Soure (de 2 em 2 anos)	Rainha Santa
Junho	Fonte da Relva	Sto. António
Junho	Degracias	Sto. António
Junho	Ribeira da Mata	Sto. António
Junho	Valada	Sto. António
Junho	Casal do Marachão	S. João
Junho	Formigal	S. João
Junho	Paleão	S. João
Junho	Casal de S. Pedro	S. Pedro
Junho	Mogadouro	S. Pedro
Junho	Casal do Redinho	S. Pedro
Junho	Casal das Brancas	Santos Populares
Julho	Soure	S. Tiago
Julho	Baixos	N ^a Sra. Fátima
Julho	Alfarelos	N ^a Sra. Rosário
Julho	Pinheiro	S. José
Julho	Ramalheira	Festa anual
Julho ??	Alencarce de Cima	Sto. Tirso
Agosto	Cercal	N ^a Sra. Neves
Agosto	Casa Velha	N ^a Sra. Neves
Agosto	Casal Novo	Sto. André
Agosto	Sobral	S. Miguel
Agosto	Porto Godinho	S. Jorge
Agosto	Casconho	N ^a Sra. Fátima
Agosto	Formigal	Sto. Amaro
Agosto	Queitide	N ^a Sra. Graça
Agosto	Quatro Lagoas	Festa anual

⁷³ Listagem recolhida in CMS, *Freguesias*, Disponível em <http://www.cm-soure.pt/freguesias-soure-turismo.html>.

Agosto	Pombalinho	Festa anual
Agosto	Carvalhal de Azoia	Festa anual
Agosto	Simões	S. Lourenço
Agosto	Degracias	N ^a Sra. Assunção
Agosto	Lousões	N ^a Sra. Assunção
Agosto	Tapéus	Santíssimo Sacramento
Setembro	Vila Nova de Anços	Festa anual
Setembro	Soure	S. Mateus
Setembro	Casalinhos	N ^a Sra. Bonsucesso
Setembro	Figueiró do Campo	Festa de Sta Ana
Setembro	Cabeça da Corte	Festa anual
Setembro	Cotas	Festa anual
Outubro	Vinha da Rainha	Sagrado Coração de Jesus
Dezembro	Casal do Cimeiro	N ^a Sra. Conceição
Dezembro	Carvalhal de Azoia	N ^a Sra. Conceição
Dezembro	Vila Nova de Anços	N ^a Sra. Conceição
Dezembro	Gesteira	N ^a Sra. Conceição
Dezembro	Casal Cimeiro	N ^a Sra. Esperança

Anexo 3 – Romarias⁷⁴

Na sua essência a romaria comporta um conjunto de costumes e tradições religiosas. Todavia, outras características lhe estão associadas, nomeadamente o carácter supersticioso, económico, psicológico e cultural.

Parte-se de um culto religioso com missa e procissão normalmente orientado por uma irmandade mas reúne um público diversificado que muitas vezes a ela se desloca não apenas para cumprimento de promessas mas também para os serviços de um bruxo ou de uma velha entendida em curar “maus-olhados” ou outras maleitas.

As ermidas estão geralmente construídas em lugares altos, apelativos, ou perto de cursos de água, proporcionando momentos aprazíveis de convívio entre amigos ou familiares.

As romarias são também locais propícios ao negócio e quanto maisromeiros a elas acorreram maiores as dimensões que foram adquirindo ao longo do tempo. De um modo geral, a uma romaria está associada uma feira com tendeiros e negociantes de todo o lado.

Estas circunstâncias promovem ainda o seu enriquecimento enquanto espaço sociocultural. Os modos de vida e de sentir confluem e manifestam-se sobretudo na maneira de trajar, de dançar e de cantar de quantos a ela acorrem. É por isso um importante espaço de troca de valores e tradições.

Romagem ao “Senhor dos Aflitos” em Alfarelos

Os romeiros vinham de Vila Nova de Anços, Cercal, Gesteira e outros lugares próximos. Eram raros os Alfarelenses que se dirigiam ao Santo.

Grupos de raparigas chegavam à *Ponte de Ferro*⁷⁵ após calcorream uma légua ou mais pela antiga estrada de Soure que ladeava o Vale do Arunca. Atravessavam a vila com cânticos religiosos, acompanhados de um homem armado com varapau para as proteger de cães vadios ou dos rapazes atrevidos. Pagavam as promessas, rezavam as novenas, merendavam as *brindeiras* – broas de milho com mistura de trigo, canela, açúcar e por vezes pinhões, e regressavam às suas terras.

Ainda hoje a capela conserva junto a si, uma figueira antiga cuja ramagem se estende sobre ela.



⁷⁴ AIRES, 2005.

⁷⁵ Ponte férrea sobre a linha do Norte, localizada em Alfarelos.

Anexo 4 – O casamento⁷⁶

Algum tempo antes da cerimónia (2 ou 3 semanas) os pais dos noivos distribuíam aos convidados e amigos, pratos de arroz-doce com um pão de trigo a acompanhar. Geralmente a distribuição era feita por raparigas casadoiras que iam porta a porta levando à cabeça num tabuleiro o arroz-doce coberto por uma toalha de linho

No dia da cerimónia, a tradição mandava que após uma bucha oferecida pelos pais do noivo, fosse este acompanhado dos padrinhos e familiares buscar a noiva e seus convidados a casa desta. Todos

seguiram depois para a igreja, separados por curta distância indo a noiva e seu séquito na dianteira.

Após a cerimónia e à saída da Igreja, raparigas casadoiras despregavam as suas bandejas de pétalas de flores sobre os noivos. Os padrinhos, na medida das suas posses lançavam moedas ou amêndoas ao ar causando a confusão e alarido entre a pequenada que se debatia para apanhar a maior quantidade possível.

Os sinos anunciavam a toda a comunidade que o cortejo estava prestes a desfilar pelas ruas acabando por se separar à porta dos pais da noiva onde esta e seus convidados eram deixados. O noivo seguia com os seus para a casa paterna pois a boda era feita em separado.

Mesmo que poucas fossem as posses dos pais dos noivos a ementa podia chegar a constar de seis a oito pratos diferentes.

Ao cair da noite, o noivo acompanhado de seus convidados dirigia-se para a casa da noiva onde a festa continuava, agora em comum. Enquanto os noivos recebiam os confeitos (licores e doces) acompanhados por quadras, a música proporcionava a dança que ia até perto da meia noite.



⁷⁶ AIRES, 2005.

Depois de recebidas as prendas todos regressavam a suas casas, os noivos dirigiam-se ao novo lar, muitas vezes na própria casa dos pais da noiva.

Descrição do traje dos noivos

A noiva usa blusa de piquê branca, casaquinha e saia preta em crepe, saiotes de pano branco com rendas. Calça meias brancas de linha e sapatos pretos de calfe. Na cabeça usa lenço de bual de algodão pérola e usa bolsinha do tecido da saia.

O noivo usa camisa branca de linho com laço de fita preta envolto no colarinho. Usa casaco, calças e colete preto de lã e calça botas pretas de calfe. Na cabeça usa chapéu preto de feltro de aba larga.



Anexo 5 – A matança do porco⁷⁷

No dia marcado, matador e ajudantes eram recebidos com aguardente e passas de figo para dar forças. Arrumavam-se as carnes na salgadeira, penduravam-se os enchidos no fumeiro em traves colocadas nas chaminés dos borralhos. Serviam-se as papas de sarrabulho.

Oito a dez dias após a matança, as pessoas de mais posses faziam o jantar da matança constituído por 8 pratos diferentes. Canja de galinha, pescada ou robalo cozidos com batatas e grelos de nabo, cozido à portuguesa, enguias em molho amarelo do estrugido com gemas de ovos e as “assaduras”- fêveras assadas, frango guisado, coelho estufado, carne de vaca assada, arroz de pato, lombo assado. No fim as morcelas de massa açucarada, o leite creme, o toucinho do céu, as nuvens de claras na calda aleitada da cozedura salpicadas de canela, o arroz-doce e as frutas da época onde não faltavam as uvas guardadas para a ocasião. Era servido o melhor vinho da casa, a jeropiga, a bagaceira. O jantar terminava com uma grande conversa e jogos.

⁷⁷ AIRES, 2005.

Álbum fotográfico⁷⁸



⁷⁸ *A Matança do Porco*. Representação do G. Folc. Etnográfico de Alfarelos.

Anexo 6 – Ir à fonte⁷⁹

Contam as pessoas mais idosas que, ao final da tarde, já mal se via, as raparigas se juntavam para ir à fonte buscar a água para os usos domésticos. Os rapazes, por malandrice pregavam-lhes algumas partidas que muitas vezes as faziam regressar a casa sem água e sem talha.

A *Fonte dos Cães*, tal como o nome indica, deve o nome aos elementos arquitetónicos (cabeças de cães) que ornamentam a parte superior da fonte.

A Fonte dos Cães - Alfarelos



A Fonte Nova - Alfarelos



⁷⁹ AIRES, 2005.

Anexo 7 – Pesca de rio⁸⁰

Descrição do traje: Camisa de riscado e ceroulas de pano cru atadas pelo joelho com fitas do mesmo tecido. Na cintura usa faixa preta de lã. Calça tamancos de cabedal ensebado e na cabeça usa barrete preto de lã. Consigo, transporta as redes para a pesca.



Pescador de rio preparando a rede



⁸⁰ AIRES, 2005.

Anexo 8 – A Lavadeira⁸¹



Descrição do traje: Blusa estampada de popelina, saia de riscado, avental de popelina e saiotes de riscado. Na cabeça usa caixiné de lã e na anca uma faixa preta de lã para subir as saias. Calça tamancos pretos e transporta a roupa em *celha* de madeira à cabeça sob uma *redilha*.

⁸¹ AIRES, 2005.

Anexo 9 – A monda⁸²

Era um trabalho duro, essencialmente realizado por mulheres que eram obrigadas a andar enterradas na lama, de costas curvadas para a frente e sujeitas a uma espécie de tortura provocada pelas sanguessugas que, uma vez agarradas às suas pernas, lhes sugavam o sangue.

Cada rancho formado por cerca de trinta pessoas era organizado por um capataz que além de falar ao pessoal, cuidava do rendimento que cada um dava ao patrão. A jorna era miserável e paga de acordo com a idade de cada trabalhador e sempre que alguém não atingia o rendimento necessário podia ser dispensado pelo capataz ou no mínimo ser-lhe descontada uma parte da jorna. Conta-se que alguns patrões para pressionarem o pessoal, apareciam junto dos ranchos com as suas grandes botas de borracha até à virilha e uma pá de valar que enchiam de terra, atirando-a para o alagamento imediatamente atrás dos mais atrasados. Desde a ferra, às oito horas da manhã até às dezanove poucos eram os momentos de descanso. Um deles era proporcionado pela distribuição da água feita por um moço ou por uma moça que ia vertendo de um caneco de madeira para um púcaro de alumínio e que ia passando por todo o pessoal.

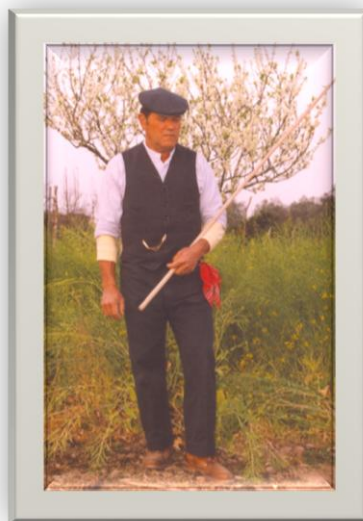
Apesar da dureza dos trabalhos, a alegria estava presente pois sendo os ranchos compostos na sua maior parte por juventude que a tudo acha graça, não faltavam as cantigas.



⁸² AIRES, 2005.

Anexo 10 – A lavoura⁸³

O lavrador podia ser mais ou menos abastado consoante possuísse maiores ou menores áreas de terreno, maior ou menor quantidade de gado para as suas tarefas agrícolas. Os seus proventos eram retirados do rendimento das suas terras, do gado e ainda do estrume produzido por este. Os mais abastados eram donos de manadas de toiros e cavalos. Vendiam o estrume em grande parte aos lavradores gandarezes⁸⁴ que o pagavam bem e o levavam em grandes taipadas.



Para assegurar os diversos trabalhos, além dos criados que tinha em casa os quais

trabalhavam praticamente em troca da comida e da dormida, o lavrador contratava um capataz que por sua vez organizava ranchos de pessoal e que nem sempre eram da mesma zona geográfica.

Sentia-se bem a diferença quando um capataz indicava para que patrão se ia trabalhar. Nem todos eram generosos. Alguns queriam o trabalho feito a “mata-cavalos”, isto é, sem descanso e a bom ritmo.

Os lavradores não tinham horário de trabalho e se eles próprios não sendo muito abastados tinham que deitar mãos-á-obra, cedo começavam a labuta. Aí pelas quatro horas da madrugada começava o “amajoar” do gado, às cinco ou seis era o “levantar” e a atrelagem dos animais ao carro.

O lavrador munido da sua vara ou agulhão para picar os animais, falava com eles. “Anda lá para adiante” ou “afasta” ou ainda “às-trás-cabana” eram expressões que os bois pareciam conhecer.

A preparação das terras para determinadas plantações através do uso da enxada era frequente. Quando a área a preparar era grande falava-se a vários cavadores que na

⁸³ AIRES, 2005.

⁸⁴ Gândara, região que compreende parte dos concelhos de Cantanhede, Mira, Figueira da Foz e Montemor-o-Velho.

mesma *manta* – faixa de terra entre dois sulcos paralelos, trabalhavam ao ritmo do mandador que coordenava os movimentos por meio de fases de comando que podiam ser: - “ferra e vira, que está o patrão à mira”; - “p’ró fundo, que se acaba o mundo”. Com sentido de paródia o mandador dizia: - “ferra e pico, vamos molhar o bico”.



Anexo 11 – A cultura do milho⁸⁵

O milho, branco ou amarelo, de regadio ou de sequeiro consoante era ou não regado, determinava as posses do lavrador.

Apresentamos aqui uma breve transcrição de um texto de um cidadão alfarelense descrevendo algumas particularidades deste tipo de trabalho:

A sementeira, feita por juntas de gado bovino, que a altas horas da madrugada, iam a caminho do campo, transportando as alfaías agrícolas em carros de eixo de madeira, que chiavam por falta de lubrificação. [...] O mau piso das estradas de pedra e caminhos de terra batida, faziam prolongar a chiadeira, á qual se misturara o som de cantigas, algumas de índole religiosa, [...] A sacha e a arrenda era feita em grupos. Quando este trabalho assim o exigia, era complementado por mulheres gandarezas, recrutadas na vizinha Vila de Montemor [...].(Carlos Serra⁸⁶, 1998).

Quando o milho estava maduro, aí por alturas de setembro começavam as colheitas. Apanhado à mão, com ajuda de um foicinho era disposto em paveias que de seguida os homens carregavam no carro de bois. Dali seguia para o quintal do lavrador onde era feita a descamisada. Esta consistia em desfazer a maçaroca, separando a espiga da palha com a ajuda de um pau cortado em bico.

Era das tarefas agrícolas, uma das mais agradáveis pois podia ser feita à sombra, ao luar ou à luz do candeeiro e sempre na posição de sentado.

As rendas, eram geralmente pagas com este cereal e a palha atada em caroças, arrumada em palheiros para alimento dos animais.

Se o lavrador era abastado, as descamisadas acabavam sempre com uma boa e bem regada ceia.

As cantigas, as anedotas e a boa disposição reinavam, sobretudo se no grupo houvesse gente nova que ao desafio iam enchendo de espigas os *poçeiros* – cestos altos de verga, e tentando apanhar uma espiga vermelha - *milho Rei*, que dava direito á brincadeira.

Depois de descamisado o milho, as espigas eram espalhadas na eira para secarem ao sol. Dois grupos de malhadores, colocados frente a frente malhavam alternadamente as espigas.

Por fim o milho era definitivamente seco ao sol e limpo estando muitas vezes sujeito às chuvadas que estragavam parte da colheita.

⁸⁵ AIRES, 2005.

⁸⁶ Carlos Serra é um cidadão alfarelense, que apoiou o GFEA no trabalho de recolha dos usos e costumes da região.

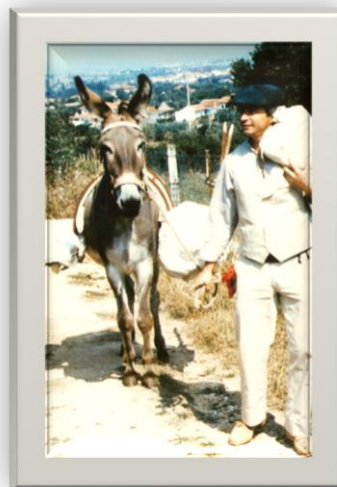
Álbum fotográfico⁸⁷



⁸⁷ Espólio fotográfico de Maria de Fátima Aires.

Anexo 12 – O moleiro e o forno da poia⁸⁸

Ajudados por um burro, transportavam os grãos de milho dos seus fregueses em sacos – *taleigos* – para os moinhos da zona onde eram depois triturados e transformados em farinha. O seu pagamento era geralmente feito por *maquia* - uma percentagem retirada do grão ou da farinha, calculada em função da quantidade de farinha produzida.



O FORNO DA POIA

Quem não tinha forno próprio para cozer a broa ou o pão num canto da sua cozinha servia-se nos fornos da poia que tinham grandes lastros e altas abóbadas. Se bem que não fossem propriamente fornos comunitários, estavam de portas abertas para quem deles precisasse.

De uma só vez coziavam dez ou mais gamelas de massa que as mulheres traziam preparadas das suas casas, não sem antes se fazer uma reza e se desenhar na massa uma cruz com a mão, para que esta levedasse.

As mulheres tomavam vez, poisando as *gamelas* – vasilhas de madeira de forma quadrada, em bancos ali existentes e à hora de levar a massa ao forno era tendida com as mãos em forma de bolas polvilhadas com farinha. Um forneiro levava-as ao forno em grandes pás depois de nelas ter sido feito um sinal pela proprietária.

O dono do forno recebia uma *maquia*, a *poia* - broa cujo tamanho deveria ser proporcional à quantidade de farinha amassada. Nestes locais e por serem propícios aos ajuntamentos femininos era frequente desatarem-se línguas afiadas em mexericos e disputas de palavras azedas.



⁸⁸ AIRES, 2005.

Anexo 13 – A apanha da azeitona⁸⁹

Organizados em linha curva ou de cócoras, enchiam-se os *cabanejos* – pequenos cestos de verga, raspando a erva para que nenhum bago se perdesse, tarefa que normalmente era distribuída às mulheres. Os homens varejavam os ramos das oliveiras fazendo tombar a azeitona para os panais ou mesmo para o chão.

Era um trabalho árduo, sobretudo em dias de geada e também perigoso pois não era difícil cair de uma oliveira escorregadia devido à humidade e ao musgo.

Uma vez em casa, a azeitona era limpa na eira seguindo o mesmo processo de limpeza do milho ou do feijão e levada para o lagar que após um conjunto de operações se transformava em azeite.



⁸⁹ AIRES, 2005.

Anexo 14 – A pastorícia⁹⁰



Descrição do traje: O pastor usa camisa de riscado, calças e colete de fazenda de serrobeco, cinta preta de lã, barrete preto de lã e calça botas altas de cabedal ensebado. Ao ombro leva uma manta da serra e bornal com a comida, caldeira para ordenhar as ovelhas, e cajado. Normalmente faz-se acompanhar do cão de guarda.

A mulher usa blusa de algodão, saia e avental de riscado, saiotes de flanela e de riscado, cinta preta de fazenda de lã caixiné de lã e calça tamancos de cabedal preto. À cabeça leva cesta de verga com o jantar tapado com toalha branca de linho.

⁹⁰ AIRES, 2005.

Anexo 15 – A olaria⁹¹

Sr. Zeferino Canais em cortejo etnográfico



⁹¹ AIRES, 2005.

Anexo 16 – Empalhador e esteira⁹²

Sr. Joaquim Egas –Empalhador de garrafões - GFEA



Leonor Rodrigues - Esteira- GFEA




A ESTEIRA

O singelo aparelho de urdidura era constituído por dois paus cumpridos, pontas encostadas por regra ao alto da parede, segurando à altura conveniente uma vara colocada de través e em plano horizontal onde ia sendo posto o bunho que os fios de junco entrançado, lançados com o peso de pedras presas nas pontas livres entrelaçava, tornando firme e tensa a união.

As esteiras de bunho podiam servir de leito aos mais pobres, para cobrir os cereais nas eiras ou para sobre elas deixar nos sobrados os frutos que se pretendiam guardar para mais tarde.

⁹² AIRES, 2005.

Anexo 17 – Listagem de artesãos do concelho de Soure


Soure Artesanato Gastronomia e Cultura – 2010
26 e 27 de Junho / 3 e 4 de Julho
Local: Parque da Várzea
Listagem de Artesãos

Freguesia	Tipo de Artesanato	Artesão	N.º Contribuinte	Contacto
ALFARELOS	Cestaria	Joaquim Rodrigues Egas	172 985 870	239 642 702
ALFARELOS	Redes de Pesca	Joaquim José Freitas	126 239 410	239 646 057
FIGUEIRÓ DO CAMPO	Rendas e Bordados	Sónia Margarida Mendes Dias	184 066 244	968 298 016 239 642 091
GRANJA DO ULMEIRO	Gaiolas para Pássaros	Domingos Pratas Ferreira	152 417 494	919 335 831
POMBALINHO	Rendas e Bordados	Lucinda Duarte Fernandes	174 162 936	236 981 151
POMBALINHO	Rendas e Bordados	Maria Celeste Mendes Sá	157 444 635	236 981 201
POMBALINHO	Rendas e Bordados	Maria Graciela F. Matias	174 088 353	236 981 168 918 291 043
SAMUEL	Rendas e Bordados	Maria da Encarnação G. Casaca	185 429 106	239 587 242
SAMUEL	Madeira	Hipólito Duarte	159 038 553	239 508 526
Soure	Acessórios e Brinquedos Artesanais	Elisabete Balhau		965 025 690
Soure	Acessórios e Bijutaria	Liliana Maria Moura Lopes	241 384 028	968 476 471
Soure	Latoaria	Anibal Lebre	154 641 243	239 506 300 964 659 112
VILA NOVA DE ANÇOS	Sacos de Café	Teresa Margarida da S. Gaspar	204 133 890	239 641 614 966 105 941
VILA NOVA DE ANÇOS	Sacos de Café	Maria Adelaide da Silva Gaspar	171 990 358	239 641 011 962 950 441
VILA NOVA DE ANÇOS	Bijutaria e Pintura em têxteis	Isabel Agante	138 382 336	239 646 692 913 968 418

Anexo 18 – Gastronomia do concelho de Soure⁹³

EMENÇA GASTRONÓMICA

26 e 27 Junho

BRINHÓS
CANJA À BRINHÓS
BACALHAU FEITO COMA SERRA DE FÉLIX
CHANFANA À BRINHÓS
FERRAS DO MATINHOS
CASSO DOZOS
LEITE CREME À BRINHÓS

TAPÉUS
SOPA À LAVADOR
PESCA E SERRA
JAVALI À SERRANA

VILA NOVA DE ANÇOS
SOPA À LAVADOR
ENGUIAS FRIAS
ENCHADO DE ENGUIAS
CASSO
ARRIOZ DOCE

VINHA DA RAINHA
LITÃO À RAINHA DA RAINHA
ARRIOZ DE CARNEIRA
ENCHADO DO DOMBRO
TOMADO NA MANTIGA

SAMUEL
SOPA DE FEIJO
TORRESMOS
CABRITO ASSADO

EMENÇA GASTRONÓMICA

03 e 04 Julho

ALFARELOS
SOPA DE FEIJO C/ ZAMBÓ
ARRIOZ DE PATO À ZAMBÓ
CABRITO ASSADO C/ BATATA COZIDA
ARRIOZ DOCE

FIGUEIRO DO CAMPO
SOPA À LAVADOR
ENCHADO DOZOS
CHANFANA À ZAMBÓ DE FIGUEIRO
ESOPAS PORTUGUESES
CHANFANA DE GALLO À ZAMBÓ DE FIGUEIRO

GRANJA DO ULMEIRO
SOPA À LAVADOR
TOMADO ASSADO NA BARRA C/ ARRIOZ DE FÉLIX
BACALHAU ASSADO C/ BATATA E MAURO

POMBALINHO
SOPA À LAVADOR
BUTICORRO EM "MOLHO D'ALHOZ" C/ MINGO
ZAMBÓ À LAVADOR
CASSO "BUBALCO"
POMBALINHO
CASSO DOZOS
PÃO DE MEL
ARRIOZ DE FÉLIX
REQUEIJO COM MEL

GESTERA
SOPA À LAVADOR
CASSO À GESTERA
FERRAS À GESTERA
ARRIOZ DOCE

SOURÉ
SOPA DE INCRTALÇA
BACALHAU ASSADO C/ ENGUIAS
ENCHADO DE PATO COZIDA
ROZAS
CASSO DOZOS
BACALHAU ASSADO

DOÇARIA REGIONAL | **BISCOITOS DE AZEITE | PÃO DE LÓ | SUBPHOS**

10. GASTRONOMIA

Pratos típicos¹⁴

- Arroz de Pato;
- Cabrito Assado;
- Caldeirada de Enguias (Moinho do Almojarife [Vinha da Rainha] e Vila Nova de Anços);
- Enguias Fritas (Moinho do Almojarife [Vinha da Rainha] e Vila Nova de Anços);
- Chanfana;
- Coelho à Caçador;
- Torresmos;

Doçaria

- Barriga de Freira (Soure);
- Biscoitos de Azeite (Soure);
- Pão-de-ló (Soure);
- Mel (Pombalinho).

«Salgados»

- Enchidos (Degracias);
- Queijo (Degracias, Pombalinho, Tapeus).

¹⁴ A Gastronomia do Concelho insere-se, de um modo geral, na do Baixo Mondego; como tal, indicaremos os pratos que mais comumente se «encontram» no Concelho (apenas num ou noutro caso se indicam as freguesias onde se «servem» - exemplos: os pratos de enguias são mais comuns em Vila Nova de Anços e em Vinha da Rainha; o Queijo do Rabaçal pertence à Serra...)»

⁹³ Para maior esclarecimento vide CMS, *Jornada Pedagógica*, 1998.

Anexo 19 – Inquéritos aplicados aos alunos



Projeto de Investigação
EM DEFESA DO PATRIMÓNIO CULTURAL DO CONCELHO DE SOURE

INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO
A ALUNOS

Com este questionário pretende-se recolher informação acerca do conhecimento que os alunos deste nível de Ensino Básico têm em relação ao património tradicional do seu concelho. Este instrumento metodológico enquadra-se no âmbito do Projeto de Investigação a realizar no Mestrado em Ensino de Educação Musical do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação de Coimbra

O seu contributo é muito importante.

DADOS DO INQUIRIDO

Idade _____ anos. Sexo : (F/M) _____ Ano/Turma _____
 Ano letivo _____ / _____
 Local de residência: _____ Concelho: _____
 Data do preenchimento deste inquérito: ____ / ____ / ____

Nota: Assinale as respostas com um (X) a partir do seu próprio conhecimento. Ou, quando solicitado, indique outra opinião.

1. “Música Tradicional” é:	
Música moderna para cantar	Música que passa de geração em geração
Música de autor anónimo	Música de autor famoso
Música apenas para ouvir	Música moderna para dançar
Outra:	

2. Cantigas tradicionais que conhece.			
« Loureiro»		«No terreiro»	
« Eu não vou lá acima à sala»		«O pai do ladrão»	
« Ciranda»		«O balancé»	
« A viuvinha»		«Onze horas meia noite»	
Outras:			

3. Jogos tradicionais que conhece.			
« O lencinho»		«Barra do lenço»	
« O anelzinho»		«Malha»	
« Macaca»		«Pião»	
« Pela»		«Cabra-cega»	
Outros:			

4. Instrumentos musicais tradicionais que conhece.			
Concertina		Gaita de beijos	
Bandolim		Reco-reco	
Cavaquinho		Ferrinhos	
Outros:			
<p>Toca algum dos instrumentos acima mencionados? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/></p> <p>Se respondeu sim, indique-o(os). _____</p>			

5. Rezas e mezinhas tradicionais que conhece ou de que já ouviu falar.			
Cobranto		Tresorelho	
Responso		Espinhela caída	
Mau olhado		Cobrão	
Outras:			

Conhece alguém que saiba aplicar? Sim Não

6. Grupos tradicionais do concelho de Soure que conhece ou de quem já ouviu falar .

Grupo Folclórico e Etnográfico	Tuna	
Grupo de Cantares	Rancho Folclórico	

Outros:

Na localidade onde reside existe algum dos grupos acima mencionados?

Sim Não Não sei

Se respondeu sim, indique qual (quais). _____

Se conhece grupos de outras localidades do concelho de Soure, indique qual (quais):

7. Tomou conhecimento dos elementos tradicionais que conhece ou de que já ouviu falar através de:

Grupos tradicionais do concelho	Família	
Escola de Música	Internet	
Escola do ensino regular	Outros meios	

Se assinalou (outros meios) indique qual (quais). _____

Agradeço a sua colaboração!

Fátima Jorge Aires

Anexo 20 – Inquéritos aplicados às famílias



escola superior de educação
INSTITUTO POLITÉCNICO DE COIMBRA

Projeto de Investigação

EM DEFESA DO PATRIMÓNIO CULTURAL DO CONCELHO DE SOURE

INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO FAMÍLIA

Com este questionário pretende-se recolher informação acerca do conhecimento que os alunos deste nível de Ensino Básico têm em relação ao património tradicional do seu concelho. Este instrumento metodológico enquadra-se no âmbito do Projeto de Investigação a realizar no Mestrado em Ensino de Educação Musical do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação de Coimbra

O seu contributo é muito importante.

DADOS DO INQUIRIDO

Idade _____ anos. Sexo: (F/M) _____ Profissão: _____

Local de residência: _____ Concelho: _____

Data do preenchimento deste inquérito: ____ / ____ / ____

Nota: Assinale as respostas com um (X) a partir do conhecimento que o seu agregado familiar possui. Ou, quando solicitado, indique outra opinião.

1. “Música Tradicional” é:

Música moderna para cantar	Música que passa de geração em geração	
Música de autor desconhecido	Música de autor famoso	
Música apenas para ouvir	Música moderna para dançar	
Outra:		

2. Cantigas tradicionais da sua região, que conhece.		
« Loureiro»		«No terreiro»
« Eu não vou lá acima à sala»		«O pai do ladrão»
« Ciranda»		«O balancé»
« A viuvinha»		«Onze horas meia noite»
Outras:		

3. Jogos tradicionais da sua região, que conhece.		
« O lencinho»		«Barra do lenço»
« O anelzinho»		«Malha»
« Macaca»		«Pião»
« Pela»		«Cabra-cega»
Outros:		

4. Instrumentos musicais tradicionais da sua região, que conhece.		
Concertina		Gaitinha de beijos
Bandolim		Reco-reco
Cavaquinho		Ferrinhos
Outros:		
No seu agregado familiar alguém executa algum dos instrumentos acima mencionados? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>		
Se respondeu sim, indique-o(s). _____ _____		

5. Rezas e mezinhas tradicionais da sua região, que conhece ou de que já ouviu falar.		
Cobranto		Tresorelho
Responso		Espinhela caída
Mau olhado		Cobrão
Outras:		
Conhece alguma reza para a cura das maleitas acima descritas? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>		

Se respondeu sim, indique qual (quais). _____

Conhece alguém que saiba aplicar? Sim Não

6. Grupos tradicionais do concelho de Soure que conhece ou de que já ouviu falar .

Grupo Folclórico e Etnográfico	Tuna
Rancho Folclórico	Grupo de Cantares
Outros:	

Na localidade onde reside existe algum dos grupos acima mencionados?
 Sim Não Não sei

Se respondeu sim, indique qual (quais). _____

No seu agregado familiar, há alguém que faça parte de um dos grupos acima mencionados?
 Sim Não

Se respondeu sim, indique de qual. _____

Se conhece grupos de outras localidades do concelho de Soure, indique qual (quais):

7. Tomou conhecimento dos elementos tradicionais que conhece ou de que já ouviu falar através de:

Grupos tradicionais do concelho	Família
Escola de Música	Internet
Escola do ensino regular	Outros meios

Se assinalou (outros meios) indique qual (quais). _____

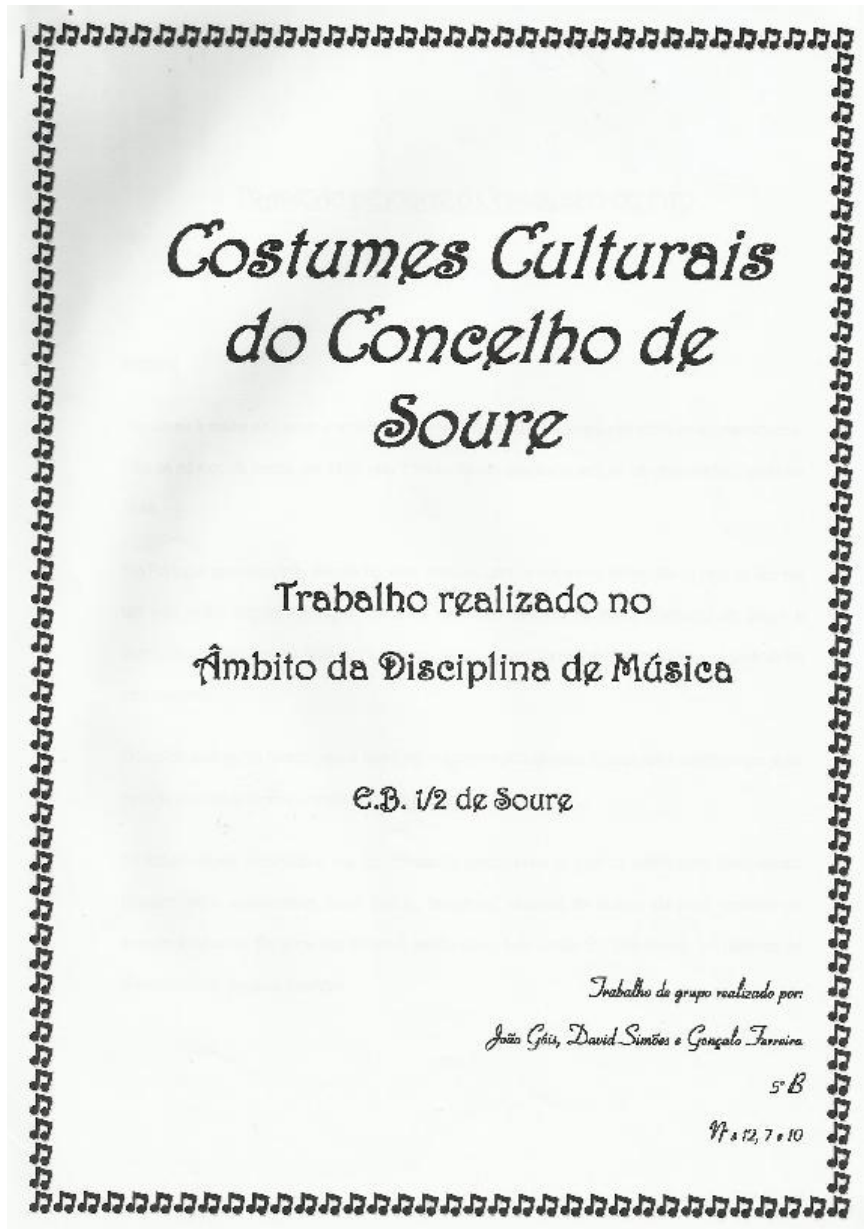
8. Na freguesia onde reside existe algum dos artesãos:

Cesteiro	Tecedreira
Amola-tsouras	Latociro
Oleiro	Esteireira
Empalhador	Outros:

Se assinalou (outros) indique qual (quais). _____

Agradeço a sua colaboração!
 Fátima Jorge Aires

Anexo 21 – Trabalhos realizados pelos alunos



Tradições em comum de Tapéus e do Sobral



(Tapéus)



(Sobral, adaptado)

Trabalho por:

Beatriz Correia 5.º B, Nº 4

Patrícia Pedro, 5.º B, Nº 19

Cátia Lucas, 5.º B, Nº 6

João Martins 5.º B, Nº 14

Professora: Edite Lopes (música)

Índice

Pág. :

- 1) Introdução;
- 2) Ranchos Folclóricos- Tapéus;
- 3) Ranchos Folclóricos- Sobral;
- 4) Jogo da Malha;
- 5) Jogo da Sirumba;
- 6) Jogo da Macaca;
- 7) Jogo dos Berlindes;
- 8) Jogo do Lenço (roda);
- 9) Carrinhos de rolamentos (Sobral);
- 10) Jogo do Pião;
- 11) Conclusão;
- 12) Bibliografia.

FESTA DO ESPIRITO SANTO - SOURE



A Festa do Espírito Santo - Soure é uma tradição da Capelania muito antiga, já existe há cerca de 200 anos, onde é feito um andor, com cerca de 350 mil pinhões.

Este andor sai á rua na Procissão, no dia de Pentecostes.

A tradição mobiliza algumas dezenas de pessoas, que se disponibilizam para ajudar a comissão de festas.

**RITA ALEXANDRA RAMOS DOS SANTOS
5.º E N.º15 EB 1/2 SOURE**



Grupo folclore do Melriçal



Fundação: 1975

Danças Tradicionais: Rodízio, Vira Batido, Passe Cate, O Fado, Verde Gaió, Sericoté, A Polca, Vira Mandado entre outras.

Trajes: de Trabalho, Romaria, Noivos, Ir à feira, Domingueiro, Morgada, Lavradores Abastados e de Ver-a-Deus.

Tocata: Constituído por instrumentos de cordas: (violas, bandolim e cavaquinhos), acordeão, bombo, ferrinhos e reque-reque.

Associado: Federação do Folclore Português.



Jogos tradicionalis

Jogo do pião - pião de madeira lançado com uma corda.

Jogo do botão - lançar o botão para um buraco.

Jogo do taco - um taco de madeira (tipo golfe).

Jogo do pica-pau - 1 buraco no chão vários jogadores com um pau afiado, para acertar no centro do buraco.

Jogo do lençinho - uma roda de pessoas de uma delas vai em volta deixar o lenço e foge.

Jogo da malha - lançar a malha de ferro e tentar acertar num taco de madeira.

Jogo da macaca - saltar a pé coxinho nos quadrados sem pisar a linha.



Fig.6 - Jogo do pião



Fig.7-Jogo da macaca



Fig.8- Jogo da malha

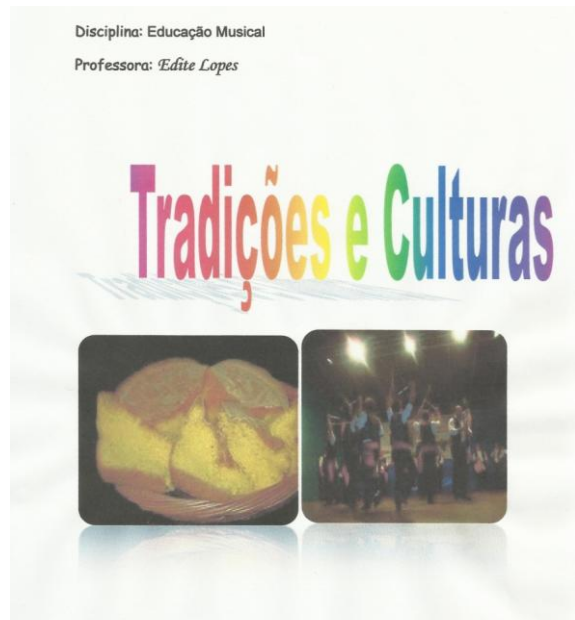
Gastronomia

Ensopado de enguias, caldeirada de enguias e enguias fritas.



Maria Beatriz nº15 5ºD

Mariana Sousa nº15 5ºC



Tradições do Sobral

Rancho

A cultura traduz as tradições que caracterizam um povo.

Na minha aldeia, o Sobral, temos como cultura o rancho folclórico do Sobral que foi fundado em 1972. O Sobral é uma aldeia que pertence ao concelho de Soure.

Danças Tradicionais: Vira de Roda, Fado Mandado, Modas de Romaria a 4 Passos, o Caixoné, Vira de Quatro e Modas de Roda.

Instrumentos: De Noivos (séc. XIX) e Madrinha, Homem e Mulher Abastados, Trajes Domingueiros, Trajes de Romaria, de Mondadeira, de Moleiro, de Lavadeira, de Ceifeiros, Traje de Ir à Missa, Traje de Pastor, Tremoceira, Resineiro e Traje de vindimadores.

Tocata: Acordeão, ferrinhos, Tambor, reco-reco, entre outros.

Rancho folclórico do sobral



Inês Nunes Coelho

5^ªB

N^º11

Anexo 22 – Lista de grupos de folclore do concelho de Soure

CULTURA - GRUPOS DE FOLCLORE DO CONCELHO DE SOURE	
GRUPO	MORADA
<p>Grupo Folclórico e Etnográfico de Alfarelos Contacto: João Filipe Ramos Cordeiro - Tm. 938 215 524 * FEDERADO</p>	<p>Associação de Instrução e Recreio 1.º de Mato Alfarelense Rua António Augusto da Costa Nunes, n.º 12 3120 - 001 Alfarelos</p>
<p>Rancho Folclórico Papoilas da Serra Contacto: João Miguel Oliveira - Tm. 912 091 859 Andreia Simões - Tm. 914 090 230 - Casa 236 911 917 José Manuel Mendes - Tm. 961 841 369</p>	<p>Associação Cultural Desportiva e de Solidariedade Social da Freguesia de Degraças Degraças 3130 - 022 Degraças</p>
<p>Rancho Folclórico da Ribeira da Mata Contacto: Luís Ferreira Pinto - Tm. 966 455 397 / 239 644 377 Joaquim Correia Bizarro - Tm. 914 195 405 / 239 963 262 Maria Clara C. Feliciano Ferreira - Tm. 936 256 957 / 239 642 233</p>	<p>Associação Ribeira da Mata Ribeira da Mata 3130 - 046 Figueiró do Campo</p>
<p>Grupo Folclórico e Etnográfico do Cimeiro Contacto: Américo Ferreira Nogueira - Tm. 966 832 401</p>	<p>Associação Cimeirense de Solidariedade Social Rua da Escola, n.º 10 - Casal do Cimeiro 3130 - 041 Figueiró do Campo</p>
<p>Rancho Folclórico do Cercal Contacto: Paulo César Carvalho Costa - Tm. 966 346 688 * FEDERADO</p>	<p>Banda do Cercal Cercal 3130 - 061 Gesteira</p>
<p>Grupo Folclórico e Etnográfico da Granja do Ulmeiro Contacto: Marco António Maduro Carvalho - Tm. 967 377 256 António Felício Mendes - Tm. 919 830 564</p>	<p>Grupo Folclórico e Etnográfico da G. do Ulmeiro 3130 - 080 Granja do Ulmeiro</p>
<p>Grupo Etnográfico de Samuel Contacto: Horácia Pedrosa - Tm. 239 580 000 * FEDERADO</p>	<p>Associação Cultural Recreativa e Social de Samuel Coles de Samuel 3130 - 119 Samuel</p>
<p>Grupo de Danças e Cantares da APPACDM de Soure Contacto: Carla Maria Lameira M. Andrade - Tm. 968 513 857</p>	<p>APPACDM de Soure Rua António José Carvalho Ventura 3130 - 200 Soure</p>
<p>Grupo de Folclore do Melriçal Contacto: Manuel António Miranda Góis - Tm. 967 478 829 Tm. 933 402 796 Natália Costa - Tm. 968 586 244 * FEDERADO</p>	<p>Centro Social 17 de Agosto Espírito Santo - Melriçal 3130 - 525 Soure</p>
<p>Rancho Típico de Paleão Contacto: Ana Patrícia Ramos Beja - Tm. 919 205 037 * FEDERADO</p>	<p>Norte e Soure - Centro Social Cultural e Desportivo de Paleão 3130 - 539 Soure</p>
<p>Rancho Folclórico da Assoc. Social Recreativa e Cultural da Pouca Pena Contacto: Anabela Costa Mendes - Tm. 916 473 203 / 964 550 079 * FEDERADO</p>	<p>Associação Social Recreativa e Cultural da Pouca Pena Pouca Pena 3130 - 541 Soure</p>
<p>Rancho Folclórico do Centro Social do Sobral Contacto: Fernando José dos Santos Contente - Tm. 912 020 288 Olga Santiago - Tm. 965 239 749 Vasco Nunes - Tm. 963 816 785 Celina Ferreira - Tm. 917 578 361</p>	<p>Centro Social do Sobral Sobral 3130 - 548 Soure</p>
<p>Rancho Folclórico da Santa Casa da Misericórdia de Soure Contacto: Manuel Martins - Tm. 964 104 673</p>	<p>Santa Casa da Misericórdia de Soure Av.ª Bombeiros Voluntários 3130 - 202 Soure</p>
<p>Rancho Folclórico da Freguesia de Tapeus Contacto: José Luís Vintém Varela - Tm. 915 749 296</p>	<p>Associação de Desenvolvimento Social Cultural e Desportivo da Freguesia de Tapeus 3130 - 387 Tapeus</p>
<p>Grupo de Pauliteiros de Vila Nova de Anços Contacto: José Manuel de Oliveira Galvão - Tm. 918 118 478 - Tm. 963 923 411 Dr. Arlindo - Tm. 938 88 070</p>	<p>Rua Afonso V 3130 - 400 Vila Nova de Anços</p>
<p>Grupo das Ceifeirinhas da Casa do Povo de Vila N. de Anços Contacto: João Góis - Tm. 917 484 523</p>	<p>Vila Nova de Anços 3130 - 400 Vila Nova de Anços</p>

Anexo 23 – Resultados dos inquéritos aplicados aos alunos e famílias

1. “Música Tradicional” é: (alunos)			
Música moderna para cantar	1	Música que passa de geração em geração	14
Música de autor anónimo	2	Música de autor famoso	0
Música apenas para ouvir	1	Música moderna para dançar	1
Outra: 1 (música muito conhecida, tocada e cantada quando há festas.)			

1. “Música Tradicional” é: (famílias)			
Música moderna para cantar	0	Música que passa de geração em geração	16
Música de autor anónimo	0	Música de autor famoso	0
Música apenas para ouvir	0	Música moderna para dançar	0
Outra: 0			

2. Cantigas tradicionais da sua região, que conhece. (alunos)			
« Loureiro »	3	«No terreiro»	0
« Eu não vou lá acima à sala »	1	«O pai do ladrão»	0
« Ciranda »	1	«O balancé»	1
« A viuvinha »	2	«Onze horas meia noite»	2
Outras: 3 (Laurindinha, Alecrim)			

2. Cantigas tradicionais da sua região, que conhece. (famílias)			
« Loureiro »	3	«No terreiro»	3
« Eu não vou lá acima à sala »	3	«O pai do ladrão»	2
« Ciranda »	5	«O balancé»	9
« A viuvinha »	1	«Onze horas meia noite»	0
Outras: (oliveira da serra, malhão, alecrim)			

3. Jogos tradicionais da sua região, que conhece. (alunos)			
« O lencinho»	16	«Barra do lenço»	7
« O anelzinho»	9	«Malha»	11
« Macaca»	15	«Pião»	16
« Pela»	1	«Cabra-cega»	16
Outros: (Jogo do prego).			

3. Jogos tradicionais da sua região, que conhece.(famílias)			
« O lencinho»	14	«Barra do lenço»	12
« O anelzinho»	9	«Malha»	11
« Macaca»	14	«Pião»	13
« Pela»	2	«Cabra-cega»	12
Outros: 0			

4. Instrumentos musicais tradicionais que conhece. (alunos)			
Concertina	14	Gaita de beiços	6
Bandolim	6	Reco-reco	15
Cavaquinho	15	Ferrinhos	16
Outros: (gaita de foles, castanholas).			
Toca algum dos instrumentos acima mencionados? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>			
Se respondeu sim, indique-o(os). _____			

4. Instrumentos musicais tradicionais, que conhece. (famílias)			
Concertina	12	Gaitinha de beiços	9
Bandolim	4	Reco-reco	12
Cavaquinho	13	Ferrinhos	12
Outros(☺acordeão).			
No seu agregado familiar alguém executa algum dos instrumentos acima mencionados? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>			
Se respondeu sim, indique-o(s) .- (acordeão).			

5. NRezas e mezinhas tradicionais que conhece ou de que já ouviu falar. (alunos)			
Cobranto	7	Tresorelho	1
Responso	4	Espinhela caída	0
Mau olhado	4	Cobrão	3
Outras:			
Conhece alguém que saiba aplicar? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>			

5. Rezas e mezinhas tradicionais da sua região, que conhece ou de que já ouviu falar. (famílias)			
Cobranto	14	Tresorelho	9
Responso	13	Espinhela caída	4
Mau olhado	13	Cobrão	13
Outras:			
Conhece alguma reza para a cura das maleitas acima descritas? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Se respondeu sim, indique qual (quais). _____ Conhece alguém que saiba aplicar? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>			

6. Grupos tradicionais do concelho de Soure que conhece ou de quem já ouviu falar. (alunos).			
Grupo Folclórico e Etnográfico	3	Tuna	3
Grupo de Cantares	2	Rancho Folclórico	15
Outros:			
Na localidade onde reside existe algum dos grupos acima mencionados? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Não sei <input type="checkbox"/> Se respondeu sim, indique qual (quais). _____ Se conhece grupos de outras localidades do concelho de Soure, indique qual (quais): _____			

6. Grupos tradicionais do concelho de Soure que conhece ou de que já ouviu falar. (famílias).			
Grupo Folclórico e Etnográfico	9	Tuna	3
Rancho Folclórico	14	Grupo de Cantares	6
Outros:			
Na localidade onde reside existe algum dos grupos acima mencionados? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Não sei <input type="checkbox"/> Se respondeu sim, indique qual (quais). _____ No seu agregado familiar, há alguém que faça parte de um dos grupos acima mencionados? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Se respondeu sim, indique de qual. _____ Se conhece grupos de outras localidades do concelho de Soure, indique qual (quais): - Gaiteiros.			

7. Tomou conhecimento dos elementos tradicionais que conhece ou de que já ouviu falar através de: (alunos).			
Grupos tradicionais do concelho	4	Família	16
Escola de Música	2	Internet	7
Escola do ensino regular	4	Outros meios	1
Se assinalou (outros meios) indique qual (quais). Jornal.			

7. Tomou conhecimento dos elementos tradicionais que conhece ou de que já ouviu falar através de: (famílias).			
Grupos tradicionais do concelho	8	Família	9
Escola de Música	3	Internet	1
Escola do ensino regular	2	Outros meios	1
Se assinalou (outros meios) indique qual (quais). Amigos.			

8. Na freguesia onde reside existe algum dos artesãos (famílias).			
Cesteiro	2	Tecedeira	4
Amola-tesouras	0	Latoeiro	2
Oleiro	0	Esteireira	0
Empalhador	0	Outros:	1
Se assinalou (outros) indique qual (quais). Carpinteiro.			

Anexo 24 – Planificação do Encontro Pedagógico

MESTRADO EM ENSINO DE EDUCAÇÃO MUSICAL DO ENSINO BÁSICO

Mestranda: Maria de Fátima Marques Jorge Aires

Orientação: Professora Doutora Maria do Amparo Carvas Monteiro

PROJETO: «ENCONTRO PEDAGÓGICO»

Local: Escola Básica 1,2 de Soure

Calendarização: 8 de Junho de 2012 (último dia de aulas do 6º ano)

PLANO DE ATIVIDADES (A realizar no período da tarde)

Atividade	Intervenientes	Dinamização
Mostra de artesanato/ofícios	Artesãos Alunos de 2º ciclo	Prof. Fátima Jorge Colaboração: - artesãos; - grupos folclóricos; - familiares dos alunos; - Prof. de EVT
Jogos Tradicionais	Alunos de 1º/2º ciclos	Prof. Fátima Jorge Colaboração: - Turma 11ºE (Animação Sociocultural); Professores de AEC
Exposição temática: - Trajos e ofícios - Lendas, Rezas e Mezinhas - Gastronomia/doçaria tradicional	Alunos de 2º ciclo	Prof. Fátima Jorge Colaboração: - Grupos Folclóricos; - Familiares dos alunos; - Biblioteca da EB1,2; - Prof. de EVT
Música, Danças e Cantares	Alunos de 1º /2º ciclos Docentes (?) Assistentes operac. (?) Clube Art'e Vícios (?) Outros	Prof. Fátima Jorge Colaboração: Professores de AEC; - Professora de Ed. Musical - Outros
Apoios a solicitar: - Agrupamento de Escolas Martinho Árias; - Câmara Municipal se Soure; - Grupos Folclóricos e Etnográficos do Concelho; - Rádio/Jornal Popular de Soure; - Artesãos do Concelho de Soure		

Nota: Foi solicitado o apoio aos diretores de turma e professores titulares na sensibilização dos alunos para:

- desenvolver trabalho de pesquisa e recolha das tradições do seu concelho;
- elaborar trabalhos para exposição;
- aprender e apresentar melodias, danças e cantares;
- participar em jogos tradicionais

Anexo 25 – Proposta de atividades para o Encontro Pedagógico

PROPOSTA DE ATIVIDADE	
3º G Mariana Galamba Sala 9	
No sentido de colaborar no "ENCONTRO PEDAGÓGICO" agendado para o dia 08 de Junho, na Escola EB 1,2 de Soure, a turma <u>3</u> do <u>3º</u> ano propõe a(s) seguinte(s) atividade(s):	
Prof. responsável	Descrição:
Cristina	Jogo Tradicional : "O kercinho"

Anexo 26 – Ofício à Câmara Municipal de Soure

À
Câmara Municipal de Soure
Ao c/ Dr^a Ana Maria Treno
Praça da República
3130 – 218 Soure

Data: 25/04/2012

Assunto: Cultura – Património Tradicional. Pedido de colaboração através do empréstimo de estrado e barracas com montagem e desmontagem.

Maria de Fátima M. Jorge Aires, aluna do Mestrado em Ensino de Educação Musical do Ensino Básico da Escola Superior de Educação de Coimbra, no âmbito do projeto de investigação intitulado “*Em defesa do Património Tradicional do Concelho de Soure*” e no seguimento da reunião com a Dr^a Ana Maria Treno, vem por este meio solicitar a V^a Ex^a colaboração para o “*Encontro Pedagógico*”, integrado naquele projeto. O evento terá lugar na tarde do dia 08 de Junho, na Escola EB 1,2 de Soure o qual será desenvolvido em articulação com o grupo disciplinar a que pertence (Educação Musical). Mais informa a requerente estar a exercer funções docentes no Agrupamento Martinho Árias de Soure.

Para que seja possível desenvolver algumas atividades propostas solicita a V^{as} Ex^{as} a disponibilização, montagem e desmontagem para o dia e local anteriormente referidos, de um estrado (ca. 8x8) bem como 3 barracas expositoras.

Com os melhores cumprimentos e aguardando uma resposta de V^a Ex^a subscrevo-me respeitosamente,

Contacto:

Maria de Fátima M. Jorge Aires

Telem: 965873351

e-mail: mfatimajorge@sapo.pt

Anexo 27 – Convite à Santa Casa da Misericórdia de Soure

Santa Casa da Misericórdia de Soure
Ao c/ provedor Reinaldo Ramos
Rua dos Bombeiros Voluntários
3130 –202 Soure

Assunto: Cultura – Património Tradicional. Pedido de colaboração

Data: 25/04/2012

Maria de Fátima M. Jorge Aires, aluna do Mestrado em Ensino de Educação Musical do Ensino Básico da Escola Superior de Educação de Coimbra, no âmbito do projeto de investigação intitulado “Em defesa do Património Tradicional do Concelho de Soure” vem por este meio solicitar a V^a Ex^a colaboração através do Grupo de Cantares para participação no “Encontro Pedagógico”, integrado naquele projeto. O repertório assentará em temas da música tradicional do nosso concelho. O evento terá lugar na tarde do dia 08 de Junho, na Escola EB 1,2 de Soure o qual será desenvolvido em articulação com o grupo disciplinar a que pertence (Educação Musical). Mais informa a requerente estar a exercer funções docentes no Agrupamento Martinho Árias de Soure.

Através da v/ presença e participação será dado um cunho particular ao Encontro assim como, uma mais valia para a aprendizagem dos nossos alunos quer ao nível dos saberes quer dos benefícios na partilha dos mesmos.

Com os melhores cumprimentos e aguardando uma resposta de V^a Ex^a subscrevo-me respeitosamente,

Contacto:

Maria de Fátima M. Jorge Aires

Telem: 965873351

e-mail: mfatimajorge@sapo.pt

Anexo 28 – Convite à APPACDM de Soure

À
APPACDM de Soure
R. António José Carvalho Ventura
Rua dos Bombeiros Voluntários
3130 –200 Soure

Assunto: Cultura – Património Tradicional. Pedido de colaboração

Data: 10/04/2012

Maria de Fátima M. Jorge Aires, aluna do Mestrado em Ensino de Educação Musical do Ensino Básico da Escola Superior de Educação de Coimbra, no âmbito do projeto de investigação intitulado “Em defesa do Património Tradicional do Concelho de Soure” vem por este meio solicitar a V^a Ex^a colaboração através do Grupo de Danças e Cantares para participação no “Encontro Pedagógico”, integrado naquele projeto. O repertório assentará em temas da música tradicional do nosso concelho. O evento terá lugar na tarde do dia 08 de Junho, na Escola EB 1,2 de Soure o qual será desenvolvido em articulação com o grupo disciplinar a que pertence (Educação Musical). Mais informa a requerente estar a exercer funções docentes no Agrupamento Martinho Árias de Soure.

Através da v/ presença e participação será dado um cunho particular ao Encontro assim como, uma mais valia para a aprendizagem dos nossos alunos quer ao nível dos saberes quer dos benefícios na partilha dos mesmos.

Com os melhores cumprimentos e aguardando uma resposta de V^a Ex^a subscrevo-me respeitosamente,

Contacto:

Maria de Fátima M. Jorge Aires
Telem: 965873351
e-mail: mfatimajorge@sapo.pt

Anexo 29 – Convite aos artesãos

Exm^o (ª) Sr(ª)

Maria do Rosário Cerralha Centeio

Carvalheira de Baixo

Assunto: Cultura – Património Tradicional. Pedido de colaboração.

Data: 15/05/2012

Maria de Fátima M. Jorge Aires, aluna do Mestrado em Ensino de Educação Musical do Ensino Básico da Escola Superior de Educação de Coimbra, no âmbito do projeto de investigação intitulado “Em defesa do Património Tradicional do Concelho de Soure”, vem por este meio solicitar a V^a Ex^a colaboração para o “Encontro Pedagógico”, integrado naquele projeto através da apresentação da técnica artesanal de fazer o queijo. O evento terá lugar na tarde do dia 08 de Junho, na Escola EB 1,2 de Soure o qual será desenvolvido em articulação com o grupo disciplinar a que pertence (Educação Musical). Mais informa a requerente estar a exercer funções docentes no Agrupamento Martinho Árias de Soure.

Através da v/ presença e participação será dado um cunho particular ao Encontro assim como, uma mais valia para a aprendizagem dos nossos alunos quer ao nível dos saberes quer dos benefícios na partilha dos mesmos.

Com os melhores cumprimentos e aguardando uma resposta de V^a Ex^a subscrevo-me respeitosamente,

Contacto:
Maria de Fátima M. Jorge Aires
Telem: 965873351
e-mail: mfatimajorge@sapo.pt

Anexo 30 – Programa do Encontro pedagógico

Agroupamento de Escolas
 Bartolomeu Peres - Soure

ATIVIDADES DE ENCERRAMENTO DO ANO LETIVO

8 DE

JUNHO/2012

MANHÃ	ATIVIDADE/DINAMIZADORES	ANO TURMA	Prof. Acompanhantes
09H30 – 12H00	CONCURSO ANIM'SOL Prof. Sónia Antunes/11ºE	6º Ano	Professores das turmas
10H05 – 10H50	EXPOSIÇÕES ATELIER DE PINTURA (ARTISTAS CONVIDADOS) Carlos Resende Helena Toscano Margarida Diogo Pedro Olaio Educação Visual e Tecnológica	5º A 5º C	Benilde António António Ferreira
10H50 – 11H35		5º B 5º D 5º E	Albertina Lemos Margarida Marques Luísa Marinheiro
12H00 – 12H30		6º A 6º B 6º C	Inês Costa/Alice Escaroupa Isabel Rodrigues/Leonor Santos Edite Lopes / Alzira Dinis
12H30-13H00		6º D 6º E	Artur Sousa / Luis Lopes Margarida Monteiro
13H00 – 14H15		ALMOÇO/ MEGA-PICNIC	
TARDE	ENCONTRO PEDAGÓGICO Educação Musical	1º /2º CICLOS	Prof. Acompanhantes
14H30- 15H30	<ul style="list-style-type: none"> • Artesãos do Concelho de Soure • “Gaitas Tradicionais de Soure” • “Cantares da Santa Casa da Misericórdia de Soure” • “Grupo de Danças e Cantares da APPACDM” • Jogos Musicais (Expressão Musical 1º Ciclo – AEC) 	1º ciclo	Professores Titulares Professores das turmas
		2º ciclo	Diretores de Turma Professores das turmas
15H30-16H30	JOGOS TRADICIONAIS (11ºE)	1º/2º ciclos	Professores Titulares das turmas Diretores de Turma Professores das turmas
19H00 – 21H30	ATIVIDADES DESPORTIVAS ENTRE PAIS E FILHOS (Educação Física)	1º/2º ciclos	Professores de Educação Física

Nota a) O “Encontro Pedagógico” foi organizado pela prof. Fátima Jorge no âmbito do Mestrado em Ensino da Educação Musical no Ensino Básico.

Nota b): Fora destas atividades, os alunos cumprem o horário letivo normal.

Anexo 31 – Convite aos pais e encarregados de educação

Agrupamento de Escolas
Bacalhó Ártico - Soure



CONVITE

No âmbito do Plano de Atividades deste Agrupamento vêm os grupos dinamizadores convidar V^ª Ex^ª a estar presente nas atividades de encerramento do ano letivo, a desenvolver no dia 8 de Junho de 2012, na Escola EB 1,2 de Soure.

Programa

Manhã: Das 09H30 às 12H00 – Concurso ANIM'SOL – 6^ª Ano

Das 12H00 às 13H00 – Exposições/ Atelier de pintura com artistas convidados

Tarde: Das 14H00 às 16H30 – “ENCONTRO PEDAGÓGICO” – 1^ª/2^ª ciclos

- Artesãos do Concelho de Soure
- Grupo de Gaitas “Tradicionais” de Soure
- “Cantares da Santa Casa de Misericórdia
- Jogos Musicais – (AEC)
- Jogos Tradicionais

A sua presença contribuirá para o sucesso das atividades em que o seu educando está envolvido e será uma mais-valia ao nível da partilha dos saberes.

O Diretor de Escola

Agrupamento de Escolas
Bacalhó Ártico - Soure



CONVITE

No âmbito do Plano de Atividades deste Agrupamento vêm os grupos dinamizadores convidar V^ª Ex^ª a estar presente nas atividades de encerramento do ano letivo, a desenvolver no dia 8 de Junho de 2012, na Escola EB 1,2 de Soure.

Programa

Manhã: Das 09H30 às 12H00 – Concurso ANIM'SOL – 6^ª Ano

Das 12H00 às 13H00 – Exposições/ Atelier de pintura com artistas convidados

Tarde: Das 14H00 às 16H30 – “ENCONTRO PEDAGÓGICO” – 1^ª/2^ª ciclos

- Artesãos do Concelho de Soure
- Grupo de Gaitas “Tradicionais” de Soure
- “Cantares da Santa Casa de Misericórdia
- Jogos Musicais – (AEC)
- Jogos Tradicionais

A sua presença contribuirá para o sucesso das atividades em que o seu educando está envolvido e será uma mais-valia ao nível da partilha dos saberes.

O Diretor de Escola

Anexo 32 – Cartaz do Encontro pedagógico

Grupo de Escolas
Martinho Árias - Soure

Escola Básica 1,2 de Soure
Encontro Pedagógico
8^o Junho 2012
das 14h30 às 16h30



Música Tradicional
Jogos Tradicionais
Jogos Musicais Infantis
Artesãos do Concelho de Soure

O Encontro Pedagógico insere-se no projeto de investigação "Em defesa do património tradicional do concelho de Soure", que a professora Fátima Jorge está a realizar no âmbito do mestrado em Ensino da Educação Musical no Ensino Básico da Escola Superior de Educação de Coimbra


Com o apoio:

Centros Profissionais
-> Técnico de Restauração e Bar
-> Técnico de Animação Sociocultural



Anexo 33 – Jogos Musicados

Ora Bate Padeirinha



O - ra ba - te, pa - dei - ri - nha, O - ra ba - te o pé no chão, O - ra
 ba - te, pa - dei - ri - nha, A - mor do meca co - ra - ção!
 Fui à
 Nem na
 fô - ra pra te ver, Fui ao rio pra te fi - lar.
 Men - te, nem no ri - o Num - ca te pu - de - en - con -
 trar!

Dança:

Com a roda formada e parada e os elementos do par frente a frente (as raparigas no exterior da roda), dançam ao ritmo da música. As raparigas com as mãos na cintura e os rapazes com as mãos no peito (gesto de agarrar no colete).

Nos 1º e 2º versos da 1ª quadra, enquanto o rapaz aponta para a rapariga, esta bate com o pé direito no chão

Nos 3º e 4º versos da 1ª quadra os pares agarrados, dão uma volta.

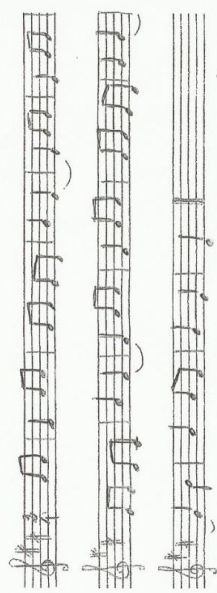
Na repetição da quadra procede-se da mesma maneira batendo, desta vez, o pé esquerdo.

Nos 1º e 2º versos da 2ª quadra os pares de braço dado, andam para a direita.

Nos 3º e 4º versos da 2ª quadra invertem o sentido batendo palmas.

Nota: Na repetição da música o esquema mantém-se.

"O Lencinho"



*Eu perdi, eu perdi o meu lencinho
 No Terreiro, no terreiro a brincar
 Minha mãe, minha mãe não me dá outro
 Eu tenho que o ir achar.*

*Aqui vai o lenço
 Aqui fica o lenço
 Aqui vai o lenço
 Aqui fica o lenço*

Descrição do Jogo

*As crianças formam uma roda.
 No seu interior, uma criança corre em volta deixando cair o lenço atrás de um dos elementos da roda, fingindo de seguida. Este elemento, por sua vez, deverá pegar no lenço e correr atrás da criança que o largou tentando agarrá-la antes que esta ocupe o seu lugar.*

QUE LINDA FALUA

QUE LINDA FALUA QUE LÁ VEM, LÁ VEM,
E UMA FALUA QUE VEM DE BELÉM!

FILHOS
EU PEÇO AO SR. BARQUEIRO QUE ME DEIXE PASSAR,
TENHO FILHINHOS PEQUENINOS, NÃO OS POSSO SUSTENTAR!

PASSARÁ PASSARÁ, MAS ALGUM DEIXARÁ,
SE NÃO FOR O DA FRENTE, HÁ-DE SER O DE TRÁS!

Projecto: «MELODIAS DE SEMPRE»
JOGO MUSICADO

Duas crianças, frente a frente, de mãos dadas e de braços levantados, cantam os primeiros dois versos.

As restantes avançam em fila e, cantando os 3º e 4º versos, vão passar por baixo dos braços das duas primeiras, que respondem com os 5º e 6º versos.

Ao passar a fileira, há sempre uma criança que fica presa entre os braços das duas primeiras.

Estas escolhem previamente duas palavras ou nomes (ex. maçã/laranja) e perguntam, à criança prisioneira, qual a palavra da sua preferência. Esta escolhe e passa para trás daquela a que corresponde a palavra escolhida.

O jogo recomeça sucessivamente e ganha a criança que tiver maior número de crianças prisioneiras.

Fátima Jorge Aires

“A Caminho De Viseu”

In - do - ru, in - do - ru, A ca - mi - nho de Vi - seu.
En - con - trei o meu a - mor. Ai, Je - su - s, que lá vou eu!

O - ra - cruz, cruz, cruz, cruz, cruz, cruz!
O - ra - cruz, cru - za - cruz, cru - za - cruz, cru - za - cruz!

1. Indo eu, indo eu | bis
A caminho de Viseu | bis
Encontrei o meu amor | bis
Ai Jesus, que lá vou eu! | bis

2. Indo eu, indo eu | bis
A caminho do jardim | bis
Encontrei o meu amor | bis
Ai Jesus, triste de mim! | bis

refrão
Vai de cruz, cruz, cruz | bis
Vai de trás, trás, trás | bis
Ora chega chega chega | bis
Ora arrelda lá p'ra trás. | bis

DESCRIÇÃO DO JOGO

- Na introdução com a roda formada e parada, os pares lado a lado dançam ao ritmo da música. As raparigas com as mãos na cintura e os rapazes com as mãos no peito (gesto de agarrar ao colega).
- Nos 1º e 2º versos os pares formam a roda de mãos dadas girando para a direita.
- Nos 3º e 4º versos invertem o sentido da roda.
- Nos 1º e 2º versos do refrão, a roda pára e os elementos de cada par viram-se um para o outro batendo palmas: 'Ora xta cruz cruz, com o seu par e 'Ora xta trás trás'.
- Nos 3º e 4º versos os elementos da roda dão as mãos: 'Ora chega, chega, chega, vai ao centro; 'Ora arrelda, lá para trás', voltam a posição inicial.

NOTA Na repetição da música o esquema mantém-se.

Fátima Jorge Aires